

potente de Deos, Author, Senhor, Governador de todas as cousas, & Dador de todo o bem. Elle ineffavelmente constituiu os Orbes, & tudo o que natural, & sobrenaturalmente pôde ser. Delle procede todo o modo, toda a especie, toda a ordem. Creou o insensível, & sensível. Compoz o homem dos quatro Elementos, de que compoz o Mundo; (per isso alguns Filozofos o chamáráo *Microcosmo*, que se interpreta Mundo pequeno;) deulhe ser como às pedras, vida sensível como às plantas, sensitiva como aos brutos, intellectual como aos Anjos. Ornou-o de belleza, faude, fecundidade, & de outros dons. Creou o Ceo, & a terra, & até os Espiritos celestes para seu ministerio; finalmente o fez viva imagem sua, 6 & (o que sobre tudo transcende) por seu amor desceo do Empyreo a servillo, & morreo por elle, & lhe prometteo a si mesmo, como hum devoto insigne 7 considerou. Certamente aquelle que tem cuydado de dar alimento aos passarinhos, que o não grangeão, & vestido aos lirios do campo, que o não trabalhão, como o não terá do governo, de quem he tanto mais? He argumento de Christo no Evangelho. 8 Aquelle que nem ao minimo das entranhas de hum bichinho, nem à flor da hervinha mais desprezada deyxou sem conveniencia, paz, & concordia de suas partes, não se pôde crer, que quizesse que estejam fóra das leys de sua Providencia os successos do homem, feytura sua tão especial, em cujas acçoens tão cuydadosamente usou de justiça para o castigo, & de misericordia para a redempção. He argumento do grande Agostinho. 9 Como premiaria, ou castigaria justamente as acçoens, de quem obrava forçado das Estrellas, & não voluntario?

5 Porém ainda que a boa *Fortuna* proceda principalmente da mão de Deos, he necessario, que o homem contribua. A materia segue a fórma, segundo he movida pelo agente; nada se reduz per si mesmo de potencia a acto; & assim a materia, & occasião, que o Author de tudo offereceo para a boa *Fortuna*, devem ser movidas, & bem encaminhadas pelo homem como Artifice, ao que convem, para o fazerem feliz. Deos dispoem, mas não tira o alvedrio, com que o homem pôde obrar de huma, ou de outra maneyra em ordem àquelle fim. *A Felicidade* (valendonos da comparação do Doutor Angelico 10 a semelhante proposito) está posta por alvo à nossa vontade: temos arco, & settas, que são nossas acçoens, para atirar àquelle alvo; se lhe não acertamos, he, porque ou não queremos atirar, ou não sabemos acertar. O doente que deseja faude (diz para este intento Justo Lypsio 11) ha-se de applicar medicinas; quem quer chegar ao porto, ha de apertar os remos, ou estender as velas; se ocioso as tiver tomadas, pouco lhe importará, que do alto lhe assoprem os ventos. Deos offerece quanto basta; mas quer

6 Genes. 1. 16. & 17.

7 Thom. de Kemp. de imit. Christ. l. 3. c. 10. ad med.

8 Matth. 6. 26. Luc. 12. 27.

9 D. August. d. l. 5. c. 11.

10 D. Thom. 1. 2. q. 1. art. 2. in corp.

11 Lyps. de Constant. c. 1. c. ult.

quer que mereçamos, & sem trabalhar não se merece, da sua
dadiva quer fazer nosso merito; nem quer obrar tudo, por
nos não descuydarmos, nem que obremos tudo por nos não
desvanecermos. Para resuscitar a Lazaro quiz, que os ho-
mens fizessem o que podiaõ, que era levantar a pedra da se-
pultura; 12 & depois fez o que elles não podiaõ, que era
restituir-lhe a vida. Compoem-se pois a boa *Fortuna* de seu
auxilio, & de nossa diligencia; o procuralla he do homem, o
successo he de Deos, & ha de procurar-se com acçoens pru-
dentes, não com temerarias: a desgraça com bom conselho
he acerto, & a ventura com temeridade não deyxá de ser
erro.

6 Neste sentido cada hum he artifice da sua *Fortuna*,
sabendo-se governar com prudencia. O *Sabio* (diz o Pro-
verbio 13) *dominara as Estrellas*: he vencedor da Fortu-
na, disse Juvenal: 14 & em outro lugar, 15 que havendo
prudencia haverá tudo, & que nós somos os que queremos
fazer a *Fortuna* Deosa. O mesmo affirmaraõ só com o lume
da razãõ Ennio, Virgilio, Seneca, Sallustio, & outros Gen-
tios, quando attribuirãõ os successos felices da *Fortuna* à for-
talesa, audacia, trabalhos, & outras qualidades dos homens,
& differãõ que ella não tinha jurisdicção contra as virtudes.
16 Salamaõ com o exemplo das formigas exhorta aos que
não querem ser pobres, a não serem preguiçosos, nem descuy-
dados, mas muyto diligentes; porque o remisso em obrar
cahe em miseria: o forte, & diligente em agenciar alcança
bonanças. E em outro lugar, que o que cultiva a sua terra,
será farto: o que se deyxá estar ocioso, he muyto nescio. 17
Sem trabalhar, & suar não ha que comer: he pensaõ, que
Deos poz a todos os homens. 18 E só são bemaventurados
os que comem de seu trabalho, como disse David. 19 A boa
diligencia he mãy da boa ventura; chega a vencer o mereci-
mento, pois com ella alcança hum inabil, o que hum muy-
to benemerito não alcançou, porque se descuydou fiado em
merecer. Por esta causa vemos muytos indignos mais levani-
tados. Assim como notou hum Escritor Medico de nossos
tempos, 20 que em desafios, & semelhantes combates muy-
tas vezes são melhor afortunados os de menos valor; por-
que menos confiados applicaõ todas as forças; & os outros
tendo a vitoria por certa, não as recolhem todas, como con-
vem. Gravemente disse Paterculo, 21 que do mão conse-
lho que cada hum segue, se lhe segue a mã *Fortuna*: & que
muytas vezes se lhe corrompe o conselho de modo, (o que
he summa miseria) que parece que o mal lhes vem mereci-
do. Atè dos Reynos, & Imperios (em que a mudança se tem
feyto infallivel) disse Deos por Isaías, que se acabavaõ por
falta de conselho, podendo ser perpetuos, se se governassem
bem. 22 Desejamos boa *Fortuna*, & obramos como quem a

12 Joan. 11. 39. Tollite lapidẽs;

13 Sapiens dominabitur Astris;
14 Juvenal 13. Victrix Fortuna
sapiencia.

15 Juvenal Sat. 10. Nullum Nu-
men abest, si sit prudentia, sed nos
Te facimus, Fortuna, Deam, Cælo-
que locamus.

16 Ennius in 7. Fortibus est Forti-
tuna vitis data. Virgil. in Æneid. 6.
Vudaces Fortuna juvat. Senec. Epist.
36 In mores Fortuna jus non habet.
Sallust. in Catilin. Ubi locordia, at-
que ignavia te tradideris, nequaquã
Deos implores; irati, infestique
sunt. Optime Caldeia in Tribunal.
Polit. c. 7. ad med. vers. Tzetanus.

17 Proverb. 6. 6 & 10. 4. & 19.
11. Ecclesiasticus 20. 20.

18 Genes. 3. 19. In sudore vultus
tui vesceris pane tuo.

19 Psalm. 127. 2.

20 Caldeia de Heredia in Tribu-
nal. Medic. p. 2. c. 7. ant. med. vers.
valor,

21 Velleius Patercul. l. 1. 11. de Cæso
& vero. Inevitabilis factorum vis, cui-
jus Fortunam mutare constituit, cõ-
silia corrumpit. Quippe ita res ha-
bet, ut plerumque qui Fortunã mu-
taturus est, consilia corrumpat: effi-
cietque, quod est miserissimum, ut
quod accidit, etiam memò accidisse
videatur.

22 Isai. 48. 17.

deseja contraria, solicitamos nossos males, & com triste negociação peyoramos a vida, que em algum modo pudéramos fazer suave.

7 De hum, & outra *Fortuna* seja exemplo Annibal entre outros muytos. Pela ter prospera contra os Romanos se expoz aos mayores trabalhos, & soube usar de mayor industria no que parecia impossivel. Chegou a subir com seu exercito o inacessivel dos Alpes, engatinhando com mãos, & pés; quebrou grandes penhascos, applicando-lhes fogo com vinagre; meteu-se em aguas congeladas; perdeu hum olho pela inclemencia dos tempos; em quanto assim obrou, foy o melhor afortunado. Com numero inferior de Soldados venceu exercitos de Romanos de antes invenciveis: poz Roma no ultimo aperto, até chegar a seus muros. Mas alli por irresolução parou, & lhe disse Maharbal seu General da Cavallaria: *Tu Annibal, sabes vencer, mas não sabes usar da vitoria.* Logo por esta remissão começou a descahir; & acabáráo de se lhe voltar os successos por seu descuydo nas delicias de Capua; & até sua morte padeceo os mayores infortunios, 23 deyxando exemplo como a *Fortuna* segue as acçoens de cada hum. Assim o discursou tambem o excellente Petrarca no prologo da quella sua insigne obra de prospera, & adversa Fortuna. Melhor o mostrou Christo Senhor nosso na Parabola dos talentos, em que os que negociárao, foráo felicissimos; & o que se descuydou, teve tão má *Fortuna*, que não só não ganhou, mas tirou-se-lhe o que se lhe havia dado, & se deu ao que tinha mais, 24 porque foubra negociar. Assim succede muytas vezes, & accusamos a *Fortuna*, & tal vez a Providencia Divina, porque dá tudo a huns, & nada a outros, sendo isto justiça do que cada hum trabalhou. 25

8 Como quer boa *Fortuna* na guerra, ou na paz, quem sempre amou o descanso? E porque a não terá, o que não perdoou ao trabalho? Queyxa-se o cobarde, porque lhe vay diante o que se arriscou: queyxa-se o ignorante, porque o bom Letrado subio mais: o dissipador da fazenda, porque não he rico, como o que a proveytou: o que furtou, porque nada lhe luzio: & finalmente todos os que obrárao mal, porque se acháo inferiores aos que procedêrao bem; em tudo se queyxao da *Fortuna*, chamao *Fortuna* a seu máo proceder, sendo elles os culpados: como os peccadores, que accusamos o demonio, sendo que elle só nos podia tentar, mas não nos podia vencer, se nós não quizeramos. Resolvamonos em que cada hum tem o que grangeou por si, ou por seus progenitores: porque estes tambem grangeao para os descendentes o bem, ou o mal, 26 se os descendentes não degeneráo. Da igualdade natural de todos os homens foraão passando os descendentes à desigualdade, em que hoje se acháo, não por vias sobre naturaes, mas pelas conhecidas do que obrárao seus avós,

huns

23 Livius Decad 3. l.2.3. & 4.
Plutarch in Annibal.

24 Matth. 25. Luc. 19.

25 Vide D. Thom. 2. 2. q. 133. art.
2. in corp.

26 3. Reg 11. 12. Psalm. 36. 25.
Proverb. 10. 7. Joan. 9. 2.

huns em ordem a se levantarem, outros em ordem a se abate-
rem; & ainda na successaõ dos seculos alternãrãõ mudanças,
descendo muytos dos que se viraõ altos, & subindo muytos dos
que jaziaõ humildes; tudo effeyto de acçoens de cada hum.

9 He verdade, que muytos sóbem de repente sem me-
ritos: & a muytos não val a diligencia, nem a industria, &
pelos mesmos caminhos huns se perdem, oütros se ganhaõ, o
que parece só *Fortuna*. Mas já Claudiano Genticio respondeo
que era justo juizo dos Deoses. 27 Os Chriãõs devemos
considerar, que Deos he Senhor de tudo, sem fazer injustiça
pòde dar mais aõs que trabalhãrãõ menos: 28 a summa jus-
tiça he a sua vontade: he-lhe licito o que quer, & não quer
fenaõ o que he licito. Nem o servo ao Senhor, nem o subdi-
to ao Principe deve perguntar razaõ do que faz, & menos
inquirir os juizos Divinos: ao Faetonte que subir a este Sol,
se derreterãõ as azas: a borboleta, que chegar a esta luz, ca-
hirã abraçada: só devemos saber, que he Pay, que a todos dá
o que mais lhe convem: como Medico receyta a cada hum con-
forme a seu humor, & natural. Abayxo diremos mais disto. 29
Agora nos basta advertir, que casos especiaes não offendem a
çerteza da regra. Estã dictã ser necessario procurarmos por me-
yos convenientes o que desejamos: que o bem não nos ha de vir
buscar: & se o não conseguirmos, teremos mayor *Felicidade*, fa-
zendo merito na conformidade com Deos, como diremos em
outro Capitulo. 30

27 Claudian. l. 1. in Rufin. Tol:
luntur in altum, ut lapsu graviore
ruant.

28 Matth. 20. 13.

29 Infra cap. 27. n. 5.

30 Infra d. c. 27. & 28.

C A P I T U L O X I.

*Que o fundamento para dominar a Fortuna, he pro-
curar a graça Divina.*

1 **S**Uppoisto ser cada hum artifice da sua *Fortuna* pe-
lo que obra, como fica dito, vejamos como deve
obrar.

2 O fundamento de tudo he Deos, como disse o Apo-
stolo; 1 quem tiver a Deos, terá tudo, não lhe será necessa-
rio esperar dos homens; quem servir a Deos com o cuydado,
com que serve ao Mundo, terá a Deos, & ao Mundo; mas
promettendo o Mundo com incerteza cousas bayxas, & offe-
recendo Deos seguramente as mais altas, fomos negligentes:
por isso nem humas, nem outras temos. Os Genticos só com o
lume da razaõ differãõ, -que a quem os seus Deoses mais fa-
voreciaõ, era melhor afortunado; por isso os adoravaõ, & à
mesma *Fortuna* entre elles, como vimos no Capitulo pri-
meyro. E este ponto deu a materia principal aos livros da
Cidade de Deos de Santo Agostinho, tratando da boa *For-
tuna* dos Romanos. Foy sentença de Plauto 2 venerado co-
mo

1 D. Paul. 1. ad Corint. 3. 13.

2 Plaut. in Amph. Omnia ad sum-
bona, quem penes est virtus.

3 *Aristot. 5. Rhet. ad Alex.* Deos proniores esse in eos, qui maxime illos colunt

4 *idem Aristot. 2. 2. c. 5* Qui bene se habent ad divina, audaciores sunt.

5 *Audaces Fortuna juvat. Virgil. 10. Æneid.*

6 *Liv. Dec. 1. 1. 5.* Omnia prospera veniunt sequentibus deos: adversa autem spei ventibus.

7 *Arist. 1. Ethic. & 8. & Polit. 7.*

8 *Senec. epist. 67.*

9 *Authentico de Sanctissim. Episcop. 6. Sancimus collat. 9.*

10 *Item maior. 1. 1. 1. de excus. Tutor. D. Hieronym. Epist. ad Paulin. de lib. S. Script.*

11 *Infrat. sequent.*

12 *Matth. 6. 33.* Quærite ergo primum Regnum Dei, & iustitiam eius, & hæc omnia adjiciantur vobis.

mo Oraculo dos antigos, que o que tinha virtude, tinha todos os bens. Aristoteles 3 ensinava a Alexandre, que os Deoses favoreciaõ mais aos que os veneravaõ muyto: & disse, que os cultores das cousas Divinas erãõ mais oulados. 4 Grande qualidade para alcançar boa *Fortuna* conforme o celebrado proverbio de Virgilio. 5 Tito Livio 6 affirmou, que tudo succedia prosperamente a quem seguia o culto dos Deoses: & tudo o contrario a quem o desprezava: dizendo-se isto daquella falsa sombra de religiaõ; que diriaõ da luz verdadeyra?

3 Sejanos logo regra primeyra por mais sem suspeyta a diffiniçaõ da *Felicidade*, que se tira da doutrina de Aristoteles em varios lugares, 7 & seguiu Seneca: 8 *A felicidade he huma operaçaõ da Alma por virtude perfeyta; ou: Operaçaõ segundo virtude perfeyta, que obra nos exteriores: ou: Operaçaõ, & uso perfeyto da Virtude.* Por qualquer destes modos a funda na virtude.

4 Com mais luzes devemos os Christãos fundalla na virtude: Virtude melhor fundada em Christo. Temos livros espirituales, de que eu quizera aprender o caminho para ella: quem necessita de ser ensinado, não pôde ensinar. 9 Já disse acima, que não tratava semelhante materia por falta de cabedal, & profissaõ; & com tudo abayxo 10 ha de ser necessario ao contexto da obra & corroboraçãõ do que entãõ diremos, referir com particularidade algumas doutrinas principaes; agora basta por todas referir a de Christo Senhor nosso: *Buscay em primeyro lugar o Reyno de Deos, & em consequencia vos virãõ todas as cousas.* 11

C A P I T U L O XII.

Quem quer obrar com bom fim, já leva dominada a Fortuna, que em nenhum successo lhe pôde tirar Felicidade.

1 **P**osto o fundamento em Deos, segue-se immediatamente dirigir todos os desejos, & acções a bom fim; que he em qualquer materia dirigillos a tudo, o que pôde contentar a Deos.

2 Christo Senhor nosso ensinou, que o bem, & o mal nascem do coração, porque delle sahe a tençaõ com que se obra: 1 & esta he a que dá fórma. Da raiz que está no coração, sahem como ramos as obras confórmes a elle; 2 & assim disse São Joãõ Chrystostomo, 3 que a obra se qualifica pela causa, não pelo que he em si: & já Tacito havia dito, que o mão fim para que se obrava, afeava a mais egregia acçaõ. 4 Devia tomar esta doutrina do que escreveu Aristoteles no livro das Ethicas. 5

1 *Matth. 15. 18. & 19.* De corde enim exeunt cogitationes.

2 *D. Pau. ad Roman. 11. 16.*

3 *D. Chrysof. in tract. de Symbol. Opus non ex se, sed ex causa fit erimen.*

4 *Tacit. hist. 1. 4.* Finis turpis laudem egregiam maculat.

5 *Arist. 6. Ethic. 1. 2. ac passim.*

3. Contórme a isto , já o que se quer para bom fim , le-
va consigo certa a boa *Fortuna* no merecimento , o qual nenhũ
mão successo lhe pôde tirar ; porque , como diz Santo Agosti-
nho , nenhum he julgado pelo que succedeo , mas só pelo que
quiz fazer , 6 & contra esta virtude não tem a *Fortuna* po-
der , como disse Seneca. 7

4. Tambem para o successo leva o bom intento grande
recomendação para com Deos , que assim como abomina o
mal , se interessa na boa vontade. 8 Impossivel parecia o que
inventou Judith , & com tudo o executou felizmente pelo
virtuoso fim , com que o empredeo , como declara o Têxto
santo. 9 Impossivel era a restauração de Hespanha , que co-
meçou Dom Pelayo contra os Mouros , metido em huma co-
va , cuja entrada se defendia com mil Christãos de cento & oy-
tenta & tantos mil combatentes ; & assistio Deos a seu bom
intento de modo , que junto da mesma cova ficáraõ mortos
cento & vinte & quatro mil , voltando-se as settas , & lanças ,
que arremeçavaõ , contra elles mesmos , & morrendo sessenta
mil dos que fugiaõ , debayxo das quebradas de hum monte ,
que cahio sobre elles. 10 Quasi semelhantes vitorias alcan-
çáraõ os Reys seus successores , porque proseguirão o mesmo
intento , sem ambição , só pela honra de Deos. Os Portu-
guezes em géral , & em particular lograraõ , & dominaraõ
nas Conquistas aquella *Fortuna* , com que obráraõ façanhas ,
que (como disse hum discreto Orador Castelhanao 11) to-
raõ as primeyras que tiráraõ à verdade o parecello. Em quan-
to se embarcavaõ de Portugal só com animo de propagarem
o Evangelho , & de alcançarem honra , taõ alheios de outro in-
teresse , como mostrou o Viso-Rey da India Dom Constantino ,
filho do Duque de Bragança , quando havendo tomado em cer-
ta guerra hum dente de bugio , que huns idolatras adoravaõ , &
offerecendo elles pelo resgatarem mais de quatrocentos mil
cruzados , o Viso-Rey antepondo a honra de Deos o queymou
à vista , & com grande sentimento daquelles barbaros. 12 Mas
depois que muytos tomáraõ outros fins , se trocou a *Fortuna* ,
como experimentamos , dominando ella a quem de antes ser-
via. Aré aos Gentios Romanos , nota Santo Agostinho , 13 que
Deos felicifava as açcoens pelo bom fim , a que as encaminha-
vaõ , do bem de sua patria : depois ella , & elles ao mesmo pas-
so se mudáraõ.

5. Dos homens tambem se pôde esperar favor para conse-
guir o bom intento , se o conhecerem. Porque , como diz
Marco Tullio , 14 naturalmente se ajuda o que parece bom ,
& se encontra o que se tem por mão. Que homem de boa in-
dole não folgará de concorrer para hum intento virtuoso :
ou quererá favorecer a hum vituperavel ? E nas obras exte-
riores pouco , ou nada se pôde alcançar , sem adjutorio. Adam
todo poderoso na terra , todo sabio , & todo perfeyto , disse
Deos,

6 D. Augustin. in Matth. Quo-
modo fueris , non quomodo even-
rit tibi in putabitur.

7 Senec. epist. 36. In mores For-
tuna jus non habet.

8 Proverb. 11. 20. Abominabile
Domine cor pravum ; & voluntas
ejus in iis , qui simpliciter an bulã.

9 Judith 10. 4. Dominus contu-
lit splendorem , quoniam omnis il-
ta compositio non ex libidine , sed
ex virtute pendebat , & ideo Domi-
nus hauc in illam pulchritudinem
ampliavit.

10 Marian. hist. Hispan. tom. 12
l. 7. c. 2.
Brito, Monarch. Lusit. p. 2. l. 7. c. 6.

11 P. Fr. Hortens. Felix Paravia
tin. serm. 1. de S. Isabel Rainha de
Portugal.

12 Couto Decad. 7. l. 9. c. 17.
P. Lucena na vid. de S. Fr. e Xavier
l. 2. c. 11.
Pedr. Ortiz , viagens do Mund. l. 3.
c. 13 que erradamente se attribue ise-
to a Pedro Malcoteubas.

13 D. August. de Civit. Dei l. 5.
cap. 15.

14 Tul. Tuscul. 4. Naturam omã
nes que bona videatur , sequuntur
fugiantque contraria. Et it. rum : Ut
bona naturã appetimus , sic à malis
naturã declinamus.

536 Dominio sobre a Fortuna,

Deos, não era bom, fosse só, & que necessitava de quem o ajudasse. 15

6 Verdade he, que muytos intentos virtuosos tiverão successos contrarios; como as empresas do Santo Luis IX. Rey de França em Asia, & em Africa; na primeyra das quaes, defeyto seu exercito com o mal de peste no cerco de Massera, foy prisioneyro do Soldão de Babylonia: & na segunda morreo de doença tendo cercado Tunes. 16 Semelhante foy a que ainda sentimos de nosso lamentado Rey Dom Sebastião em Africa. Mas são casos espeziaes por altos juizos de quem tudo governa para melhores fins; não he licito investigallos, porque excedem a razaõ humana, devem-se temer, não discutir, como diz o Santo Kempis, 17 & dizer com o Profeta: 18 *Justo sois, Senhor, & recto vosso juizo. Os juizos do Senhor são verdadeyros, justificados em si mesmos.*

7 A regra géral he, como fica dito, que aos homens de boa vontade annunciarão os Anjos *Felicidade* na terra; 19 a quem tem boa vontade, tudo he prospero: já leva certa a boa *Fortuna*, quem no principio desejou bom fim, & sem que lha possa tirar qualquer successo com apparencia de infeliz.

C A P I T U L O XIII.

Como para dominar a Fortuna he efficaz meyo a resignação na vontade de Deos.

1 **P**roposto o bom fim, como se disse no proximo Capitulo, se deve considerar ser verdade infalivel, que nada succede, ainda nas cousas mais pequenas, sem disposiçãõ de Deos, supremo Governador de tudo. O que aos homens parece acaso, foy Providencia Divina. 1 Só do peccado não he Author; porque isto repugna à sua immensa Bondade: 2 Author he do movimento, & acto externo, com que elle se commette em quanto indifferente; mas não do acto interior, com que a vontade o applicou mal, porque esse depende do livre alvedrio. Em hum homicidio he Author do indifferente movimento da mão do homem, como do de qualquer animal irracional, pois se não pôde mover sem Deos; não da desordem, com que a vontade livre o applicou para mal, podendo applicallo para bem. Só por occultos juizos o permite, podendo-o impedir; & tal vez o toma por instrumento para castigar os mãos, como tomou a Assur Rey dos Assyrios contra Israel: 3 a Cyro contra os Caldeos: 4 a Tito contra Jerusalèm, 5 a Alarico contra Roma: 6 & a Atila, que se chamava Açoute de Deos, contra grande parte do Mundo. Outras vezes para emendar os bons, como tomou a Absalam a respeyto de David, 7 ou para os pro-

15 *Genes. 1. 18. Non est bonum hominem esse solum, faciamus ei adiutorium simile sibi.*

16 *Rupert. Gaguin. hist. Franc. l. 7. Annal. Franc. ann. 1249. & ann. 1267.*

17 *Kempis de imit. Christ. l. 3. c. 58 in princ.*

18 *Psaln. 118. 137. & Psalm. 18. 10.*

19 *Luc. 2. 14. Et in terra pax hominibus bonae voluntatis.*

1 *Proverb. 16. 35. Matth. 10. 29. & 30.*

2 *Psaln. 5. 5. & Psalm. 44. 8. Idem dixit Senec. epist. 96. post med.*

3 *Isai. 10. 5.*

4 *Isai. 45. 1.*

5 *Hist. Bekefast. p. 2. l. 3. c. 1.*

6 *Hist. Bekefast. p. 1. l. 9. c. 1.*

7 *2. Reg. 12. 11.*

procurar, como com o Demonio provou a Job: ou para os exercitar na paciencia, como com a cegueyra ao velho Tobias; 8 mas depois lança no fogo a vara de que se servio, como disse Santo Agostinho. 9 Neste sentido se entende o que disse o Profeta Amos, de que não ha mal que Deos não faça; 10 quiz dizer, que todos procedem, ou pendem de sua disposiçaõ, & providencia; & em todas estas occasioens não deve ser menos louvado, & amado, que nas de fazer mercês.

2 *Resignarse* o homem na vontade de Deos para todos os successos da vida, & da morte, he a mayor sciencia, & a mayor virtude, taõ prompto deve estar para padecer, como para gozar; & assim porque se imita a Christo Senhor nosso, que professou haver descido do Ceo para fazer a vontade de seu Eterno Pay, 11 & nella se resignou todo até a morte mais afrontosa, & mais amargosa, 12 como porque, sendo o primeyro, & principal preceyto amar a Deos, 13 em nada se pôde verificar tanto o amor, como em querer, & não querer o mesmo que quer, & não quer o amado. 14 Pelo que o Divino Mestre, na oraçaõ, que nos ensinou para cada dia, meteo a protestaçaõ, que devemos fazer de que nosfa vontade he, que se faça a sua, assim na terra, como no Ceo. 15 Com ella, diz hum grande Escritor, 16 excellente guia para o espirito, que se gozará na terra a *Felicidade* do Ceo, aonde os bemaventurados estão em tudo unidos a Deos. E pôde ser que por esta razaõ o mesmo Senhor naquella oraçaõ, depois de dizer: *Venha a nós o teu Reyno*, que he o do Ceo por graça, profeguiu immediatamente: *Faça-se tua vontade, assim na terra, como no Ceo*. Porque ambas estas cousas procedem como inseparaveis.

3 Além desta espiritualidade, ha na *Resignação* em Deos a mayor conveniencia para o temporal da *Fortuna*, assumpto deste nosso tratado. He conselho do Ecclesiastico para em tudo crescermos. 17 Obriga-se Deos muyto de nos por mos de todo no seu querer; tanto que Saulo 18 assim o fez, dizendo: *Senhor, que quereis que faça?* Logo o escolheo para Vaso de eleyçaõ. A Job restituhio em dobro todos os bens, que perdéra: 19 a David, porque se tinha resignado em suas mãos, 20 livrou das de Saul com particulares auxilios. Nas vidas dos Padres se conta, que perguntando hum lavrador: *Como, ou porque os seus campos, & vinhas davaõ sempre mais frutos que as dos vizinhos*, respondeo, *que era, porque tinha sempre os tempos que queria*. E perguntandose-lhe, *Como podia ser*, respondeo: *Eu nunca quero outro tempo, senão o que Deos quer: & como quero o que Deos quer, elle me dá os frutos como eu quero.* 21

4 Quando não succeda o que queremos, entendamos que he para nosso bem por vias que não alcançamos, como disse

8 Job 1.12.

9 D. August. sup. Psalm. 73.

10 Amos 3.6. Si erit malum in civitate, quod Deus non fecerit?

11 Joan. 6.38.

12 Matth. 6.39. & 42. Marc. 14.36. Luc. 22.42.

13 Matth. 21.37. & 38.

14 D. Hieronym. Epist. ad Dem. Esdem velle, & eadem nolle, eadem fitma amicitia est.

15 Matth. 6.10.

16 P. Affonso Rodrig. Exercit. esp. 1. trat. 8. c. 4.

17 Ecclesiast. 2.3.

18 Act. 9.6. Domine, quid me vis facere?

19 Job 1.21. & c. ult. 10. cum seq.

20 1 Reg. 25.13.

21 Refere o P. Rodrigues sup. c. 8. in fin.

538 **Dominio sobre a Fortuna,**

disse a Santa, & valerosa Judith aos seus: 22 & o Escritor dos livros dos Macabeos aos leytores; 23 o que expendemos abayxo em mais proprio lugar. 24 Já Socrates, que entre os Gentios foy Oraculo terrestre da sabedoria humana, dizia, 25 que não se devia pedir aos Deoses, senão em géral, que nos dessem bens; porque só elles sabião, quaes estes eraõ, & os que nos convinhaõ; porque a vontade, & juizo dos homens envolto em trevas, muytas vezes desejava, o que lhe era nocivo. A mayor sciencia da creatura, he deyxarse toda nas mãos de seu Creador, que sabe o para que a formou, & como o ha de governar; a ella só pertence viver attenta à obediencia, & amor de seu Senhor; & elle he fidelissimo no cuydado de quem assim o obriga, & toma por sua conta todos os negocios, & successos, para tirar delles victorioso, & acrescentado, a quem de sua verdade se fia. Quantos bens perdem as creaturas, por não alcançarem esta sabedoria? negaõ-se ignorantes à Divina Providencia, que he forte, suave, & efficaç; que mede os Orbes, & Elementos, conta os passos, numera os pensamentos, & tudo dispoem em beneficio da creatura; & entregaõ-se de todo o ponto à sua mesma negociaçõ, que he dura, inefficaç, & fraca, cega, incerta, & precipitada. Deste mão principio se originaõ, & se seguem para a creatura irreparaveis danos; porque ella mesma se priva da Divina protecçõ, & se degrada da dignidade de ter a seu Creador por amparo, & tutor seu. E além disto se pela sabedoria carnal, & diabolica, a quem se somette, lhe succede alguma vez alcançar, o que com ella se busca, se julga por ditoso em sua infelicidade, & com sensivel gosto bebe o mortal veneno da eterna morte entre a enganosa deleytaçõ, que desamparada, & aborrecida de Deos consegue.

5 Por este meyo domina o homem a *Fortuna*, como a domina Deos; pois succedendo tudo à vontade de Deos, fica succedendo tudo à vontade do homem, que se poz nella, & assim não tendo vontade propria, sempre faz a sua vontade, & se acha com ella feyta, ainda que não queyra. 26 Deste modo vivirá sempre contente, gostando de tudo o que vier; & em perpetua paz, pois nada o perturba, nada teme, nada o afflige, tudo abraça voluntario, & como procurado, & desejado por elle mesmo. A qual paz he bemaventurança, que imita a do Ceo, que, como diz o Apostolo, 27 consiste na paz, & gosto que se logra em Deos. Até as adversidades o regalaõ, como vindas por vontade Divina; arde, & não se queyma, como a Çarça de Moyfés; 28 alegra-se entre as chammas, & louva a Deos como os mancebos de Babylonia. 29 Notou com excellencia o muyto douto, & espiritual Padre Affonso Rodrigues, 30 que isto he o que o Santo Job dizia: 31 *Senhor, maravilhosamente me atormentais.* Porque

22 Judith 8.

23 2. Maccab. 6. 12. & seq.

24 Infra cap. 17.

25 Refers Valer. Max. 1. 7. c. 1.

26 S. Dorot doctrin. 9. Qui propriam non habet voluntatem, suam ipsius semper agit voluntatem, & sic nolentes propriam implere voluntatem, invenimus illam semper explevisse.

27 D. Paul. ad Rom. 4. 18.

28 Exod. 3. 2.

29 Daniel. 3.

30 P. Rodrig. sup. c. 4. in med.

31 Job 10. 16. Mirabiliter me crucias.

que

que por humia parte padecia com dores; por outra gostava de padecer, o que lhe vinha por disposiçaõ de Deos.

6 Já os Estoicos, se bem por termos Ethnicos, encaminhavaõ sua doutrina a alcançar esta boa *Fortuna* por este meyo. Dizião, que o fim natural do homem, era (como acima dissemos 32) *Felicidade*, a qual consistia em abraçar o bem; & que esta *Felicidade* não se offendia pelos successos adversos nos sentidos corporaes, se o animo se accommodava com elles. Porque todo o composto se denomina da sua parte principal; & que a principal do composto do homem era o espirito; pelo que, estando esta parte feliz, com o bem, que abraçava, todo o homem estava feliz, ainda que as partes corporaes deste composto padecessem trabalhos. Assim como humia Republica se chama feliz na guerra, se alcançou victorias convenientes ao principal de seu estado, posto que nellas perdesse Soldados, que eraõ membros seus. E dizião, que se isto não fora assim, & a *Felicidade* do espirito pendèra da do corpo, este ficava sendo o Senhor com grande absurdo, & offensa da natureza, que o fez escravo do espirito; & com abatimento da dignidade do homem, que consiste no espirito, & Alma racional. 33 Conforme a isto o illustre Agésilao, estando com dores de gotta, & vendo que Carneades, que viera visitallo, se despedia receando molestallo mais com sua presença, lhe disse: *Naõ vos vades, porque dalli (apontando para os pès) nada chega cá (pondo a mão no peyto. 34)* E Possidonio, atormentado em humia doença de gravissimas dores, dizia: *Em balde trabalhas ò dor; nunca confessarey, que es mal. 35* Em outro lugar 36 temos referido semelhantes exemplos.

7 Christianando esta doutrina, se o homem poem sua *Felicidade* (como deve) na resignação com a vontade Divina; a goza seu espirito em qualquer successo, posto que os sentidos corporaes queyraõ resillir; pois a parte mais alta, & principal, em que o homem consiste, goza dessa *Felicidade*, que desejava de ter, & padecer o que Deos quer.

CAPITULO XIV.

Que o conhecimento proprio he hum dos meynos, porque a prudencia leva o homem a dominar a Fortuna.

I Inventarão os homens a Geografia, para conhecerem todas as terras, & todos os mares. Estenderão-se à Cosmografia, para comprehenderem tambem o elementar, & ethereo, & dentro dos celestes Circulos a maquina uniyersal. Particularizáráõ com a Astronomia o conhecimento,

32 *Supra cap. 13.*

33 *Diffemos no trat. Eva, & Ave pag. 2. c. 40 n. 14. & 15.*

34 *Cic. 1. Tuscul.*

35 *Bruson. l. 2. c. 1.*

36 *No trat. Eva, & Ave, pag. 2. c. 41.*

§40 Dominio sobre a Fortuna,

mento, & moto dos Aíros. Penetráráõ com a Astrologia suas qualidades, & influencias. Investigáraõ a natureza dos animaes, não só terrestres, mas no profundo das aguas; as virtudes escondidas das hervas, & das arvores, as propriedades das duras pedras; tudo finalmente por occulto, & remoto que se possa imaginar. Só do perfeyto conhecimento de si mesmos não tratão, citando isto tanto mais perto. Contentaõ-se com o géral da especie humana, sem descer cada huma seu individuo, sendo o que lhe importa mais. Grande miseria (como dizia Diogenes 1) olharmos para o que está tão longe, & não para o que temos a nossos pés! Não queremos vernos a este espelho, por nos não vermos tão feyos, como somos. *O' homem, (diz Bernardo 2 em pessoa de Deos) se te vires, te descontentarás; mas eu me contentarey de ti, porque não queres descontentarte, me descontentas; virá tempo, em que não contentarás, nem a mim, nem a ti: nem a mim, porque peccaste; a ti, porque arderás para sempre.* Vay tanto nullo, que Lucifer, porque se não conheceo, de Anjo se tornou demonio: & Francisco, porque se conheceo, de homem sabio a Serafim.

2 Todos os infortunios vem ao homem de se não conhecer. Deyxa-se levar da presumpção de ser feyto à imagem, & semelhança de Deos, 3 com a belleza da Alma racional: senhor de todos os animaes: 4 logrando a fermosura do Mundo creado para elle; & o que mais he, tão mimoso de seu Creator, que desceo do Ceo à terra, para com sua morte o livrar da culpa, & fazer capaz da gloria celestial. Muytos, sobre tantas excellencias, tem outras naturaes, & da Fortuna: nobreza, gentileza, valor, sciencias, riqueza, dignidades; vem-se applaudidos por varios titulos, & tão satisfeytos de si, como Semideoses. Em toda a Esfera he isto géral, no espiritual, & no temporal, posto que não haja fundamento. O mais ignorante, o mais vil, & pobre, o inhabil por doença, ou por outra causa, cuyda que não tem defeyto natural: só diz, que lhe faltou a *Fortuna*, mas que isso não lhe tira o merecimento. No temporal cresce este mal cada dia; já não ha quem soffra ser emendado: já se acabou a differença nos tratamentos; todos querem ser iguaes, ou maiores, & assim já se não acha algum menor na sua opiniaõ.

3 Taes vangloriosos, & arrogentes chamou o Sabio: *Abominação de Deos; 5 he sua soberba principio de todo o peccado: 6 & accrescentou, que não só he odiosa diante de Deos, mas tambem diante dos homens: 7 naturalmente se aborrece, até aos que peccaõ no mesmo vicio. Todos os outros viciosos ordinariamente amão seu semelhante: só estes sempre contendem entre si. Sendo, pois, o homem odiado no Ceo, & na terra, onde achará favor para ser bem afortunado? He inimigo de si mesmo. O que de si imagina, lhe impede a boa *Fortuna*; porque esta, como acima dissemos, 8 não*

1 Diogen. apud Laert. de vit. Philosoph. lib. 6.

2 D. Bernard. de inter. Dom. O homo, si te videres, tibi displiceres, & mihi placeres; sed quia te non vides, tibi places, & mihi displicet. Veniet tempus, cum nec mihi, nec tibi placebis, mihi, quia peccasti, tibi, quia in æternum ardebis.

3 Gen. f. 2. 20.

4 Psalm. 8. 8. & seqq.

5 Proverb. 16. 5.

Abominabilis Domino est omnis arrogans.

6 Eccles. 10. 17.

Initium omnis peccati est superbia.

7 Eccles. 10. 7.

Odibilis coram Deo, & hominibus superbia.

17 Suprá c. 10.

não se encontra sem ser buscada; & elle com o errado fundamento de seus merecimentos a não busca por via, em que a possa achar. Esta he a razaõ, porque vemos homens com grandes qualidades sem accrescentamento, & outros sem ellas muyto accrescentados: aquelles fiados em si cuydáraõ que a boa *Fortuna* os buscasse; estes desconfiados de seus meritos fizeraõ diligencia para achalla: & assim aquelles desmerecêraõ por sua presumpção, estes se fizeram dignos por sua humildade. O dos mayores meritos deve sempre entender que ha outros, que os tem aventajados. Hum daquelles Padres antigos do deserto, que só comia tremoços, se imaginava o mais abstinente, & vivia outro abayxo, que só se sustentava das cascas dos mesmos tremoços, que esperava em hum regato de agua, em que aquelle primeyro as costumava lançar a certa hora. Alguns nas Cortes cuydaõ, que por suas partes os hão de rogar, & achaõ se enganados; porque os Principes não querem rogar, nem aos mais necessarios; cottumão dizer que os suppoem mortos, pois se morressem, os havião de escusar.

5 Não te tenhas por melhor que outros, (disse hum Varão Santo 9) para que Deos te não tenha por peyor que todos. Os juizos de Deos são diferentes dos juizos dos homens; muytas vezes lhe não he agradavel o que a elles contenta: nunca faz mal a ninguem a todos: & muytas vezes faz mal anteporte a hum só. Conhece-te, 10 sabe quem es, & o que mereces; com isto acertarás tambem no temporal. He verdade, que podendo o homem comprehender tudo o mais; não se pôde conhecer a si, como notou Philo. 11 Por isso dissemos em outra parte, 12 que pondo Adam nome a todos os animaes, conforme à natureza de cada hum, 13 não quiz Deos, que o puzesse a si proprio, porque não acabaria de se conhecer, para se poder diffinir; o mesmo Senhor lho poz. 14 Mas isto procede de amor proprio, cego, improprio, estulto, como lhe chamou Horacio; 15 que o judicioso Esopo 16 dizia, que trazia alforges, & que no dianteyro metia as faltas alheas para as ver; & no das costas as proprias, & por isso as não via. Parece amor proprio, & he inimigo proprio, pois nos tira do que mais nos convem. 17 Facil he conhecermos, se quizermos só com a lembrança, que nos faz a Igreja Santa, de que somos pô, & em pô nos havemos de tornar. 18 O mesmo que disse São Bernardo: 19 *Tem sempre na memoria estas tres cousas: o que foste* (antes de nascido *o que es, & o que serás.* A segunda destas cousas, *o que es,* serve agora sómente para o nosso assumpto. Que es? Por todas as vias miseravel; foste creado com as perfeçoens, de que te jaetas; mas pelo peccado degeneraste de modo, que disse Deos que lhe pezava de tua creação. 20 E no corpo a creatura mais infructifera: aservas dão flores, as ar-

9 Thom. à Kemp. de imit. Christi. lib. 1. c. 3. n. 7.

10 Nescite ipsum.

11 Phil. 1. Allegor. Mens, quæ inest nostrum univium, que, cætera potest comprehendere; se ipsum noscere non potest.

12 No trav. Eva, & Ave p. 1. c. 2. num. 8.

13 Ge. 2. 10.

14 Ge. 5. 2.

15 Horat. lib. 1. Carm. 18.

Subsequitur cæcus amor sui.

Et serm. 3.

Stultus, & improbus hic amor est.

16 Esopus apud Stobæum ser. 1. 35.

17 Euseb. apud Stob. serm. 23.

18 Psalm. 102. 15.

Recordatus est, quoniam pulvis sumus.

19 D. Bernard. in Formul. bonest. vit.

Ista tria semper mente habeas; Quid fuisti? Quid es? Quid eris?

20 Gen. 6. 6.

Peccavit me fecisse hominem;

21 *Matth. 7. 16. & seq.*
Luc. 6. 43. & seq.

22 *Ecclesiast. 9. 1.*
Nec est homo ut. um amore, aut odio dignus sit.

23 *Kemp. sup. l. 3. c. 46. n. 4. in fin.*

24 *Nam genus, & proavos, & quæ non fecimus ipsi, vix ea nostra voco.*

25 *D. Gregor. in Dialoq.*

26 *Horat. in lib. 4. Od. 4.*

27 *Psal. 38. 6:*
Et substantia mea tanquam nihilum ante te.

28 *Ecclesiast. cap. 10. 9:*
Quid superbis terra, & cinis?

29 *Matth. 11. 29.*

30 *D. Augustin. serm. 10. de verb. Domin.*

D. Cyprian. serm. de Nativit. Christi.

D. Bernard. serm. 1. de Nativit.

31 *D. August. Epist. 56. ad Dioscor.*

32 *P. Alfonso Rodriguez Exercitios de persequendo pag. 2. trat. 3. c.*

33

vores dão fruto: tu considera o que dás, & lembra-te que pelo fruto se conhece a boa, ou má arvore. 21 Es na Alma peccador; podes negar que peccaste? Sabes, que peccaste, & não podes saber, se estás perdoado, & livre do Inferno. (Tremenda consideração!) Por mais que te pareça, que estás justificado, 22 muitas vezes he culpavel nos olhos de Deos, o que nos teus parece louvavel. 23 Não foraõ perdoados os Anjos, cahiraõ as Estrellas do Ceo: que será de ti põ, & cinza, se Deos se não compadecer de ti? Na nobreza (se estás nessa esfera) es principalmente filho de tuas obras, porque a que ganharaõ teus avõs derivada em ti, ainda he sua; 24 obriga-te a que sejas bom, 25 & assim te he encargo; só te serve de que, se o quizeres ser, te fará mais prompto a seguir a virtude; mas tambem, se a não seguires, serás o mais vil 26 estanho, que se tira da prata. Quanto mais que ao que se jacta de mais illustre, lá se acha hum, ou dous ascendentes, que lhe podem servir de pès de pavaõ. Nas açoens (se queres ser louvado por ellas) todo es nada: todas de si são como nada diante de Deos; 27 o que tiverem de bom, não nasce de ti, mas he dadiya do mesmo Senhor, que ainda depois de dada, não se pôde sustentar, se elle a não sustenta: & assim quando queres relatar teus meritos, só relatas seus beneficios, que sobpena de ingratição, te obrigação mais a confessar, que nada he teu: antes quanto mais recebeste, tanto es mais pobre, porque debes mais. Mas lembra-te embora das tuas açoens, que se as contares bem, acharás que são mais as vituperaveis. Finalmente nada do que em ti luz, merece louvor; só he louvavel o que no interior esconderes de bem. De que te jactas logo, terra, & cinza? 28 Em que fundas teus merecimentos?

6 Deste conhecimento proprio resulta a humildade; que Christo Senhor nosso ensinou, 29 & he fundamento de todas as virtudes, 30 sem a qual nenhuma pôde subsistir. 31 Mas assim como os Mestres espirituacs 32 permitem ao Religioso mais retirado, professor da humildade mais profunda, consentir tal vez ser estimado em ordem ao serviço de Deos, & bem do proximo; porém com grande advertencia, & cautela, de que o especioso pretexto o não arrisque à vangloria: assim nos seculares, com quem fallamos, para o fim de lhes mostrarmos o caminho da boa *Fortuna*, não requeremos conhecimento tão apertado, & de que proceda humildade tão abatida; bastará que seja Christã, & prudente, conforme a seu estado; que pelo de cada hum se devem temperar, & dirigir todas as virtudes; pois as diferentes manfoens, que ha na casa de Deos, tem suas diferentes regras sem se desviarem da perfeição Christã.

7 Bastará que em geral reconhecamos a fragilidade de nossa vida: aggrava-se de nossos peccados a esfera da nobreza,

za, & em que Deos poz a cada hum: o cabedal de fazenda, com que se acha: & o juizo, & talento, de que Deos o dotou; ponto em que ha a mayor difficultade, porque ninguem se defengana, antes o que menos sabe, cuyda que sabe mais. Com virtude valerosa deve cada hum constituirse juiz recto para se examinar a si mesmo, & todas as circunstancias, que podem facilitar, ou impedir seus intentos. Sugeyte se o entendimento, posto que repugne a vontade; não se deyxer levar de fantasias, a que nosso natural se inclina: mas accommodando-se com a razaõ, & possibilidade propria, obedeça humilde ao que ella dictar, sem desvanecer, & se prometter de si mais, imaginando-se com o que não tem. Não ha sabio, que não ignore cousas; que sabe hum nescio: não ha valente, que não tema em algumas occasiões: he o que commummente se diz, que não ha fermosa sem senão: ninguem ha, que não tenha alguma parte, porque desmerece.

8 Destas considerações se tiraõ grandes bens. Porque o que vé suas faltas, se he prudente, recorre a Deos; & entã se obriga o Senhor a ajudallo, & o faz poderoso. Neste sentido disse o Apostolo: 33 *Quando me acho fraco, entã estou com forças.* Tem o Senhor por gloria obrar por instrumentos fracos, para se lhe attribuirem os successos; & assim com humildade se emprende magnanimamente. *Tudo posso* (dizia o mesmo Apostolo 34) *naquelle, que me conforta.* Daqui nasceo a Davida boa *Fortuna*, como elle confessou. 35 Deste modo quem a deseja, deve alternar comfigo conceytos humildes, & valerosos, desconfiando de si, & logo confiando em Deos, como o mesmo David fazia 36 no espirital; que para o temporal he a melhor regra: conhecia, & temia seu peccado, mas animava-se na esperança do perdaõ. Sem nos determos muyto em huma destas considerações, devemos tornar à outra, & repetilla sempre; porque se nos dermos muyto à de nossa impossibilidade, desmayaremos; & se nos segurarmos na do favor Divino, não trabalharemos, & cahiremos de todo, como cahiraõ muytos Santos.

9 Discursando ao humano: aquellas considerações, que apontamos, nos ensinaraõ, como nos havemos de encaminhar para a boa *Fortuna*. A da fragilidade da vida nos mostra, quam errados vaõ os que dispoem as cousas ao largo, & vindo a morte lhes deyxar frustrado tudo o que trabalharaõ, como cada dia vemos em muytos; só se deve emprender o que, ou se conclua brevemente, ou interrompido com a morte, deyxar alguma utilidade, ou pelo menos não deyxar perda de despeza, ou outra de substancia. A consideração de nossos peccados nos aconselhará a recorrer à misericordia de Deos; & contentarnos com pouco, pois vemos que nada merecemos. A da esfera da nobreza mostrará a cada hum o caminho, que deve seguir; os mayores não se abatendo com

33 Paul 2. ad Cor. 12. 10. Cum enim infirmor, tunc potentior sum.

34 Paul. ad Philip. 4. 13. Omnia possum in eo, qui me confortat.

35 1. Paralip. 29. 11. cum sequor

36 Psalm. 50.

empregos indignos, em que imaginão, que ganhaõ, & já nã indecencia levaõ má *Fortuna*; os menores conhecendo que nã tem azas para voarem ao alto sem subirem por degrãos honestos, que muytos dei prezaõ com brios errados, levados de exemplos das subidas que fizeraõ outros, casos particulares que nã fazem regra, & assim ficaõ sem se levantarem. Isto disse bem Tacito 37 com o exemplo de Butridio: *Tinha muyto boas partes, & se andára caminho direyto, chegára a qualquer grão; mas nã teve soffrimento, querendo passar diante de seus iguaes; logo diante de seus superiores; & finalmente diante de suas mesmas esperanças; & isto destroe a muytos bons, que desprezando o que seguramente poderiaõ alcançar, pouco a pouco se arrojaõ antes de tempo, ainda que seja com seu damno.* A consideraçã da fazenda regulará os gastos, em que consilte grande parte da boa *Fortuna* nesta materia; porque a poucos falta o necessario, se se abstem do superfluo; nem faltará aos de menor condiçã mais necessitados, se deyxada a vaidade, que hoje nelles reyna, se occuparem como seus avõs, ou se se acostarem aos ricos, & nã differem, como costumã, que sãõ taõ bons como elles. A do talento proprio, posto que mais perigosa, nã he impossivel, porque ninguem, se interiormente se olha, desconhece o que val, salvo hum totalmente nescio: & para este nã escrevemos; porque diz o Espirito Santo: 38 *Se pizar des hum nescio em hum almofariz, nã se lhe ha de tirar sua estulticia*; porque alli fica a mesma massa. Quem conhece, que nã he habil para huma cousa, nã imite a Factonte para sua ruina; 39 applique-se a outra; para que tenha genio & terá nella boa *Fortuna*; porque a natureza, assim como nã fez a hũ idoneo para todos os ministerios, a nenhum creou incapaz de todos; se se fizer boa eleyçã do que he conveniente a hum talento, aproveytará nelle muyto o que seria inhabil para outro. Como pòde ter boa *Fortuna* nas sciencias, o que só tem natural para a guerra? Ou como terá boa *Fortuna* na guerra, o que só serve para mercancia? O mesmo he nas artes mecanicas, & em tudo o mais. Em outros lugares 40 o temos comprovado com razoens naturaes, filosoficas, & com exemplos de experiencia.

10 Finalmente nesta navegaçã da vida (como lhe chamarã Job, & Salamaõ 41) o piloto he a prudencia, como disse Socrates, 42 & o astrolabio he o conhecimento proprio, que em todos os mares ensinará os rumos, porque se ha de chegar ao porto da boa *Fortuna*.



37 Tacit. Annal. l. 3. ante fin.

38 Proverb. 27. 22. Si contuderis stultum in pilã quasi prifanas, feriente desuper pilã, non auferetur ab eo stultitia ejus.

39 Ovid. Metam. l. 2. fab. 1.

40 No trat. Perfeñ. Doñ. qual. l. 12.

E no trat. Eva, & Ave, pag. 1. c. 45.

41 Job 9. 26. Sap. 5. 10

42 Socrat. apud Stob. ferm. de Prudencia.

CAPITULO XV.

Da Magnanimidade necessaria para alcançar
boa Fortuna.

1 **P**osto que na consideração especulativa, *Magnanimidade*, & *Magnificencia* sejaõ virtudes differentes em especie, porque à *Magnanimidade* pertence o intentar cousas grandes; & à *Magnificencia* o fazellas, como significa o verbo *facio*, de que seu nome se compoem; com tudo, porque communmente se diz fazer não só nas obras exteriores, mas tambem nas da vontade, & entendimento, equivocamos huma, & outra no Capitulo presente. 1

2 Com o humilde conhecimento de si mesmo se compadecem a *Magnanimidade*, & *Magnificencia*, estribando em Deos, & conservando a humildade no coração, que he onde Deos a quer. 2 Taõ longe estaõ de vaidade, presumpção, ou soberba, que antes saõ virtudes, & entre as moraes tratou dellas Santo Thomàs; 3 em cuja doutrina a *Magnanimidade* importa huma intençaõ, ou extençaõ do animo para cousas grandes, ou absoluta, ou proporcionadamente; de maneyra que tanto se dà nos pequenos, como nos grandes à proporção da materia, que tratão. Põde-se diffinir: *Virtude, que tende a grandes cousas segundo razaõ recta.*

3 He requisito para alcançar a boa *Fortuna* no sentido, em que himos fallando, ainda que em outro mais escolastico ensine o mesmo Doutor Angelico, 4 que antes a boa *Felicidade* conduz para ella. Digo que he requisito para a boa *Fortuna*, assim porque emprende cousas grandes, como porque estimando em pouco todas as externas, não desmaya com as adversidades; & com isto em qualquer successo se conserva feliz. 5 Pelo que disse Tullio, a quem refere o mesmo Doutor Santo, 6 que *he hum pensamento, & execuçaõ de cousas graves, & altas com huma representação ampla, & esplendida no animo.*

4 Sem *Magnanimidade*, nada se pôde emprender, porque em tudo ha difficuldade. Se Annibal não fora magnanimo, não emprendera passar os Alpes taõ inacessiveis, como já dissemos. 7 Se os Romanos o não foraõ, desmariãõ com as grandes rotas de exercitos, que elle lhes deu; o grande animo, que naquella, & em outras occasioens tiveraõ, os fez senhores da *Fortuna*. 8 A pusillanimidade dos Israelitas, quando viraõ sobre si junto do Mar Vermelho o exercito de Faraõ, os fizera tornar ao cativeyro, se os não exhortara a *Magnanimidade* de Moysés. 9 O mesmo queriaõ fazer atemorizados com as novas, que trouxeraõ os exploradores,

1 *Hec ex D.Thom.2.2.q.134.*

2 *Matth.11.29.*

Quia mitis sum, & humilis corde.

3 *D.Thom.2.2.q.129.art.1.º*

q.134.

4 *D.Thom.d.q.119.art.8.*

5 *D.Thom.d.art.8.ad3.*

6 *D.Thom.2.2.q.128.art.8.*

7 *Sup.cap.10.num.7.*

8 *Vide Dionys.Halicarnas.l.5.*

9 *Exod.14.10.*

10 Numer. 13 ad fin. & 14.

dores, se o mesmo Moysés, Aaram, Joiué, & Caleb os não animárao. 10 Até para as coulas mais pequenas he necessaria proporcionadamente. Como terá boa *Fortuna*, ou no mar, ou na guerra, ou salindo da Patria, o que não tem animo para se apartar do regalo, & ocoio della? O que se contenta com a pobreza, em que nasceo? Ou o que começou a emprender, & se quebrantou com algum mão successo, faltando-lhe valor para perseverar? A *Magnanimidade* he huma excellencia, com que o homem aspira a grandezas, mas leva igualmente as adversidades, & prosperidades; nada a humilha, ou levanta: nem se admira das illustres acçoens alheas, nem se jacta das proprias: todas as difficuldades lhe parecem venciveis. He symbolo seu a palma, porque não cede ao pezo: 11 os trabalhos, & infortunios não abatem ao Magnanimo, antes o accendem a mayores emprezas; 12 tudo tem por inferior à virtude, & nella se julga capaz de coulas grandes. Com exemplos dissemos mais disto em outras partes. 13 A pusillanimidade em tudo lhe he contraria, por isso aconselha o Sabio 14 que se fuja della.

15 A *Magnanimidade* nasce principalmente com o homem. Alexandre Magno tendo só doze annos de idade, & sendo muyto ligeyro no correr, convidando-o outros meninos a correr ao estadio Olympico, como costumavao por jogo, respondeo: *Que de boa vontade correria, se na aposta corresse com elle Reys.* Quando chegavão novas das vitorias de seu pay Philippe, & do que conquistava, se entristecia, & dizia: *Meu pay ha de fazer tudo, sem nos deyxar que fazer.* Huns Embayxadores da Persia conhecêrao nelle tal *Magnanimidade* pelas perguntas, que lhes fez em tão poucos annos, que foraõ admirados. 15 Nosso Magnanimo Rey Dom Sebastiaõ sendo muyto menino foy achado com lagrimas em huma Capella da Igreja de São Roque de Lisboa dos Padres da Companhia de JESUS; & perguntado, *porque chorava,* respondeo, *que estava pedindo a Deos que o fizesse seu Capitaõ.* 16

6 Procede ordinariamente do sangue dos progenitores; porque o fruto da arvore vem da raiz: as Aguias generosas não geraõ pombas timidas. 17 Alexandre foy filho de Philippe Rey de Macedonia muyto Magnanimo, & diz Plutarco, 18 que se tinha por certo, que por elle descendia de Hercules, & por sua mãy Olympia, de Aquilles. El Rey Dom Sebastiaõ era daquelles inclytos Reys Portuguezes, cuja *Magnanimidade* chegou a dominar do Oriente a Poente o melhor das quatro partes do Mundo. Em Roma houve familias, em que quasi todos eraõ Magnanimos: a dos Cornelios, & Scipioens, a dos Metellos, & algumas outras. Escreve finalmente hum grande Politico, 19 que a nobreza he total occasiaõ de fazer os homens altivos, & Magnanimos; & que porque Joseph ab Arimathæa era nobre, como declara o Sa-
grado

11 *Alciat. Emblem 36.*
Nuntur in pondus palma, & confurgit in altum: Quò magis, & prematur, hoc magis tollit onus.

12 *Carol. Pasibal. in axiom. Polit.*
Virtutum fortium animi non modò accepta insigni aliqua clade non remittuntur, aut infringuntur, quin potius ad maiora audenda incendantur.

13 *Nas Excellenc. de Portugal c. 7. no princip.*
E no trat. Eva, & Ave p. 1. cap. 34. num. 2.

14 *Ecclesiast. 7. 9.*
Noli esse pusillanimis in animo tuo.

15 *Q. Curt. histor. Alex. lib. 1.*
Plutarcb. in Alex. in princ.

16 *Luis Cabrera bist. de Philippe II. Rey de Castella t. 2. c. 10.*
Alta a. ud V. sioncellos, in Anacephalcos ad Sebastian.

17 *Horat. lib. 4. carm. Ode 4.*
Nec imbellem feroces Progeniant
aquiæ columban.

18 *Plutarcb. in Alex. in princ.*

19 *Bobadilha na Polit. l. 5. c. 4. n. 5. na margem.*

grado Evangelho, 20 por isso com magnanima ousadia por entre tantos inimigos entrou em casa de Pilatos, a pedir-lhe o Corpo de Christo, para lhe dar sepultura. Pela mesma razãõ os de progenitores pusillanimes se parecem a elles: communmente os homens de bayxa condiçaõ, naõ tem espiritos altos, tudo temem, como disse Virgilio; 21 entendem que ninguem lhes estranhará continuarem no estado, em que os deyxaraõ seus avõs, naturalmente saõ acanhados; tudo lhes parece impossivel: em qualquer pequena cousa, que se lhes encomende, ou mande fazer, achaõ difficuldades, & nem animo, nem disposiçaõ tem para emprender vencellas, posto que sejaõ faceis. Isto vemos cada hora nos nossos criados, a quem encomendamos qualquer cousa. He verdade, que de huns, & outros degeneraõ alguns, & pòde ser que muytos; como nas aguas, que dos canos, porque passaõ, to-maõ diferente qualidade da com que nasceraõ. Houve, & ha homens de grande nobreza com espiritos vis: & homens de nascimento ignobil muyto magnanimos. Mas a estes casos chamou Valerio Maximo semelhantes a monstros, (por que saõ contra a regra da natureza) tratando de hum filho do grande Scipiaõ Africano, que teve o mesmo nome, & o animo taõ diferente, que para o fazerem Pretor, se valeo do favor de hum criado de seu pay, & depois de eleyto foy privado por vil. 22

7 Pelo que sempre convem que o homem, para ser magnanimo, ajude o natural com algumas consideraçoens; os nobres, & illustres envergonhando-se de naõ seguirem os exemplos de seus mayores, como elegantemente diz huma Ley das Partidas do Reyno de Castella; & o Glosador Gregorio Lopes o confirma com hum galante lugar de Bartholo; 23 & a Ordenaçaõ de Portugal 24 segue o mesmo pensamento, quando trata a quem se haõ de encarregar as Alcaydarias mõres. 25 Por isso Virgilio introduz a Eneas encomendando a seu filho Ascanio, que para ser magnanimo se lembre sempre de seus pays, & parentes: & com o exemplo de seus pays exhortava Tobias 26 a seus parentes, & amigos. Devem procurar, que se lhes accomode bem o louvor do Distico de Ovidio, 27 dizendo-se delles, que sendo generosos pelos titulos de seus avõs, vencem o illustre do sangue com a nobreza das acçoens. Os de nascimento humilde se devem animar com o que em outros versos igualmente celebres disse Juvenal, 28 que melhor he ser filho do franco Therfites. sendo Aquilles por obras valerosas, do que ser filho de Aquilles, & semelhante a Therfites nas obras; melhor será dar principio, que fim à geraçaõ illustre. Muytos Reys, Emperadores, & varoens famosos tiveraõ bayxa origem. 29 Em outra obra fizemos Catalogo delles. 30 Quanto mais que, como ahi notamos, ninguem ha, que naõ tenha hum

20 Marc. 15. 41.
Nobilis Decurio audacter introivit
ad Pilatum, & petiit corpus Jesu.

21 Virg. 4. Aeneid.
Degeneres animos timor arguit

22 Valer. Maxim. l. 3. c. 3.

23 Ley 6. tit. 18. Partida 2. Partida
in Ut vim. n. fin. ff. de Just. & Jure

24 Ordin. l. 1. tit. 74. in princ.

25 Virgil. Aeneid. 6. v. 25.

Tu facito mox, cum matura adole-
verit aetas,
Sis memor; atque animo repetenti-
tem exempla tuorum,
Et pater Aeneas, & avunculus exci-
tet Hector.

26 Tob. 2. 27.

Nolite ita loqui, quoniam filii san-
ctorum sumus.

27 Ovid. Trist. l. 4. Eleg. 3.

O, qui nominibus cum sis generosus
suis avorum,

Exuperas morum nobilitate genus.

28 Juvenal Satyr 8. in fin.

Malo pater tibi sit Therfites, dum
modo tu sis.

Aeacidae similis, Vulcaniaque arma
capellas,

Quam te Therfite similem produ-
cat Achilles.

29 N. rat. Eva, & Ave, p. 13

c. 34. n. 3. & 4.

30 Apud Gaspar des Reys Franco
in Camp. 28. 34. d. n. 25.

548 Dominio sobre a Fortuna,

hum bom ascendente, posto que remoto, a que se pôde pegar, delle se toma algũas vezes mais que dos chegados, pelas razões que os Filofotos, & Medicos apontão: as aguas, simbolo da vida humana, posto que se achem nos valles baixos, se procedem dos montes, com industria se fazem subir quanto descêrão: 31 a *Magnanimidade*, he industriosa para levantar. Ha outra consideração para todos de qualquer qualidade; que, como disse Herodoto, 32 as cousas grandes querem ser emprendidas com grandes perigos, & não se alcançao sem elles; mas (como creveu Cesar 33 experimentado) nada ha tão difficil, que não seja vencivel. Plutarco, 34 & Tacito 35 profeguirão, que tudo he expugnavel ao animoso; muitas cousas se tiverão por difficultosas, porque não são forão acometidas. A *Magnanimidade*, confessou o mesmo Cesar, 36 não deyxou de perturbar, mas seu brio produz valor, & desejo de honra, que a faz outada; & assim ella não he izenta de temor, mas teme mais a perda da gloriosa fama. Juiciofamente o advertio Plutarco. 37

8 Com tudo a *Magnanimidade* ha de guardar medida. Tanto peccará por demasiada, como a pusillanimidade por vil: (não he isto limitalla, mas facilitarlhe os effeytos) porque, como discursa Santo Thomás, 38 tudo o que he contrario à inclinação natural bem governada, pecca contra ella como contraria à ley natural. Todas as cousas animadas, & inanimadas tem natural inclinação, para executarem acções proporcionadas à sua potencia. Logo assim como a pusillanimidade pecca contra a inclinação natural em saltar à proporção de sua potencia, deyxando de fazer o que pudera, (que por isso na Parabola do Evangelho foy condemnado o que não negociou com o talento; 39) assim a *Magnanimidade* peccará contra a sua inclinação natural, excedendo a proporção de sua potencia, em presumir chegar ao que ella não chega. Deve se acompanhar com prudencia, não emprendendo impossiveis; appetecer estes sem consideração será temeridade bruta, & monstro contra a natureza. He necessario meyo entre receyo, & confiança, porém pendendo mais para esta. Pòde-se desprezar a morte, mas não aborrecer-se a vida, que isso he de infeliz. Prudencia sem audacia, & audacia com loucura, ambas são vicios. O que se intenta com precipitação, se foge depois com ignominia. 40 Isto he o que acima, 41 propuzemos na diffinição, que *Magnanimidade* he virtude, que tende a grandes cousas segundo razão recta. Nesta razão recta se entende tambem, que não emprenda contra justiça, & assim dizia o grande Agestiao, que ella sem justiça, não tinha uso. 42 Os que emprendem tyrannias, & grandes insultos, mostrão animo para cousas grandes, mas não usão delle; porque a natureza lho deu p'ra bom fim, & elles o empregão no mal: & o que se emprega em cousa pa-

ra

31 *Eccl. i. 11.*

32 *He. 11. 31.*

Magnæ res etiam cum magnis periculis volu. t. percipi.

33 *Ces. de bell. Gallie l. 7.*

Nil adeo arduum est, quod non virtute consequi possit.

34 *Plutarch. in Alex.*

Nil audentibus expugnabile, nil satis munitum contra animosos.

35 *Tacit. Annal. l. 12.*

Cuncta virtute sunt expugnabilia.

36 *Ces. sup. l. 6.*

Nemo est tam fortis, qui rei novitate non pertu beur.

37 *Plutarch. in Cleomen.*

Fortitudinem mihi videntur non vacillatorem à metu, sed metum reprehensionis, & ignominie antiqui iudicasse.

38 *D. Thom. 2. 2. q. 133. art. 1.*

39 *Matth. 25. Luc. 19.*

40 *Hec omnia vide apud Aristot.*

3. ethic.

Ser. ec. 27. de l. 4. de Benefic. c. 27.

Q. Curt. in Alex. l. 5.

Ces. in Cato. l. 1. in ipid. in He. cul.

D. Amb. of 1. Offic. 37.

D. Bo. in ord. x. de Consider. c. 1.

Gel. No. Attic l. 12. c. 5.

Gus. c. ordin. in Hipam. Polit.

L. 12. dixit in Harmon. Polit. p. 5. 7.

de. 5.

41 *Suprà num. 2.*

42 *Apud Plutarch. in Alex. phibem. Laco.*

ra que não foy feyto não se usa. De hum cavallo ginete muyto fermofo, brioso, & de partes se se usou só para carga, dizemos que não teve ullo, porque não se usou no para que foy criado. Finalmente sem *Magnanimidade* bem regulada não se pôde alcançar boa *Fortuna*.

CAPITULO XVI.

Que a boa reputação conduz para a boa Fortuna; & como se alcança.

1 Por bocca do Ecclesiastico nos aconselha o Espirito Santo: *Tende cuydado de ter bom nome, porque este vos será mais permanente, que mil thesouros preciosos, & grandes.* 1 Nos Proverbios repetio: *Melhor he bom nome, que muytas riquezas.* 2 Pelo Apostolo nos encomenda o mesmo. 3 Os Politicos, meramente humanos, Marco Tullio, Seneca, Tacito, Plutarco, Cassiodoro, o tiverão pela mayor conveniencia. 4

2 O bom nome, & reputação concilia benevolencia geral, que he grande parte para conseguir os negocios, como disse o mesmo Tullio; 5 porque, como discursou Aristoteles, 6 ninguem se persuade a que deyxã de obrar justamente aquelle de quem tem boa opiniaõ. He esta taõ poderosa, que se estende a dominar nas materias naturaes; pois notou Santo Isidoro, que o bom conceyto, que o enfermo tem da sciencia do Medico, lhe aproveyta algumas vezes tanto, como a bondade dos remedios. 7

3 Contra o bem reputado, nem o inimigo se atreve, por se não defacreditar. He muyto difficultoso, disse hum Escritor grave, 8 deyxar de seguir a commua opiniaõ do povo.

4 Daqui vem que muytas vezes só a boa *Reputação* acaba grandes coufas. Nos principios de Roma Menenio Agrippa só pela que tinha (como diz Tito Livio 9) com huma practica bem simplez reduzio o povo nas graves discordias, que continuava com a Nobreza. 10 Marco Emilio Escauro, Varão insigne, accusado no Senado por Vario Sueronense, de que recebêra dinheyro d'ElRey Mithridates, que era inimigo da Republica, respondeo: *Em minha defesa, õ Cavalleyros Romanos, só vos farey huma pergunta: Vario Sueronense accusa a Emilio Escauro, Emilio Escauro nega: a qual dareis mais credito?* Bastou a *Reputação*, em que cada hum estava, para logo todos com altas vozes lançarem a Vario da accusação. Scipião Nastica havendo na plebe de Roma hum tumulto sobre o provimento de trigo, que faltava, disse aos tumultuarios, *que entendia melhor que elles, o que convinha à Republica.*

1 Ecclesiast. 30. 15.
Curam habe de bono nomine; homo enim magis permanebit tibi, quam mille thesauri pretiosi, & magni.
2 Proverb. 22. 1.
Melius est bonum nomen, quam divitiarum multitudo.
3 Paul. ad Philip. 4. 8.
4 Tullius 1. Offic. Seneca de Clem. 1. c. 8.
Tacit. Annal. 1. 4.
Pluta. ch. in Alcibiad.
Cassiodor. 1. 8. epist. 23.
Jovian. P. man. de Fort. 1. 1. c. 5.
5 Tullius in Let.
Non est negligenda fama, nec mediocriter telum ad res gerendas existimare oportet benevolentiam civium.
Vide Hieronym. Trachata nel Principe 1. 2. c. 2.
6 Aristot. Polit. 1. 1. c. 11.
7 D. Hieron. 1. 4. Etym.
Ex quadam confidentia, quam egrotus inde concipit, natura jam deficiens convalescit.
8 Pausanias 1. 3.
A vulgari opinione discedere difficultimum.
9 Livius Decad. 1. 1. 2.
10 Valer. Max. 1. 3. c. 7. de Fiducia sui.
Plin. de Vir. illustr. cap. 71.
Erasm. 1. 6. Apophthegm.

550 Dominio sobre a Fortuna,

ca. E a grande reputação, que tinha, bastou, para com isto se aquietarem. 11 Nas Leys Civis só com a reputação se livra hum Reo de grandes indícios de delicto; 12 & assim os bons Advogados nos crimes articulaõ della para defender, ou accusar. Para os successos militares pôde muyto a do Capitaõ, como diz Tacito. 13 Quando os Cavalleyros de São Joaõ de Jerusatêm possuirãõ Rhodes, em huma occasiãõ importante contra os Turcos, nem com ameaços, nem com promessas se queria embarcar a gente de mar nas Galês da Religiãõ; embarcou-se Dom Frey Diogo de Almeyda, Gram Prior de Portugal, (que alli se achava) sendo mayor dignidade, fugeyto ao General Dom Frey Francisco Çapata: & a sua grande *Reputação* fez logo embarcar todos com mayor fervor. E se alcançou huma gloriosa vitoria, hindo diante das outras a Galé do Gram Prior. 14 Em Portugal se vio bem no muyto que obrou o Grande Condestavel Dom Nuno Alvares Pereyra, com pouco mais poder que o que ella lhe dava. Referem as Chronicas, que se succedia qualquer deformidade, com huma só palavra sua se emendavaõ todos. 15 No conselho, em que ElRey Dom Joaõ I. houve de descubrir o intento de hir sobre Ceyta, o mandou votar primeyro, para que seu voto reduzisse os mais, que estavãõ de contrario parecer: & assim succedeo. 16

5 Pelo que não só para o ponto da honra; mas tambem para o interesse das utilidades, se deve procurar a boa *Reputação*; pois facilita a boa *Fortuna*, que se deseja. Atè Christo Senhor nosso, que tudo podia, querendo, como he costume de Deos, guiar as cousas pelas vias ordinarias, parece que teve por conveniente ser bem reputado, para mais certo effeyto da sua prègação; & para dar exemplo a seus Discipulos, lhes perguntou, em que *Reputação* o tinhaõ os homens, 17

6 O meyo de alcançalla boa, disse em poucas palavras Socrates: 18 *Se procurardes ser tal, qual quereis que os homens vos reputem.* Porque ordinariamente, qual he a vida, tal he a fama. 19 Nem o Christãõ se deve satisfazer com o louvor da boca alhea, mais que da vida propria. O grande Lacedemonio Agefilao disse: *Se fallardes, & obrardes muyto bem.* 20 E o Filosofo Epitecto: 21 *Aprendeay a fallar bem; & depois de ensinado a isto, procuray obrar bem, & assim gozareis a boa Reputação.* Não se alcançará com fingimento de vida, porque este não he duravel, como em Nero se vio. Recomen-da-se particularmente não jogar demasiado conforme a possibilidade de cada hum; porque de tal jogador, como de homem perdido, para nenhuma cousa se faz confiança. Do jogo só se deve usar para recreação, & conversação moderadamente, como do fomno disse Marco Tullio. Em outra obra tratámos disto. 22

11 *Valer. Max. d. l. 3. c. 7.*

12 *L. Farnesii ff. ad leg. Jul. Maies.*

1. *Non. on. nis §. 4. barba. de re milit.*

1. *De mino e §. Tormentum de quest.*

13 *Tacit. Annal. 13 post princip.*

Famae interviant, quæ in novis ce-
ptis validissima est.

14 *Refere Fr. Domingos Maria*
Curion no Triunfo da Religiãõ de S.
Joaõ p. 1. l. 4. c. 2.

15 *Fernãõ Lopes Chron de Dom*
Joaõ I. Rey de Portug p. 2. c. 100.

16 *Chron. modern. de D. Joaõ I.*
Rey de Portug. c. 83.

17 *Matt. 16. 16. Quem dicunt*
homines esse filium hominis?

18 *Socrat. apud Brasin. l. 1. Adv.*
pro. Si talis esse studeas, qualis habe-
ti velis.

19 *Petrarcha de advers. Fortun.*
dial. 130 in princ.

20 *Agelst apud Plutarch. in Ape-*
phibem. La. on.

Si loquatur, quæ sunt optima, &
faciat, quæ sunt honestissima.

21 *Epictet.*

22 *Tullius 1. Officin. D. semos no*
trat. sua, & Ave p. 1. c. 37.

7 Não basta ser indifferente; he necessario obrar o bom, & que se vejaõ as boas obras, como ensinou Christo Senhor nõs-fo; 23 porque só pelos frutos se conhece a boa arvore. 24 E assim perguntando-lhe os discipulos do Bautista, *Quem era*, só respondeo, que relataffem a seu Mestre o que lhe virão obrar. 25 O indifferente não será reprovavel, mas tambem não será louvavel, dir-se-ha delle o que Tacito 26 de Galba, que he mais sem vicios, que com virtudes.

8 Alcançada a boa *Reputação*, nota Plutarco, 27 que he como o fogo, que huma vez aczo se conserva facilmente; se se apaga, não se torna a acender com facilidade: he Sol, que se se lhe oppoem nuvem, fica escuro para nõs, posto que claro em si mesmo. Pelo que não só se deve fugir do que a offende com realidade, mas tambem do que se lhe atreve com suspeyta. Em outra parte 28 escrevemos desta materia largamente.

9 Para a conservar com aquelles, de que se depende, convem ter amizade com todos, mas não familiaridade, porque muytas vezes a communicacão diminue o credito, ao que a fama publicava. Cuydaõ alguns, que conversados contentarão mais, & entaõ começaõ a descontentar, ou ser aborrecidos.

C A P I T U L O XVII.

Que grande parte da Reputação consiste no modo, com que se falla, & algumas advertencias para elle.

1 **Q**uantas vezes fallamos, (diz Marco Tullio 1) tantas se faz juizo do que somos. Porque (dizia Democrito) no espelho se vé a imagem do corpo, nas palavras a imagem da Alma: & Solon accrescentava, que tambem se viaõ as obras. 2 Chrysippo perguntandose-lhe, que cousa era entendimento, respondeo, *que era a fonte das palavras*. 3 De Socrates 4 era isto dito ordinario. E assim enviandolhe hum homem rico hum moço filho seu, para que o visse, lhe disse: *Falla menino, para que te veja*. 5 O grande Bautista, quando os Sacerdotes, & Levitas lhe forão perguntar, *Quem era*, respondeo, *que era voz*. 6 E verdadeyramente o que elle fallava, mostrava, & diffinia bem sua grandeza. Pelo que resultando do fallar grande parte da *Reputação*, de que tratámos no Capitulo precedente, convem fazermos nesta qualidade particulares advertencias.

2 He a primeyra fallar sempre verdade, ou a materia seja grave, ou leve. Plutarco refere que Epeneto costumava dizer, que os mentirosos erão authores de todas as malda-

23 *Matth. 5. 16. Sic luceat lux vestra coram hominibus: ut videant opera vestra bona.*

24 *Matth. 7. 16. A fructibus eorum cognoscetis eos.*

25 *Matth. 11. 4.*

26 *Tacit. histor. l. 1. prope med. Magis extra vitia, quam cum virtutibus.*

27 *Plutarch in Moral. Ignis semel accensus facile servatur extinctus haud facile reaccenditur: ita famam tueri facile est; extinctam non facile est restituere.*

28 *Na harmonia. Polis. p. 2. §. 20*

1 *Tul. 1. de Orat. Quoties aliquid aut dicimus, aut loquimur, toties de nobis judicatur.*

2 *Democrit. & Solon apud Maxim. serm. 14. & 15.*

3 *Chrysep apud Stob. serm. 1.*

4 *Socrat. apud Cicer. 1. Tuscul. Stob. serm. de liter.*

5 *Refet. Erasim l. 3. Apophthegm.*

6 *Jean. 1. 23. Ego vox.*

7 *Plutarcb. in Lacon.*8 *Proverb. 6. 17.*

Linguam mendacem.

9 *Jou. 8. 44.*10 *Quintilian. l. 5. cap. 10.*

Similes patenibus suis filii plerumque creduntur.

11 *Cerment. in Repfo c. 39.*12 *Proverb. 10. 4.*

Qui nititur mendacio, pascit ventos, idem autem ipse sequitur aves volentes.

13 *Proverb. 19. 9.*

Qui loquitur mendacium, peribit.

14 *Apud Stob. ser. 10. de imprudent. & Apophthegm. 48.**Ant. Milit. serm. 22.**Maxim. serm. 34.*15 *Proverb. 19. 5.* Qui mendacium loquitur, non effugit.16 *Jou. 8. 45.*

Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?

17 *Marc. 1. 25.*18 *Liv. Dec. l. 6.* Cum fidei abrogatione omnis humana societas tollitur.19 *D. Thom. 2. 2. q. 37. art. 2.*20 *D. Paul. ad Rom. 1. 30.*

Detractores Deo odibiles.

21 *Proverb. 14. 9.*

Abominatio hominum detractor.

22 *Plaut. capt. Quasi mutes semper edemus alienum cibum.*

des. 7 Salamão os poem no segundo lugar das sete coufas, que Doos aborrece, & detesta. 8 Christo Senhor nosso aos que mentem por costume, chamou filhos do Diabo, que sempre mente; 9 & os filhos ordinariamente são semelhantes a seus pays; 10 ElRey Artaxerxes mandou passar com tres cravos a lingua de hum Soldado mentiroso: 11 & com razão, porque lhe era escusada; pois havendo-a a natureza dado para declarar os conceytos, como ensinão os Dialecticos, quem não quer declarar a verdade, que tem no conceyto, não necessita de lingua, antes fica ella danavel peccando contra seu officio natural, quando declara o contrario; sem que possa desculpar materia leve, ou qualquer outro subterfugio; porque o mentir he intrinsecamente máo. Com este vicio ninguem pôde alcançar boa *Fortuna*. Disse Salamão, quem procura negociar usando d'elle, apascenta os ventos, segue as aves que voão, 12 & em fim perece. 13 Porque da verdade, a cuja luz, como differão os Sabios, 14 se vem os menores átomos, que lhe querem oppor, por mais que o mentiroso cuyde, & disfarce, não pôde fugir como notou Salamaõ; 15 por mais, ou menos duvidas ha de ser conhecido. Por isso se diz que hum coxo corre mais que elle; porque o alcança, ou por contradicção, ou por falta de memoria, ou por noticias, & outras occasioens que succedem. Conhecido, fica perdido: porque basta ser comprehendido huma vez, para ninguem lhe dar credito, posto que diga verdade. Por esta razão Christo Senhor nosso perguntou aos Judeos: 16 *Pois vos fallo verdade, porque me não credes?* Como reconhecendo, que terião causa para o não crerem, se alguma vez lhes não houvera dito verdade. E em outra occasião, em que o demonio o publicou Filho de Deos, o mandou callar; 17 porque, sendo o demonio conhecido por mentiroso, se cria o contrario do que publicava. Não se lhe dando credito, fica membro pobre na Republica, pois ninguem o tratará; porque faltando o credito (advertio Livio 18) tira-se toda a communição entre os homens. Com todos os outros vicios se pôde tratar, só o mentiroso não tem uso, pois se não pôde fazer caso do que diz.

3 He segunda advertencia, não ser mal dizente, nem murmurador. A ninguem se deve desprezar, pois não ha creatura tão vil, que não represente a Bondade de Deos. Algumas o fazem não tanto por má vontade, como por mostrarem discurso; & talvez por não perderem a occasião de hum dito galante. Além de ser peccado, ou mortal, ou venial, segundo a materia, & tenção, 19 sempre a má lingua he odiosa a Deos, como lhe chamou o Apostolo; 20 & abominavel aos homens, como lhe chamou Salamão. 21 O antigo Plauto 22 comparou os maldizentes a ratos, que roem o alheyo; tão longe estão de offenderem ao murmurado, como

como intentaõ, que antes o honraõ, como abayxo diremos, 23 & se offendem a si mesmos. Vimos muytos, que tendo boas qualidades, porque alcançariaõ, se fizeraõ infelices por este vicio.

4 Assim como se não pôde fallar mal de outro, assim se não deve fallar bem de si, 24 pois ninguem tem credito na sua causa. Quando o Evangelista São Joaõ fallou de si mesmo, acrescentou logo o Espirito Santo, que seu testemunho era verdadeyro. 25 Posto que o louvor seja notoriamente merecido, se envilece na boca propria; 26 & os que se louvaõ, se fazem nescios, como disse o Apostolo; 27 ninguem se deve fazer elogios, mas dar materia a que os façaõ delle, 28 se ninguem os fizer, pelo menos não perderá; o contrario não ganha a *Reputação*, que pretende, & perde a boa que pudera ter.

5 Cuydaõ alguns, que mostraõ comprehensiva em se anticiparem a responder, antes que acabem de ouvir; & Salamaõ diz, que se mostraõ nescios, & dignos de confusaõ. 29 Hum Jurisconsulto disse o mesmo acerca de se não interpor juizo antes de ler a ley até o fim. 30 Ainda que se anteveja, aonde se encaminha o discurso, se deve ouvir todo com sossegada prudencia: interrompello com reposta intempestiva he inurbanidade, & sinal de espirito inquieto.

6 Epicteto 31 reprehendia os que fallavaõ em materias altas com ignorantes; & tinha razaõ. Porque como disse o Sabio: *O ignorante não recebe as palavras do prudente, se não forem as que andaõ no seu coração.* 32 Não deve o prudente *spargere porcis margaritas.*

7 Assim tambem não deve alguem fallar como sciente nas Iciencias, & artes fóra da sua profissaõ. A Magabiso, que diante do grande pintor Apelles tratava confiadamente da pintura, disse elle: *Eu, ò Magabiso, te tive atégora por prudente, porque o teu silencio ornava teus vestidos preciosos; agora vejo o contrario, & até estes moços, que moem as tintas, estão zombando de ti.* 33 Ao mesmo proposito he muyto sabido o que succedeu ao Filosofo Formio com Annibal. 34 He verdade, que o homem entendido não se deve mostrar ignorante das noticias geraes de qualquer materia; porém fallar em todas como professor, não o sendo, cahe em disparates, & he mayor erro, se for em presença de seus professores; diante delles se deve mais ouvir, que fallar. 35

8 Com porfiolos se não ha de porfiar; 36 resultão disfo contendias, que accusaõ a seus authores de nescios, como disse Salamaõ; 37 não fica inferior quem se dá por vencido: porque a natureza deu a todos o fallar, & a poucos o saber. 38

9 Peccão alguns em fallarem demasiado, sem quererem ouvir. Democrito lhes chamou avarentos, porque todo o

23 *Infra c. 18.*

24 *Cato apud Rosfred. 2. quest. Sabbat. n. 3. Ne collaudes.*

25 *Jean. 21. 24.*

26 *Laus in ore proprio vilescit.*

27 *Paul. ad Rom. 1. 12.*

Dicentes enim se esse sapientes, stulti facti sunt.

28 *Proverb. 27. 2.*

Laudet te alienus, & non os tuum; extraneus, & non labia tua.

29 *Vide Senec. Epist. 105. ad med. Qui prius respondet, quam audiat, stultum se esse demonstrat, & confusione dignum.*

30 *In l. Invicile 24 ff de leg. Invicile est, nisi tota lege prospecta, una aliqua particulã ejus proposita, judicare, vel respondere.*

31 *Epictet. apud D. Franc. de Quest. ved. in Epictet. c. 51. in princip.*

32 *Proverb. 18. 2. Non recipi stultus verba prudentis, nisi ea dixerit, quæ versantur in corde ejus.*

33 *Refere Franc. de Buensalida no Repoujo da Alma c. 7.*

34 *Plutar. ch in Annibal.*

35 *Grumend. na Doutrina da Principes c. 12. fol. mibi 8 ad fin.*

36 *Contra verbosos noli contendere verbis.*

37 *Proverb 18. 6. Labia stulti miscnt se rixis, & eos ejus jurgia provocat.*

38 *Sermo datur cunctis, animi sapientia paucis.*

fallar querem só para si. Em Londres conheci hum gentilhomem Francez muyto pobre, & grande fallador; hum Enviado, que alli foy del Rey Christianissimo, igualmente fallador, lhe offereceu mesa, que elle estimou muyto: & no fim do primeyro jantar se despedio para não tornar. Perguntou-lhe o Enviado a causa, respondeu: *Senhor, eu quero fallar sempre, & vós quereis o mesmo: não podemos conversar ambos.* E disse bem. Porque a converlação he como o jogo, em que não joga sempre hum só, mas ambos, ou todos os que se puzeraõ a jogar. Ha linguas tão correntes, como penedo que roda, ou homem, que corre por hum monte abayxo sem poder parar, ainda que queyra. Não ha quem soffra hum destes. Os Laconios lançaõ fóra a Chrisifonte, porque se jaçtava, de que se atrevia a fallar todo hum dia sobre huma só couza. 39 Solon Sabio de Grecia em hum ajuntamento de falladores não dizia palayra. Perguntando-lhe Periandro, que era outro Sabio, se callava por falta de palavras, ou por ser nescio, respondeu: *Que hum nescio não podia estar callado.* 40 Pelo que aconselhou o Ecclesiastico: *Não sejas fallador.* Mas tambem não ha de ser o silencio demasiado. Conta a Floresta Hespanhola, que hum pay encomendou a hum filho nescio, que calava, que no banquete das bodas não fallasse, porque se não dèsse a conhecer; hum dos convidados, vendo-o em tanto silencio, disse em voz bayxa a outro: *Este moço deve ser nescio, porque nada falla; & o moço, que o ouvio, disse ao pay: Meu pay, já posso fallar, porque já me conhecêrãõ.* Tanto se perde por menos, como por mais. O Sabio calla, & falla a seu tempo: o imprudente não observa tempo. 41 Espiritualmente disse hum Varaõ grande: *Ninguem falla seguro, senão quem calla de boa vontade.* 42

10 Outros, posto que não fallão muyto, fallão desentoados, & em voz alta. Da ignorancia destes disse Alciato, que he testemunha sua lingua com sua voz. 43 Os Sabios disserãõ que os metaes, & os vasos de barro, & os homens se conheciaõ pelo que soavão. 44 Não debalde ordenou a natureza, que sem vermos os homens, com que já fallámos, os conheçamos pela voz, como Isaac a Jacob. 45 He verdade, que ha casos, em que convem entoar a voz com efficacia; como quando Marco Callidio com voz muyto submissa acufava a Gallo, de lhe haver querido dar veneno: & Cicero 46 em defenfa do Reo lhe disse: *Que bem parecia, que a acufação era fingida, pois elle a propunha tão frouxo, sendo de crime tão grave.* Porém sempre deve haver medida, que não chegue a descompostura.

11 Mais enfadaõ, os que praticão como de pensado sentenciosos com artificio, affectando elegancia, & escutando-se. Ordinariamente são futeis: fundados em palavras, não em substancia. Se tal vez tem alguma, o modo enfastia os ouvintes.

39. Refere Erasmus l. 1. Apophthegm.

40. Refert Sebast. Stocamber in comment. ad Emblem. Alciati 3. l. 1. Neminem stultum tacere posse.

41. Becl. 10. 7. Homo sapiens tacebit usque ad tempus: lascivus autem, & imprudens non tervabit tempus.

42. Kemp de Imit. Chr. l. 1. c. 20. num. 2. Nemo securus loquitur, nisi qui libenter tacet.

43. Alciat. l. 1. Emblem 3. Stultitiae est index, linguaque, vox que sua.

44. Plato apud Stob. supra Quintilian. lib. 8. Sermones hominum, & xra tonitu dignoscimus. Maxim. serm. 15.

45. Genes 27 22.

46. Cicero apud Erasmus l. 4. Apophthegm.

vintes. Assim como cada sciencia, & materia tem locucaõ propria; que se não usa na outra: 47 & no escrever saõ diversos os estylos da Historia, das Cartas, das Novellas, & da Poesia; assim saõ diferentes os modos de fallar na cadeyra, no pulpito, & na converaçãõ. Sendo o ensinar de cadeyra funcçaõ taõ proxima ao prègar de pulpito, se reprova usar do mesmo methodo de voz, & de fallar em ambos. 48 Platon ensinou, que na pratica ordinaria se evite curiosidade. 49 Ha de ser mais judiciousa, que adornada: polida sem affectaçãõ: composta sem jaçtancia: discretamente simplez: naturalmente elegante: que mostre synceridade do animo, como require Carlos Pascaio. 50 Permite-se com louvor trazer nella a proposito o bom dito de hum Poeta, Filosofo, ou Politico, offerecendo-se occasiãõ, sem ser arrastada, & referir huma historia sem prolixidade.

12 Ha outros, que fallaõ com gestos, meneando a cabeça, torcendo o pescoço, levantando as sobranceilhas. De hum chamado Testio Penacio, que entortava a barba, disse Cesar, que quebrava nozes com os dentes. 51 Hippolyto a Collibus, 52 que escreveu do bom modo de callar, reprehende a todos estes. E o Sabio Chilon chamava nescios aos que fallavaõ esgrimindo com as mãos. 53 Nem devem andar livres, como de Prègador, nem algemadas, como de prezo; não se escusa hum pequeno movimento decoroso; & havendo-se de peccar, seja antes por pouco. Tambem se condenaõ os que tem sempre os olhos fitos no rosto da pessoa, com quem fallaõ; haõ de estar demissos com attençãõ, & attentos com modestia.

13 Entre os gestos se pòde contar o riso. Ha homens; que fallaõ sempre rindo; cuydaõ que assim se fazem agradaveis; atè nas ruas faudaõ entre hum riso falso, posto que nunca fallassem aos que encontraõ, nem os conheçaõ. Tudo he fingido, que basta para ser condenavel. Sendo riso verdadeyro tambem o fora, por ser sem occasiãõ, 54 porque he grande argumento de liviandade. 55 Ainda nas occasioens, que o pedem, he indecente o demasiado. 56 Dion Filosofo dizia, que melhor parecia hum rosto chorando, que rindo. Porque de lagrimas se podia tirar doutrina, & do riso não. Do que chora ninguem zomba: o que ri muyto, se faz ridiculo. Nas vidas dos Padres 57 se conta, que hum Abbade reprehendendo a hum que ria lhe disse: *Havemos de dar conta de toda a nossa vida diante do Ceo, & da terra, & turis?* Não escrevemos taõ espirituaes; nem ainda com aquella severidade do Filosofo Dion. Só queremos rosto decoroso com agrado, & seguindo a doutrina de Epicteto, 58 o riso não seja muyto, nem por muytas cousas, nem delatado.

14 Aos que affectaõ dizer graças que provoquem a riso, chamaõ os Sabios *Scurræ* & a seus ditos *Scurrilitas*, que

47 Cassaneus in Catbal glor. Mūd. p. 20. consider. 18. vers. & primo.

48 Joan. Nevizan. in Sylv. nuptial. l. 5. n. 41.

Ista enim ita lectorem dedecent, sicut Prædicatori legere, quando est in pulpito.

49 Plato de Rep. l. 3. Evitanda est sermonis curiositas.

50 Carol. Pascaus. de vit. & vit. l. 1. Si animus est synceris, sermo est simplex.

51 Refere Erasm. l. 4. c. 4. 1. 1. 52 Hippo. ad Collib. de recte ser. l. 1. r. 1.

53 Chilon apud Laert. de vit. Phil. l. 1. Inter loquendum non agitantur manus, esse enim ve corde.

54 Malum grave est ridere non in tempore. Adag. in Græcis Comicis.

55 Sebastian. Fox. in 3. Platona de Rep.

56 Dion. apud Stob. serm. 77.

57 In vit. Patrum, c. de compun. Dion.

58 Epictet. in Enchirid. Ritus neque multus sit, neque ob multa, neque solutus.

556 Dominio sobre a Fortuna,

o Doutor Angelico reprova. 59 Aristoteles 60 notou, que estes procuraõ mais mover a riso, que fallar como devem. Plauto 61 os infama de criminosos, & ignorantes. Plutarco 62 disse a hum, que naõ dissesse sempre cousas ridiculas por se naõ fazer ridiculo. Cataõ Uticense, accusando a Murena, a quem defendia Cicero, sendo Consul, & dizendo Cicero huma razão, que moveu os Juizes a riso, o mesmo Cataõ não pode deyxar de se forrir; mas como em vingança disse: *O' bons Deoses, que ridiculo Consultemos!* 63 Cuydaõ, que se mostraõ homens de Corte, & galantes, mas fazem-se contemptiveis dos mesmos, que gõstaõ de os ouvir. Não se reprova, antes he de entendido, intrometer talvez que se offereça hum dito, que seja alegre; só se condena, quem o faz de profissaõ. E aquelle dito naõ ha de ser solemnizado por quem o disse, deve-o dizer como acafo, deyxando a que os ouvintes o celebrem, se lhes parecer bem.

15 Sobre tudo quem quizer agradar, ha de fugir, de que o ouvinte cuyde que elle se preza de saber mais. He conselho, que o Espirito Santo no Ecclesiastico dá aos que trataõ com Principes. 64 E nõs o expendemos em outra obra. 65 Procede para com todos os de quem se depende. Naõ aconselha, que se não sayba mais: aconselha, que se encubra. Bem pôde mostrar, que sabe mais em alguma sciencia, ou arte, que o ouvinte não professa; que isso naõ offende: só naõ deve dar a entender que tem melhor juizo natural; porque, como este he o mayor bem do homem, naturalmente he defagradavel quem nelle he vencedor; & muyto mais se se entender que elle conhece a sua ventagem. Pelo que neste ponto he necessario prudente equilibrio, que nem deyxre de mostrar bom juizo, nem faça ostentaçaõ de superior.

16 Finalmente, he regra géral, que aos mayores se falle com respeyto: aos menores com modestia: aos iguaes sem competencia. 66

17 Estes documentos nos daõ os Mestres Moraes, & Politicos, como principaes. Sey, que se apontaõ muytos reduzidos a se attender o tempo, lugar, & occasiaõ, em que se falla, pessoa com que se falla, & materia de que se trata. Tudo o mais se deyxra ao juizo de cada hum, que sempre deve hir com advertencia, de que o que fallar, será a pedra de tocar da sua *Reputaçaõ*, como fica dito no principio deste Capitulo.



59 D.Thom.2.2 q.148. art. 6.

60 Aristot.4. ethic.c.7.

61 Plaut.in Trinum

62 Plutarch.apud Brusl.5.c.27.

63 Refert ex Plutarch.Brusl. d.1. 5.c.27.

64 Eccles.7.5. Penes Regem non velle videri sapiens.

65 No trat Eva, & Ave, p.1. e.40.n.12.

66 Epictetus apud Stob. serm.3. de Temper.

CAPITULO XVIII.

Que he meyo para a boa Fortuna grangear amigos; quaes, & como; & o modo de usar delles.

1 Oy dito celebre dos Filozofos antigos 1 que o homem fabio se bastava a si mesmo, pelo que não necessitava de amigos; porque a sabedoria, diz Salamaõ, 2 val mais que todos os Reynos, & riquezas: traz consigo todos os bens, & assim a quem a possui tudo sobreja.

2 Contra este dito argumentava Epieuro, que entre os gostos, que naturalmente se appetecem, he o de ter amigos; assim como a solidão se aborrece, assim a sociedade he suave: a natureza, que concilia entre si os homens, os faz appetitosos de amizade.

3 Seneca 3 respondeu com distincção: Para viver na bemaventurança de animo, que a virtude ensina, não são necessarios amigos: para viver, como ordinariamente se vive, são precisamente necessarios: para viver só à virtude, basta o animo: para viver tambem ao Mundo, muytas cousas não bastão. Não são necessarias à vida da virtude, porque ainda que lhe falte tudo o do Mundo, & padeça dores, & trabalhos, soffre virtuosamente, tendo a gloria na paciencia: & para isto o Sabio se basta a si mesmo sem adjutorio exterior.

4 E assim Estilpon, sendo tomada sua Patria, em que perdeu mulher, filhos, & fazenda, & escapando só sem cousa alguma, perguntando-lhe o vencedor Demetrio, Rey de Macedonia, quanto perdera, respondeu que trouxera consigo tudo o que tinha; entendendo que tudo trouxera em seu animo. O valeroso varão, diz Seneca, 5 venceu a vitoria de seu inimigo, & o obrigou a duvidar, se vencera, pois nada tirara ao vencido. Se o Sabio necessitara de alguma cousa fóra de si, já fora sugeyto à Fortuna, o que elle não he. Mas para viver a vida do Mundo são necessarios amigos; porque esta pede outros alivios; & os amigos o dão grande, não em ajudarem, (que isso fora por interesse, que tira a magestade à amizade verdadeyra) mas para nós os ajudarmos a elles, que he o fruto da amizade generosa. Ainda que pareça, que neste ponto fallou Seneca demasiadamente Estoico, disserão o mesmo Santo Agostinho, Santo Ambrosio, São Jeronymo, 6 & outros Santos. Eu dissera mais moderado (conformandome com o Ecclesiastes 7) que são alivio, pela sociedade humana, que dicta naturalmente communicacão, para reciprocamente se ajudarem. Esta amizade se chama honesta, posto que involva interesse proprio. Todavia advertio Seneca que, ainda que aquella vida de virtude não necessita de ami-

1 Refert Seneca Epist. 9 in prin

2 Sap. 7. v. 8.

3 Senec. d. Epist. 9.

4 In idem est D Thom. 2. 2. q. 129. art. 2. ad 1 & 2.

5 Senec. suprã.

6 D. August. q. 18.

D. Ambros. Offic. lib 3.

D. Hieron. ad Demet. iad.

7 Ecclesiast. 4. 10.

Si unus ceciderit, ab alio fulciatur; v. z. soli. quia cum ceciderit, non habet sublevantem se.

amigos, nem por isso deyxá de os estimar, & desejar; sente não os ter, mas sabe viver sem elles: como hum doente mais quizerá ter saúde, mas accomoda-se com a doença. Hum que perdeu hum oiho, ou huma mão, se he Sabio, & virtuoso, vive contente com os membros, que lhe ficarão, & bastaõ para viver; posto que mais quizerá, que nenhum lhe faltasse.

4 Neste sentido he conselho de Christo Senhor nosso, fazer amigos, para que ajudem, quando for necessario. 8 Suppoem, que haõ de ser verdadeyros em toda a fortuna, como disse o Sabio. 9 Estes não se achaõ, quem acha hum, acha hum thesouro, disse o Ecclesiastico. 10 Não só porque val tanto como thesouro, porque se acha taõ raramente como thesouro. E assim não disse Christo Senhor nosso que o busquemos, disse que o *façamos*.

5 Como o faremos? Hecaton 11 respondeu: *Se queres ser amado, ama*. Engana-se quem cuyda fazellos com banquetes, ou com dadivas; & os de alta fortuna, que os querem obrigar com beneficios: & os que se leuã de interesse, saõ temporarios, como lhes chamou Seneca; 12 compañeyros da mesa, como lhes chamou o Ecclesiastico. 13 Nunca ha tanta falta de amigos, como quando se cuyda que sobejaõ; com titulo de amigos, saõ inimigos. A Alexandre ferido em huma batalha dizia seu privado Parmenio, que não se metesse em tantos perigos: & elle respondeu: *Assegurame tu, Parmenio, dos amigos fingidos, que eu me guardarey bem dos inimigos descubertos*. O que parece lhe dictou a mente prelaça, porque veyo a morrer do veneno, que lhe deraõ seus criados Filippo, & 14 Iolas. E a outros muytos, a que os inimigos não puderaõ matar, matáraõ os amigos fingidos: Alcibiades, Agefilao, Demetrio, Antigonio, Pompeyo, Lentulo, Julio Cesar, & o nosso Viriato. Se faltarem os banquetes, as dadivas, & se mudar a Fortuna, se verá que não eraõ amigos, porque estes se provaõ nas adversidades, que he a sua pedra de tocar. Nem os amigos se conhecem nas bonanças, nem os inimigos se escondem nos males. 15 Nero experimentou nisto a mayor desgraça; quando, vendo que não tinha quem o soccorresse, para não cahir nas mãos dos que o buscavaõ, pedio que alguem primeyro o matasse. E nem isto alcançou. Pelo que lastimosamente se queyxou dizendo: *Basta, que nem acho amigo, nem acho inimigo!* 16 espantando-se de que na mayor adversidade não achasse algum inimigo. Quem entaõ lhe seria amigo? Só saõ firmes os que se obrigaõ de se verem amados. Por isso não saõ firmes os que se fingem amigos do rico, & do grande, porque sabem, que elle os não ama. 17 Este amor reciproco (na doutrina de Aristoteles 18) consta de sympathya natural, que se acha entre muytos, mas poucos a culturaõ, posto que a conheçaõ

entre

8 Luc. 16.9.

Facite vobis amicos, ... ut cum defeceritis, recipiant vos.

9 Proverb. 17.17.

10 Eccles. 6.14.

Qui autem invenit illum, invenit thesaurum.

11 Hecaton apud Senec. d. Ep. 9. post princip. Si vis amari, ama.

12 Senec. d. Ep. 9. ad med.

13 Eccles. 6.10.

14 2 Curt. hist. Alex. l. 10.

15 Ecclesiast. 12.8.

Non agnoscitur in bonis amicus, & non absconditur in malis inimicus.

16 Sueton. in Neron. c. 47. in fin.

Ergo ego, inquit, nec amicum habeo, nec inimicum.

17 Senec. Epist. 3.

Nullum habet maius malum occupatus homo, & bonis suis obsessus, quam quod amicos sibi putat, quibus ipse non est.

18 Arist. Rhetor. ad Alex. c. 39.

8. Ethic. c. 12. & 1.9. c. 1.

entre si; diverte-se a coufas, em que imaginãõ mayor lucro. Quem quer bons amigos, applique-se aonde achar inclinaçãõ; concorrendo poder, será mais util, mas ainda sem poder achará a vontade de Jonathas, que tanto ajudou; a boa *Fortuna* de David só com avisos, que o livrãõ da morte, que Saul lhe ordenava. 19 Que importa buscar os mais poderosos, se lhes não ganho a vontade? A vontade em algum caso me poderá ser util. Do poder sem vontade não ha que esperar bem. Tal vez o poderoso he como Demonio, que fingindo-se amigo, sóbe alguns ao pinnaculo; mas he para que nelles sirvaõ com acçoens de precipicio. 20.

6 De entre os mesmos, em que se acha sympathya, se deve fazer eleyçãõ, antes de trabalhar pelos fazer amigos, porque nem todos serão convenientes. Suetonio diz de Augusto, que os escolhia com vagar, & os conservava constantemente. 21 Devem-se preferir os de melhor juizo, bons costumes, valor, synceridade, & boa fama. Nem com o nescio, diz o Ecclesiastico: 22 Nem com o máo, diz Santo Agostinho: 23 Nem com o pouco verdadeyro, diz Aristoteles, 24 pôde haver amizade. Na Corte he conselho de prudentes tratar amizade com os de facçãõ, que se acha cahida; principalmente com os de bom talento; porque com os cahidos se alcança facilmente, pois estimaõ serem buscados; & como as mudanças são certas, o que hoje não he valido, o ha de vir a ser, & se for honrado, se lembrará de quem o respeytou na fortuna contraria. Quem seguindo só o tempo se empregou todo no presente, se acha depois enganado; porque os validos, que agora busca, o desprezãõ; & os desvalidos, que agora não busca, o desprezarãõ, quando os quizer buscar. Mas deste conselho se deve usar com cautela, de que os validos presentes o não conheçaõ, porque costumaõ offenderse, de que se trate com os da outra parte.

7 Feyta eleyçãõ, a communicacão, & conversacão faz os amigos, concordãdo nos ditos, & nas acçoens segundo a doutrina de Santo Thomás, 25 (suppondo, que tudo ha de ser honesto, & judicioso,) & para a facil, syncera, & agradavel concordia, contribue especialmente a sympathya, que acima notãmos. Aristoteles 26 acrescentou, que se ajude com algum beneficio feyto graciosamente sem ser rogado, nem depois publicado. Finalmente, as occasioens hiraõ mostrando à prudencia o mais, que aqui se não pôde especificar.

8 Como amigo fiel, para que o possa bem ajudar com conselho, ou com obra, deve o amigo tratar seus negocios, 27 & abri-lhe o peyto. Falloha mais fiel, se o tiver por tal. Muytos, diz Seneca, 28 ensinãõ a enganar, temendo ser enganados, & na suspeyta deraõ ao amigo direyto de peccar. Mas ha casos exceyçãõ da regra, em que huns communicãõ tudo,

19 1.Reg.6.19. & 10.

20 *Matth.4.5. & 6.*

21 *Senec. Epist.8. ex Theophrasto: Sueton. de Cesarib. in August.*
Amicos neque facile admittit, & constantissimè retinuit.

22 *Ecclesiast.20.17.*
Fatuus non erit amicus.

23 *D. August. de Consens.*
Amicitia in malo esse non potest.

24 *Aristot. Rhet. ad Theod. 1. c. 15.*
Violatis pactis tollitur inter homines commerciorum usus.

Liv. Dec. 1. l. 6.
Cum fidei abrogatione omnis humana societas tollitur.

25 *D. Thom. 2. 2. q. 114. art. 4.*

26 *Arist. Rhet. 1. 2. c. 4.*
Si gratis beneficium dederis, si non rogatus, si postea quam dederis, tu illud non invulgareris.

27 *Proverb. 25. 9.*
Causam tuam tracta cum amico tuo;

28 *Senec. Epist. 9.*

tudo, outros tudo callão; & em ambos os extremos ha erro; a prudencia usará do que convier, segundo as circunstancias, porque hã tempo de nada comunicar, tempo de comunicar algumas coufas; & os mais acutelados dizem que não ha tempo de comunicar tudo. O que eu tenho por maxima certa he, que nunca se deve comunicar ao amigo, o que depois me pezará que elle sayba, se se tornar inimigo, como pôde succeder. Assim como tambem, nunca se ha de fazer inimigo, que se não possa reconciliar; nem se ha de desprezar o mais vil inimigo, porque o mais vil he mais a proposito para fazer mal. E ainda que haja mulheres de grande confiança, sempre he mais seguro guardar dellas o segredo, que importar muyto; porque tal vez o revelação com bom zelo, & pouca discrição, como fizerão muytas causando grandes males.

9 Esta verdadeyra theorica ensinaõ scientificamente os Mestres; porèm nem sempre se pôde praticar toda. A conclusãõ principal he, que para alcançar, & para não perder, & para em tudo viver bem afortunado, em quanto ao Mundo, conforme a distincção de Seneca que propuzemos, 29 são necessarios amigos. Se se não puderem achar verdadeyros, sejaõ dos que vulgarmente assim se chamaõ, & procurem-se pelos modos possiveis, sendo honestos, & decentes. Ajudar a outros, diz Santo Agostinho, 30 he grande meyo para depois outros nos ajudarem; & Lactancio, 31 que quem não ajuda outro, cuyda que nunca necessitará de ser ajudado. E engana-se. Com imprudencia pedirá favor na necessidade (diz São Jeronymo 32) a quem desprezou quando podia.

10 Porèm deve-se advertir, que a amizade não seja notoria, nem os amigos se jactem della, porque ha casos, em que isto prejudica a ambas as partes, fazendo-se suspeyto o favor, que se faz ao amigo. O que mayormente procede nos Ministros; & assim se deve dissimular, ou disfarçar sua amizade, para que sem nota se possaõ livremente ajudar; porque ha poucos, que sem repararem nella queyrão assemelhar-se àquelles, que refere Valerio Maximo, 33 que com amizade filosofica antepuzeraõ a obrigaçãõ de ajudar os amigos a todo o dispendio, & interesse proprio. Succede tambem cahir o amigo, & chegarem as lançadas ao outro, que fazia profissaõ publica de o fer; porque he costume das Cortes cahirem com o mayor, os que o seguiaõ: como succedeu naquelles mesmos exemplos de Valerio Maximo; & assim sem valerem bons procedimentos, se pende da *Fortuna* alhea.

11 Sobre tudo, por mais poderosos que sejaõ os amigos, não ha que fiar delles sem alguns merecimentos propios, porque já em Icaro 34 se nos mostrou, que com azas postigas não se pôde voar muyto tempo.

29 *Supra num. 3.*30 *August. de serm. Dei in mont. lib. 1.*31 *Lactant. 1. Nullius operã indigere se putet qui alteri suum negat.*32 *D. Hieron. sup. Hierem. l. 2. Impudens postulatio tempore egestatis, & angustia: ab eo quare auxilium, quem in prosperitate contempseris.*33 *Valer. Max. l. 4. c. 7.*34 *Apud Ovid. Metam. lib. 6.*

CAPITULO XIX.

Com Temperança, & Moderação se deve procurar subir ao alto da Fortuna.

1 A Temperança he virtude, que tem exercicio muyto entendido; porque segundo Santo Thomàs, 1 no seu nome se significa huma Moderação, ou Temperamento, que a razaõ faz. Marco Tullio 2 tinha dito, que he Moderação dos desejos obedientes à razaõ. E outro lugar 3 declarou, que rege todos os effeytos, & movimentos da Alma, & do corpo, para que concordem com a ley da natureza, & com a ordem das pessoas, lugares, & tempos. Agora para o nosso intento tratamos somente da parte della, que deve moderar a maneyra, & fórma, em que cada hum ha de procurar o que deseja conseguir, & principalmente na Corte.

2 Ainda que a Magnanimidade, de que acima tratámos, 4 deva aspirar a muyto, & para isso haj mercimentos; não convem chegar às alturas de salto (palavra, de que em semelhante caso usa o Direyto Canonico 5) sem precederem degrãos, ou pelo menos degrão, porque se suba. A boa Fortuna repentina he temeraria: abate com a mesma pressa, com que exaltou. 6 Os dous irmãos Graccos, que pela memoria illustre de seus pays, & pelas partes pessoas, de que eraõ dotados, chegarião subindo às mayores dignidades, quizerão saltar a ellas fiados em applausos populares, & cahiraõ logo miseravelmente. 7 Os antigos diziaõ, que o que a Fortuna, assim dava, sempre ficava seu, para o poder tirar, quando quizesse: 8 & como ella era inconstante, se arrependia brevemente de haver dado, & por isso brevemente o tirava; se o não tivera dado, não o pudera tirar: fóra de quem o adquirio com seu trabalho pelas vias ordinarias.

2 Esta razaõ dos antigos attribuhio nimio poder à Fortuna. Outra mais palpavel he, que a grande Fortuna tem grandes inimigos; 9 & o que não tem grandes fundamentos, não pôde resistir a combates.

4 Estes discursos procedem para o caso (que será raro) em que se alcança de salto grande lugar; mas o ordinario he não se poder subir sem degrãos. Quem pretende o contrario, se faz naturalmente odioso, porque o reputaõ por arrogante, presumido, & soberbo, ou por ambicioso, ou cubicoso; & por qualquer destas qualidades, he mal visto. Ao que se ajunta, que para o mais alto tem oppositores maiores; & para o menor os teria menos forçosos.

5 Não se segue disto, que se hajaõ de procurar cousas de pouca estimação, mas sómente que se procurem as de grandeza

1o. In Pap. form. de Beat. Merit. et gradus. Merit. per mer. et gradus. Merit. per mer. et gradus. Merit. per mer. et gradus.

1 D Thom 2.2.q.141. art. 1. in corp.

2 Tul. l. 2. de fin. bon. et mal. Temperantia est moderatio cupiditatum rationi obediens.

3 Idem Aut. l. 1. de Offic.

4 Suprà cap. 15.

5 In tit. Decretal. de Clerico, qui per saltum promot.

6 Senec. Traged. 6.

7 Plutar. in Gracch.

8 Senec. epist. 2. in fin.

9 Vell. Patercul. l. 2. Nonquam eminentiz invidiz carent.

10 *Leo Pap. serm. de Pentec.*
 Meior est gradus lentier per iter
 rectum, quam velocitas festina per
 devium.

11 *Suprà c. 14. n. 9e*

deza proporcionada ao estado presente de cada hum: em cuja consequencia venhão depois com suavidade outras mais altas, a que se deve aspirar. Por falta desta medida, & *Temperança* ficão muytos sempre no bayxo, não podendo voar aonde queriaõ, & chegaõ là outros, que lhe eraõ inferiores. Melhor he (disse São Leão Papa 10) hir com mais vagar por caminho direyto, que andar com pressa pelo não trilhado. Nas historias veremos, que todos os varoens grandes subiraõ por degrãos aos lugares superiores. Merecer, viver, & sofrer, tudo alcança. Disto dissemos acima no Capitulo do conhecimento proprio, 11 & referimos o exemplo de Butridio, com que Tacito prova esta doutrina.

CAPITULO XX.

Como a Occasiao conduz muyto para a boa Fortuna.

Que cousa he Occasiao, donde derivou o nome, como se pintava, & venerava por Deosa.

Quanto importa o usar della.

1 *Mare. Tul. de Invent.*
 Occasio est pars temporis habens
 in se alicujus rei idoneam faciendi,
 aut non faciendi opportunitatem.

2 *Ecclesiast. 3. 1.*
 Omnia tempus habent.

3 *Festus apud P. Jean. David, in
 l. cui titulus, Occasio arrepta, in Prae-
 fat.*

Occasio est opportunitas temporis
 casu proveniens.

4 *Calepin. verbo, Occido.*

5 *P. Jean. David supra bene ex-
 plicat.*

1 **A** *Occasiao*, conforme a diffine Marco Tullio, 1 *he hũa parte de tempo, que tem em si oportunidade idonea para fazer, ou não fazer alguma cousa.* Porque nem todo o tempo he opportuno, & idoneo para nelle se fazer tudo; hum he accomodado para humas cousas, outro para outras, como diz o Ecclesiastes. 2 E porque este tempo, ou *Occasiao* não vem, quando se deseja, mas inopinadamente, ajunta Festo, 3 naquella diffinição, que he *oportunidade vinda acaso.*

2 O nome *Occasiao* [como ensina Calepino) 4 vem de *occisum*, supino do verbo *occido*, com a penultima breve, que significa acontecer.

3 Os Antigos a veneravão por Divindade, como costumavão venerar todas as cousas, em que consideravão mysterio. Os Gregos lhe chamavão *Deos* em sexo viril; adorando, ou venerando o tempo opportuno. Os Latinos *Deosa*, em sexo feminino; adorando, ou venerando a oportunidade desse tempo. 5

4 Pintavaõ os Latinos a *Occasiao* femea como Nynfa: os Gregos macho, como menino; ambos nus; com azas nos pès; sobre huma roda voluvel, que em movimento velocissimo corria todo o Mundo: a cabeça pela parte dianteyra com largo cabello, que lhe cubria o rosto, & pela parte posterior calva. Na mão huma navalha, de huma parte muyto afinada, & da outra incapaz de cortar. As azas a mostravaõ ligeyra; a roda, inconstante; a cabelleyra cubrindo o rosto significava que não queria ser conhecida, mas que se a conhecesses, tinha bem por onde se lhe pegasse: ser pela outra

par-

parte calva, mostrava, que se lhe não pegassem, quando a tinhaõ diante, depois de ella virar as costas, já não achariaõ, por onde lhe pegassem. A navalha aguda por huma parte, era mostra, de que só cortava, & obrava, se sabiaõ usar della. Davase-lhe por companheyra a *Penitencia*, ou *Arrependimento*; porque este a segue logo, tanto que passou, sem della se usar. E assim se costuma dizer, que *a ninguem saltarão conselhos, vindo já tarde.* 6 Todos dizem: *Se eu me vira outra vez naquella Occasiao, eu me regera de outra maneyra, fizera isto, & isto.* Mas estes conselhos são filhos posthumos da *Occasiao* já morta. Ha hum Epigramma celebre, que Aulonio traduzio do Grego, (como diz Policiano) em que se explica a effigie daquella pintura, o qual escusamos trasladar aqui, pelo trazer Calepino, 7 livro que nos he tão commum; & não he menos elegante outro de Alciano nos seus Emblemas. 8

5 Os effeytos da *Occasiao* deirão materia para a terem por Deosa. Chama-se *alma das acçoens*; 9 porque mais negocios se acabaõ com ella, que com todas as forças. 10 Huma pequena *Occasiao* he muytas vezes origem de grandes cousas. 11 O que procede em todas as materias. Na agricultura, na navegaçãõ, mercancia, negocios da Corte; na Medicina o disse o decantado Aforismo de Hippocrates, 12 & na milicia he o principal documento. 13 Scipião Africano dizia, que não se devia pelejar com o inimigo, senão quando a *Occasiao* convidava, ou a necessidade o pedia. 14 Do grande Capitaõ Themistocles foy o principal louvor entender isto por excellencia. 15 A Cayo Mario na guerra civil de Roma, estando com seu exercito recolhido em hum fosso esperando *Occasiao*, mandou dizer Sylla, que *se era grande Capitaõ, sabisse a pelejar com elle*: & Mario lhe respondeu, que *se elle era grande Capitaõ, o obrigasse a pelejar, ainda que não quizesse.* 16 A Antigono, que se achava alojado em hum sitio eminente, mandou-o Pyrrho desafiãr a que descesse à batalha, respondeu *que a sua militia usava tanto do tempo, como das armas; que se elle Pyrrho se enfadava de viver, não lhe faltariaõ outras occasioens, em que morresse.* 17 No grande aperto, em que Annibal poz aos Romanos, os livrou a prudencia de Fabio Maximo, que nunca quiz pelejar, porque não via boa *Occasiao*; & dizia Annibal, que mais o temia não pelejando, que a seu companheyro Marcello, querendo sempre pelejar. 18 São innumeraveis semelhantes exemplos. Mas assim como he imprudente obrar sem *Occasiao*, ou necessidade, assim he de descuydado, não obrar, quando a *Occasiao* se offerrece. 19 He aguia ligeira, que em quanto voa a nossos pès, facilmente se toma: se foge para o alto, zomba de quem a procura alcançar. 20 Annibal o experimentou, quando podendo, não entrou em Roma, como já referimos. 21 Em poucas palavras disse tudo Tito Livio: 22

6 Nemini unquam sera defuerunt consilia.

7 Calepin. verbo, Occasio.

8 Alciat. Emblem. 111.

9 Pacini histor. l. 7.

10 Dion. l. 43 Plura negotia opportunitate occasionum, quam viribus sunt rectè conficta.

11 Demesthen. in O. at. ad Lestim. Parvæ occasiones magnarum rerum causæ existunt.

12 Hippo. rat. Aptho. in. 1. Occasio præcept.

Ovid. l. de Rem. Temporibus Medicina valet; data tempore perit, Et data non apto tempore vitæ nocent.

13 Polit. l. 9 Dominatur Occasio in omnibus rebus humanis, maximum è verò in bellicis.

Repetit. l. 10. & 17.

Plutarch. in Coriolan.

Occasione num in bello maximum est in utramque partem momentum.

14 Plutarch. in Scipion.

Vater. Maxim. l. 7. c. 2.

15 Plutarch. in Timistocl.

16 Plutarch. in Apophthegm.

17 Plutarch. in Pyrrhuma.

18 Plutarch. in Rom. Apophthegm.

19 Vide Procop. de bel. Vandal. l.

1. Juvian. l. on. hist. l. 1.

20 Nicephor. l. 10. c. 22.

21 Suprà c. 10. n. 6

22 Liv. Dec. 3. l. 2 Armarus, intentusque sit; neque occasione tuæ desis, neque tuam occasionem hostidat.

Estay armado, & attento; não fálteis à vossa *Occasião*; nem deis a vossa *Occasião* ao inimigo. Pitaco Mitelenio aconselhava aos Cortelãos, que para pedirem aos Principes (& o mesmo he aos grandes Ministros) escolhessem *Occasioens*, em que elles estivessem delectados, alegres, & benevolos. *Sabey* (dizia elle) 23 que esta *Occasião* vos aproveytará mais que cebo de Leão, sangue de Basilisco, espinhaço de Dragão, ou de Cobra: (Eraõ estas cousas, com que se faziaõ feytiços.) Suetonio 24 refere, que os que pediaõ mercês ao Emperador Vespasiano, costumavaõ escolher as *Occasioens*, em que elle entrava no banho, ou em algum passatempo; porque entãõ o achavaõ mais liberal. Horacio dizia, que só em tempo oportuno seria bem ouvido de Augusto Cesar. 25 E enviando-lhe hum livro encomendou ao portador, que lho não apresentasse, senãõ se elle estivesse com faude, & alegre. 26 Ovidio em semelhante caso se queyxava de se não fazer aquella observação. 27 Porém o melhar tempo de negociar com os Principes he, o em que elles necessitaõ do serviço da pessoa; entãõ deferem com favor, & brevidade. Quem espera pedir depois de haver servido no que se lhe encarrega, acha-se frustrado, & arrependido de haver perdido a *Occasião*.

6 Finalmente em todas as materias he a *Occasião* máy dos successos; por isso na sua effigie lhe penduravaõ alguns na cinta a Cornucopia, & na mão lhe punhaõ hum ramo de Oliveyra, flores, & outras cousas, significando a abundancia de seus frutos. 28 Não só nas letras humanas, mas tambem nas Divinas são innumeraveis os exemplos. Rebecca para alcançar a benção de seu marido Isaac para seu filho Jacob, & a tirar a Esaú, soube usar da *Occasião*, que se lhe offerceu, em pedir Isaac a iguaria, de que gostava. 29 Moyse; fugido de Farão sem ter aonde se recolher, usou da que teve em ajudar as filhas de Madian, para achar casa, em que vivesse. 30 Ruth, por conselho de sua sogra Noemi, usou da de apanhar as espigas para alcançar a *Fortuna* de casar com Booz. 31 Jabel da do sono de Sifara, para o matar. 32 Esther da benevolencia, que lhe mostrou Assuero, para livrar seu povo. 33 E assim outros muytos. O mesmo he no espirital. A Magdalena na casa do Fariseu soube usar da *Occasião*, para se pôr aos pés de Christo (que só alli se achãõ as melhores *Fortunas*) para ser perdoada. 34 Os dous Ladroens, ambos inopinadamente crucificados aos lados de Christo tiveraõ a mesma *Occasião*; mas só o que soube usar della, alcançou o Paraiso, & o outro se condenou. 35 Bastão por muytos estes exemplos.

7 O mesmo Christo, que tudo podia, usou das *Occasioens*. O primeyro milagre, em que se mostrou Deos, fez nas vodas de Caná com *Occasião* de faltar o vinho. 36 para chamar

São

23 Refe. 1. P. Joan. David in lib. di. O. casion. neglecta Stemmat. 2. c. 6.

24 Sueton. in Vespasian. c. 21.

25 Horat. Satyr. 1. l. 1. Nisi dextero tempore, Flacci verba per attentam non ibunt Caesaris aurem.

26 Horat. Epist. 1. Si validus, si letus erit, si denique poterit.

27 Ovid. Metam. 9. Non adit apta non legi idonea, credo, Tempora.

28 P. Joan. David. sup. Stem. 1.

29 Genes. 17.

30 Exod. 2.

31 Ruth 3. & 4.

32 Judic. 4. 21.

33 Esther 7.

34 Luc. 7. 37. cum seqq.

35 Luc. 33. 42.

36 Joan. 2.

São Mattheos ao Apostolado usou da *Occasiao* de o ver, quando hia passando. E São Mattheos tambem lançou logo mão della, deyxando tudo, & seguindo o Senhor. 37 De semelhantes *Occasioens* usou para chamar os mais Apostolos, posto que sua alta Providencia os tivesse de antes escolhido. Para chamar Zaqueo usou da *Occasiao* de o ver subido na arvore; mas tambem Zaqueo soube pegar della descendo com pressa, logo que foy chamado. 38 Finalmente as historias das vidas dos Santos estão cheas das extraordinarias *Occasioens* de que Deos usou para os trazer a si; & cada hum de nós experimenta em si mesmo as muytas porque nos chama. Então usa o Senhor de sua benignidade, como diz o Apostolo: 39 então he o tempo da boa *Occasiao*; & dia da faude, diz elle, 40 & nos exhorta, a que não deyxemos 41 passar endurecendonos; para que não sejamos como Esau, que por hum breve gosto perdeu o morgado; & depois não pode tornar a elle, posto que o procurou com lagrimas. 42 Deyxamos passar as *Occasioens*: queyra Deos, que nos não succeda o que o mesmo Senhor disse: *Virão dias, em que desejeis ver hum dta o Filho de Deos, & o não vereis.* 43 Ficando em trevas, porque não quizemos andar, quando tivemos luz, como elle disse em outro lugar. 44 O que desprezamos presente, choraremos passado. Fechou-se a porta às Virgens loucas, porque se detiverão sem lhes valer o pretexto de hirem procurar o que lhes faltava. 45

8 O Demonio, sendo tão grande negociante, não negocia sem *Occasiao*. Para arruinar o Mundo usou da que lhe deu o agrado, com que Eva vio o pomo. 46 Para perverter os virtuosos descendentes de Seth, usou da que lhe deu a fermosura dos mãos descendentes de Caim, com que os incitou a se casarem com ellas, o que de antes não fazião, & daquelles matrimonios nascêraõ os filhos depravados. 47 Para fazer peccar David, tomou *Occasiao* de Bersabé se estar lavando no seu eyrado, 48 & por muytos exemplos basta, que metido no coração de Judas, 49 diz o Sagrado Evangelho, que buscava oportunidade de *Occasiao* para entregar o Divino Mestre a seus inimigos; 50 porque sem ella o não podia entregar. Sempre o diabo (diz o Apostolo São Pedro 51) nos anda cercando, como leão bramidor, para nos devorar, espreytando as *Occasioens*: & por isso admoesta o Ecclesiastico aos pays, que guardem os filhos, porque não cayaõ nelas. 52

9 Bem diz hum Author moderno, que nenhuma cousa conduz tanto para a boa *Fortuna* como a *Occasiao*; 53 sem *Occasiao* nada se consegue. Se chega, deve-se logo usar della: se passa, fica só a sombra entre fantasias, que em vão se pretende abraçar.

10 Para conhecer quando a *Occasiao* chegou, não há re-

37 *Matth. 9. 9.*
Marc 2. 14.
Luc. 5. 27 & 28.
Relictis omnibus;

38 *Luc. 19. 6.*
Festinate descendit;

39 *D. Paul. 2. ad Rom. 1. 4.*
Ignoras, quoniam benignitas Dei ad penitentiam te adducit?

40 *Paul. 2. ad Corinth. 6. 2.*
Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis.

41 *Paul ad Hebr 2 1. & c. 3. 13.*
& 15. & c. 12. 17. & 18.

42 *Genes. 25. 33 & c. 27.*

43 *Luc. 17. 22.*

44 *Jean. 12. 35 & 36.*

45 *Matth. 15 10. & 11.*
Luc. 13. 24. & 25.

46 *Genes. 3.*

47 *Genes 5.*

48 *2. Reg. 11.*

49 *Jonn 13. 2.*
Cum Diabolus jam misisset in cor;

50 *Marc. 14. 12.*
Quærebat, quomodo illum opportunè traderet.
Matth. 16. 16.
Quærebat opportunitatem, ut eum traderet.

51 *Petr. 5 8.*

52 *Eccles. 26 13.*

In filia non avertente se firma custodiam: ne inventa occasione utatur se.

53 *Gasp. Caldera in Tribunal: Politic. ult. tit de dupl. Fortun. vers. Thebanus.*
Nil enim æquè facit fortunam, ad Occasio.

gra; porque he conforme ao negocio, & occurrencias delles; mas quem tiver noticias, trato, & experiencia dos tempos, lugares, circumstancias, & pessoas, com que se ha de negociar: se a esperar com advertido cuydado, a conhecerá facilmente, os nescios a não conhecem senão passada: os circunspectos a adivinhaõ futura. E assim o grande engenho de Virgilio, introduzindo a Dido, que encomendava a sua irmã Anna o que queria negociar com Eneas, diz que remetteu a sua eleyção discreta à *Occasão* de que havia de usar, pois só ella conheceria os tempos, & as entradas, que com elle poderia ter, 54 sem que se lhe pudesse dar regra para isso.

44 *Virgil. Æneid. 4. 4* Sola viri molles additus, & tempora nolcis.

C A P I T U L O XXI.

Que a Confiança de si mesmo he necessaria em toda a negociação, acompanhada com Modestia.

1 **D**isse Marco Tullio, & o refere o Angelico Doutor, que a *Confiança* he meyo porque o animo toma esperança para obrar grandes cousas de honra; 1 nunca será grande quem desconfiar de si. Notouse por caso extraordinario, que o Atheniense Alcibiades fosse tão grande Capitão, sendo tão desconfiado de si, que se não atrevia a fallar em publico. Do que Socrates o reprehendia, advertindolhe, que aquelles publicos constavaõ dos particulares, com que fallava. 2 O Orador Romano, ainda que pela authoridade do auditorio dizia que tremia, quando começava a orar, 3 logo tornava sobre si confiado.

2 Chegada a *Occasão*, quem negociar em qualquer materia, ha de mostrar no exterior grande confiança de si mesmo, com modestia, segundo sua esfera, conservando no exterior com humildade o *conhecimento proprio*, de que acima 4 tratámos, assim para se regular pelo que merece, como para confiar, & esperar só em Deos. Se se entender, que desconfia de si, ninguem fiará delle. Na milicia, como será reputado por valeroso, o que não dá indicios de seu valor? Nas Letras, como se cuydará que sabe, o que encobre a sua sciencia? 5 Na mercancia, como terá credito na praça, quem não ostenta, que o deve ter? Nas pretensões da Corte, como se deferirá aos merecimentos, de quem parece, que os não conhece em si? Para o governo da Republica, como se avaliará por habil, quem encolhido não descobre sua capacidade? Os homens não podem estimar, senão o que conhecem, nem conhecem senão o que vem. Quem não mostra *Confiança*, testemunha contra si. Só pôde ser conhecido pelo que he, havendo muyto, & familiar trato, que se não pôde dar entre todos: & assim não pôde alcançar a boa *Fortuna*,

1 *D. Thom. 2. 2. q. 118. a. 1. in eo p.* Fiducia est per quam magnis, & honestis rebus multum ipse animus in se fiducia cum ipse collocavit.

2 *Refere Mexia n Sylv de var. ligão l. 2. c. 44.*

3 *In principio dicendi totis artibus contremisco.*

4 *Supra c. 14.*

5 *Scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter.*

na, que suas qualidades lhe darião, se fossem conhecidas. O prudente Rey Theodorico no provimento de huma alta dignidade deu entre outras em razãõ de seu acerto, eleger hum, que a pretendia confiado; 6 por não ser crível (conforme a modestia de seu tempo) que alguem se inculcasse com *Confiança* para occupação, de que não era capaz.

3 Deve-se particularmente acautelar de ser tido por pobre; se o for, dissimule quanto puder; porque a pobreza, como disse Horacio, 7 está exposta a opprobrios, como já dizia Santo Ambrosio, 8 só os ricos são reputados por dignos de honra. Atè hum Texto de Direyto Civil 9 ordenou, que aos muyto pobres se não dessem officios da Republica. E a estimação está venal, a fazenda dà as honras, & as amizades, o pobre jaz pelos cantos da ruas; assim o chorava Ovidio. 10 Nem fallar o deyxão, diz o Epirito Santo, 11 ainda que falle bem. E se o rico falla, posto que mal, todos o ouvem com silencio, & levantaõ atè as nuvens suas palavras. He necessario ao pobre que a industria lhe suppra esta falta, & lhe permita confiança.

4 Porém a *Confiança* não ha de ser jactanciosa, nem com sombra de soberba; porque além de se fazer odiosa, como acima dissemos, 12 argue todo o contrario da que se pretende mostrar; nenhum prudente cre que hum arrogante he valeroso: já Livio 13 disse, que o que tem prompta a lingua, não tem promptas as mãos. E cada dia o vemos. Nem cre, que hum fallador he sciente: 14 nem que o jactancioso de rico tem quanto apregoa; nem que o que exagera seus serviços, obrou as proezas, que representa: nem que o que para o governo inventa novos arbitrios, deyxará de destruir a Republica. Cuydão estes, que se acreditão, & sua bocca os envilece. 15 Sylla a huns Embayxadores de Athenas, que vindo tratar com elle pazes, lhe referirão com verbosidade vitorias dos seus, respondeu: *Hidevos embora, õ bem afortunados, & tornay a levar com vosco essas oratorias, porque o Povo Romano não me mandou aqui para aprender essas historias, mas para destruir rebeldes.* 16 Tal reposta merecem os que hindo fallar a hum Ministro, ou outra pessoa sobre hum negocio, fazem verbosas relaçoens em louvor proprio: *Louvem-vos os estranhos, & não vòs mesmo:* dizia Salamaõ. 17 Cataõ encomendava o mesmo. 18

5 Deve, pois, cada hum fallar no seu negocio, confiado, mas modesto, nem com falta, nem com excesso de *Confiança*. Em todas as cousas (como cantou Horacio 19) se require modo, & termos, em que nem se deve faltar, nem exceder. Porém, havendo-se de errar, seja antes por demasiada confiança. A experiencia mostra, que esta negocea melhor com os homens, como a mayor humildade alcança mais de Deos.

6 Apud Cassiod. var. l. 4. Ep. 29.

7 Horat. l. 3. Ode 24. Magnum pauperis opprobrium jubet.

Cuius, & facere, & pati. 8 D. Ambros. l. 2. Offic. Hodie nemo, nisi dives, & honore dignus reputatur.

9 L. Rescripto 7 ff. de muner. & honor.

10 Ovid. l. 1. Fasteo. In pretio pretium nunc est, dat census honores, Census amicitias, pauper ubique jacet.

11 Ecclesiast. 13. 26. cum seq.

12 Suprà c. 14. n. 3.

13 Liv. Dec 3. l. 2. Quorum lingua prompta, ac temeraria est, haud æquè in pugna vigent manus.

14 Ecclesiast. 10. 14. Stultus verba multiplicat.

15 Ecclesiast. 21. 29. In ore fatuorum cor illorum. Alciat. Emblem. 3. lib. 2. Stultitix est index, linguaque, vox que sua.

16 Plutarch. in Syl.

17 Proverb. 27. 2. Laudet te alienus, & non os tuum; extraneus, & non labia tua.

18 Cato apud Rosfred. in 2. quest. Sabbat. n. 3. Non velis rerum quidquam laudare tuarum.

19 Horat. serm. 1. Est modus in rebus, sicut certi denique fines, Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.

6 Esta *Confiança*, regulada he virtude. Christo Senhor nosso, que professava ser humilde, e a mostrava grande, quando pregava, & particularmente quando reprehendia, para mais aproveytar. Pregava (diz o Evangelista São Mattheos 21) *como quem tinha poder*. E o Proconul Publico Lentulo, escrevendo de Judéa ao Senado Romano as noticias do Senhor, dizia que *era terrível no reprehender*. 22 Os mais humildes Santos o imitarão, quando conyinha, como lemos em suas vidas.

7 As historias humanas mostraõ com exemplos, quanto importe a *Confiança* de si mesmo para obrar em todas as materias. O nobre Thebano Epaminondas, accusado capitalmente, só respondeu, que não tinha melhores razoens de defensa, que seus grandes feytos, & os Juizes, sem chegarem a votar, se levantárão do Tribunal, & o deyxárão livre. 23 Scipião Africano, faltando dinheyro para hum negocio publico, & sendo necessario tirallo do Erario, que as leys prohibião abrirse, tomou as chaves aos thesoureyros, dizendo, que as leys cedião à necessidade commua: tirou dinheyro, com que a remediou, valendo-se da *Confiança*, que tinha de si. 24 Elle mesmo chamado em hum dia destinado para responder diante do Povo, & mayor Nobreza de Roma, a huma accusação, que hum Tribuno lhe fazia; em lugar de se defender, poz na cabeça a coroa Triunfal, & disse: *Neste dia, ò cavalleyros, venci Annibal, & sugeytey Carthago, vou ao Campiوليو dar graças a Jupiter*. O Senado, a Nobreza, & todo o Povo o seguio: & o Tribuno envergonhado de o deyxarem só, fez o mesmo. 25 Aquella *Confiança* de si tornou o accusador em venerador, o rigor do juizo em remunerador dos meritos. Cataõ, em huma das muytas vezes que foy accusado, pediu por Juiz a Tito Gracco grande seu inimigo: & esta sua *Confiança* cerrou a bocca aos que o perseguiaõ. 26 Marco Antonio hindo para Asia por Questor, chegando a Brundisio soube, que em Roma o accusavão de hum incesto diante do Pretor Lucio Cassio, que pela nimia severidade contra os criminosos, era chamado *perdição dos Reos*. E podendo-se escusar da accusação pela ley Memmia, que a não permittia contra os ausentes por causa da Republica, tornou a Roma, onde vista sua *Confiança*, foy logo absoluto. 27 Julio Cesar, prisioneyro de pyratas, os ameaçava, que chegando a terra os faria enforçar. E os mandava callar, quando queria dormir. E por esta *Confiança*, com que fallava, o respeitavão os mesmos, a que elle devia obedecer, & que tinham poder para o matar. 28

8 Exemplos domesticos temos em Portugal no grande Condestavel D. Nuno Alvarez Pereyra, que se confiava tanto de si, que aconselhou a ElRey Dom João I. que para reduzir todos seus Conselheiros a approvarem a empreza da

con-

20 *Matth. 11. 29.*21 *Matth. 7 in fin. Sicut potestatem habens.*22 *Apud D. Anselm. de form. & in ib. B. Virgin in tom. 3.*P. Fr. Joseph de Jesus Mar. *bist. de N S. l. 1. c. 42. n. 4**Cesta no Discus. contra a perfidia Judaica c. 7. ad fin.**D. Hemes no trat Eva, & Ave p. 2. c. 40. n. 4. & c. 43. n. 4.*23 *Plutarch. in Apophthegm.*24 *Valer. Max. l. 3. cap. 7.**De fiducia sua.**Plutarch. in Apophthegm.*25 *Valer. Max. sup.**Plutarch. sup. & de vir. illustr. in Scipion.*26 *Valer. Max. sup.*27 *Valer. Max. sup.*28 *Nota o P. Zacar. de Lyfscux na Filosofia Christ. p. 1. c. 41. no princip.*

conquista de Ceyta , que todos tinhaõ por quasi impossivel , o mandasse votar primeyro , porque todos havião de seguir o seu voto. Assim o fez ElRey , & assim succedeo. 29. Ganhada , parecia tão impossivel sua conservaçaõ , que nenhum dos muytos , & muy valerosos Fidalgos , que ElRey consigo tinha , se quiz encarregar della , só Dom Pedro de Menezes Conde de Vianna (qual Scipiaõ no aperto , em que Annibal poz a Roma 30) com grande confiança de si se offereceu , dizendo : *Que com aquella aleo , que tinha na mão , (assim chamavão a huma vara grossa , com que se jugava a choca) defenderia a praça de toda Berberia.* ElRey lha entregou com doze mil & setecentos Soldados : & elle a sustentou para a segurança de Hespanha , em grande honra sua , & de seus descendentes nas insignes vitorias , que alcançou dos Mouros , em vinte & dous annos de guerra tão continua , que em dezaseis delles , não deyxou de dia , & de noyte de trazer huma cota de armas , que o uso chegou a romper , como se fora jubaõ. 31. ElRey Dom João II. hindo a cavallo por hum campo , seguido de muytos , de que suspeytou máo intento , se voltou para elles com dissimulaçaõ , porque fiado em si entendeu , que de rosto a rosto o não acometeriaõ : & assim foy , até que chegou o Capitão da sua Guarda , que vinha distante. 32. E por esta *Confiança* de si assegurou a vida. O grande Affonso de Albuquerque , Governador da India , em huma breve carta , que estando para morrer escreveu a ElRey Dom Manoel , fallando de seus serviços , com semelhante confiança à que acima referimos de Epáminondas , disse sómente : *E quanto às cousas da India , ellas fallarãõ por si , & por mim.* 33. E estas confiadas palavras acháraõ em ElRey toda a satisfação. Referirey finalmente o que por vezes ouvi a meu pay , que se achou presente. Dom Christovão de Moura , Marquez de Castello Rodrigo , grande valido , que havia sido delRey Dom Filippe II. de Castella , governando Portugal , morto elle , Vice-Rey deste Reyno por Dom Filippe III. hindo por huma sala do Paço de Lisboa acompanhado de muytos Fidalgos , & pretendentes , hum Soldado honrado , que tinha bem servido na India , lhe dava hum memorial , & pedia , que se lembrasse dos seus papeis ; porque havia largo tempo , que andava pretendendo. Respoudeu-lhe o Marquez , que havia muyta gente para despachar , & não se podiaõ despachar todos com brevidade. O Soldado , adiantando o passo , se atravessou diante sem descomposiçaõ , & fazendo parar o Vice-Rey , lhe disse com grande confiança : *Senhor Dom Christovão , despache vossa Senhoria os homens , & deyxé a gente.*) Não eraõ entãõ as Excellencias tão commuas.) O Marquez , que foy hum varaõ prudentissimo , reparou nelle com hum respeyto sossegado , & acceytando o memorial , lhe respondeu : *Logo despacharey a V. M. & o fez no mesmo dia.*

29 Chronica moderna del Rey D. João I. c. 83.
O Conde da Ericeyra D. Fernando de Menezes , na vida do mesmo Rey l. 5.

30 Liv. Dec. 3. l. 6.
Platarch in Scipion.
Valer. Max. l. 3. c. 7.

31 Gomes Bannes de Azuray no Chron. do Conde D. Pedro. Maris nos Dialog. dos Reys de Portugal, Dialog. 4. c. 3.
D. Agestinho Manoel. na vida do Conde D. Duarte de Menezes l. 2. n. 15.

Luis Cuelbo de Barbuda no trat. da Fidelidade Lusitana fol. 25. vers. Dissemos nas Excellenc de Portugal c. 14. Excel. 9. n. 9. & c. 17. Excel. 1. n. 3.

32 Rezende na Chron. del Rey D. João II. c. 52.

33 Damio de Goes na Chron. d'El Rey D. Manoel, p. 3. c. ult.

9 Estes bons successos alcança quem modestamente mostra *Constança* de si mesmo, negociando em qualquer materia: o curto, & o que negocea a medo defacredita sua causa.

C A P I T U L O XXII.

Da Diligencia necessaria para alcançar.

1 **J**A' dissemos, 1 que a boa *Fortuna* não vem sem ser procurada: agora dizemos, que a *Diligencia* em a procurar deve ser muyto cuydadosa, & activa. Muytos tratão do negocio com tanta remissaõ, como se havello emprendido bastára para o conseguir; sendo que nem as mais pequenas cousas se pôdem alcançar, sem serem muyto sollicitadas. Por isso a *Diligencia* (diz Santo Thomàs 2) he virtude, que se requiere em todas as virtudes, pois em todas se requerem os actos, que a razão mostra serem necessarios, & a *Diligencia* he a que os obra; & a falta della se chama *negligencia*, que nas cousas espirituas he peccado, & o será nas temporaes com a differença, que ha de humas a outras. Chama-se *Diligencia*, do verbo, *Diligo*, que significa *amar*; porque para o que amamos, pomos muyto cuydado, se o não pomos na negociação, nem amamos, nem a conseguiremos.

2 Foy Proverbio de Salamaõ, que acima já 3 propuzemos, que os remissos em obrar, sempre serão pobres. Os que obrão vigorosamente, grangeão todos os bens. E em outro lugar repetio, que via nos mayores lugares, os que se applicavão velozmente. 4 Na historia Sagrada he exemplo de negociante diligente o servo, por quem o Patriarca Abraham mandou procurar mulher para seu filho Isaac. Foy a Mesopotamia, buscou, achou, pretendeu, & alcançou Rebecca. Não se contentou senão com que partisse logo, pedindo-lhe a mãy, & irmã que se detivesse só dez dias, elle com instancias cortou a dilação. 5 Convem instar pela conclusão do negocio; porque tal vez succede, que a pessoa, de que depende, a deseja, & se diverte por esquecimento, ou por outra occupação.

3 Com tudo advertio bem Plinio, 6 que assim como he nocivo lavrar muyto o campo, porque se enfraquece: assim o he algumas vezes ser diligente nimio nos negocios; porque ou he contra a authoridade, sem a qual nada se negocea. (E assim disse hum illustre Cortesaõ, que quem perde a honra pelo negocio, perde o negocio, & a honra.) Ou succede o que acima dissemos com Tacito, 7 que pela demasiada *Diligencia* se destroe, o que se ganharia com a menor; porque mostra ambição, que a todos enfada. Quando os filhos de Zebedeo por sua mãy pretendéram assento aos

Jados

3 *Suprà c. 19. a. n. 7.*

2 *D. Thom. 2. 2. q. 14. art. 1. ad 1.*

3 *Suprà c. 10. num. 6.*

4 *Proverb. 21. 29. Vidi virum velocem in opere suo sedentem coram Regibus, neque erit ante ignobiles.*

5 *Genes. 24.*

6 *Plin. l. 18. c. 6.*

7 *Sup. c. 14. n. 9.*

lados de Christo, os outros Discipulos se indignáraõ, 8 porque foy pretençaõ ambiciofa. Quando o mesmo Senhor deu a Saõ Joaõ recofto fobre feuy peyto, 9 & a Saõ Pedro o Principado da Igreja, 10 com ferem mayores lugares, naõ lemos que algum fe indignaffe, porque naõ precedeu ambiçaõ. Faz-fe tambem o nimio, importuno, que Piero Valeriano 11 equivooca com imprudente, a que a fciencia dos EGYPCIOS deu por jeroglyfico a mosca com as más qualidades que o mesmo Piero refere; chegando a dizer com Saõ Jeronymo, que entre os Hebreos foy jeroglyfico do Demonio pela pertinacia, com que persegue.

4 A Diligencia deve fer discretamente regulada, nem demasiada, nem remiffa. O Sabio (diz Saõ Gregorio 12] considera naõ só o que ha de fallar, mas tambem a oportunidade do lugar, tempo, & peffoa. O lugar, em que fe falla no negocio, he a casa daquelle, com quem fe trata; não na Igreja, nem na casa alhea, nem no paffeyo, nem na rua; fe não he mercador, para os quaes he a Praça lugar deputado. O tempo não ha de fer o do comer, o do repoufo, do divertimento, ou da occupaçaõ; & menos o de doença, ou de algum pezar: em todos estes fe faz o negociante molesto, & mal visto, & fe arrifca a huma resposta defabrida. Deve-fe escolher o tempo accommodado, & destinado para negocios, & não fer impaciente em o esperar. Na Corte he erro de muytos, fe tem processos, ou papeis outros largos, que fe hajaõ de ver, pedir ao Ministro, que os veja nos dias das Pascoas, ou feriados, porque então terá mais lugar: & não considerão, que elle se enfada de lhe pedirem, que trabalhe no tempo, que Deos, & as Leys lhe daõ para descansar. A pratica não deve fer larga com preambulos, ou largas relaçoens: feyta brevemente a faudaçaõ da urbanidade, fe deve logo propor o negocio com palavras fõmente que bastem para o declarar. Feyta huma vez narraçaõ delle, não se deve repetir, he bastante huma succinta lembrança. Paffar do negocio a outra converfaçaõ, não se faz sem haver familiaridade, ou sendo o negociante provocado; então pôde conversar fobre alguma nova, ou caso notavel, que haja succedido. E a materia mais agradavel será aquella, a que conhece que he mais inclinada a peffoa, a que defeja contentar. Finalmente nem deve fer fevero, nem facil; com meyo prudente fe deve accommodar no licito, & honesto com o natural da peffoa. Com este bom modo, diz Plutarco, que ganhou o Atheniense Alcibiades os animos dos de Lacedemonia, aondê andava desterrado. 13 E o Apostolo Saõ Paulo escreveu, que ufava delle para aproveytar com fua prègaçaõ. 14

50 Porèm não deve o negoceante lifongear; assim porque peccará no excesso do modo de comprazer; 15 como porque a lifonja he engano com louvor falso. E diz Santo Agostinho,

8 Marc. 10 41. Cœperunt indignati.

9 Joan. 13 23 & 21 20.

10 Matth. 16. 18. cum seqq.

11 Pier. Valer. Hierogl. l. 26. de Musca.

12 D. Gregor. in Proverb. 1 c. Sapiens non solum quid loquatur, sed etiam opportunitatem loci, & temporis, & personæ, quam loquitur, diligenter inquirir.

13 Plutarch. in Alcibiad. paulo post med.

14 D. Paul. 1. ad Corinth. 7. 22. Omnibus omnia factus sum, ut omnes facerem salvos.

15 D. Thom. 2. 2. q. 115. art. 1.

nho, que havendo dous generos de perseguidores, huns que vituperão, outros que adulaõ, estes faõ os peyores; 16 inimigos lhes chamou Pythagoras. 17 E assim se o lifongeador prudente, se offenderá, & quando se não offenda, sempre o lifongeyro se envilece, & como tal he desprezado do mesmo, que quer contentar, como largamente dissemos em outro tratado. 18 A Escritura santa os abomina em muytos lugares. 19 Alexandre Magno, mostrando-lhe Aristobolo hum livro, que tinha escrito de seus feytos famosos com muyta lifonja, o lançou no rio Hydaspes, dizendo a seu Author, que merecia fazerem-lhe o mesmo. 20 E El Rey Dom João II. de Portugal disse, que fazia mercè a Dom João de Menezes, porque lhe fallava verdade, ainda que fosse contra seu goisto: 21 tal he a pena da lifonja, tal o premio da verdade. Só a ignorantes contenta a adulação: os Sabios estimaõ a verdade, posto que lhes amargue.

6 O prudente se deve com especial cuydado guardar do impulso natural a desfazer por qualquer modo em seu oppositor. Porque (além do que fica dito em outro Capitulo 22) com isso o não offende na substancia, pois se lhe não dá credito, antes o authoriza, & desfaz em si, pois cuyda, que o não vencerá sem o abater. Pouco faz, quem merece mais que outro, que não tem meritos; a honra está em ser anteposto, a quem tem muytos. Segue-se o que disse São Jeronymo, 23 que como a setta, que dá em coula dura, torna contra quem a despadio do arco, & tal vez o fere; assim a murmuração, & detracção rebatida de quem a ouve. Quem pretende ha de fallar de si, & não dos outros; se se offerece fallar dos outros, seja louvando-os: com isso se acredita de cortezaõ advertido, & não se acredita o louvado, porque se conhece que aquelle louvor he urbanidade. Insigne exemplo se lè na historia de Tito Livio. 24 O Consul Aulio Sempronio perdeu huma batalha contra os Bloscos por falta de disciplina militar; & fora mayor a perda, se Sexto Tempanio Decuriaõ dos Cavalleyros com valeroso acordo a não reparára. Quizerão em Roma os Tribunos do povo accusar o Consul, & outros dous, que diziaõ culpados, & no dia finalado para a audiencia foy chamado Tempanio pela reputação, que ganhára; para referir o successo, de cuja relação verdadeyra pudera tirar grande honra: com tudo generosamente não tratou de suas acçoens, nem vituperou as do Consul: narrou taõ modesto, que se augmentou credito, & deu a muytos illustre exemplo para occasioens semelhantes.

7 Intercessores ajudão as pretençoens; delles se valeu Abraham, para que Efron lhe concedesse o campo para sepultura de sua mulher Sara. 25 Os melhores não faõ os parentes, porque a estes se nega com mais confiança. O mesmo procede nos amigos intimos, se não pedem com empenho.

Os

16 D. Augustin. in Psalm. 59.
Adulatio est fallaci laude reductio.
Duo sunt genera persecutorum, scilicet, vituperantium, & adulantium, &c.

17 Pythagor. apud Stob. serm. 12.

18 No vat. Eva. & Ave, p. 1. c.

34 à n. 6.

19 Proverb. 1. 10. & 16. 24. &

27 5. & 28. 4 ac passim.

20 Erasmi. l. 8. Apophtegma.

21 Rezende Chron. de D. João II.

c. 141.

Boiros Decad. 3. l. 7. c. 7.

22 Sup. cap. 17. n. 3.

23 D. Hieron. da Rustic. Monat. de vivendi form.

24 Livius Decad. 1. l. 4.

25 Genes. 23. 8.
Intercedite pro me apud Ephron.

Os mais effectivos saõ , os de quem se depende , se mostraõ , que intercedem de coraçãõ , & não levemente , por serem rogados.

8 A mais efficaz *Diligencia* saõ dadas, como entendeu , & experimentou Jacob para negociar com seu irmão Esaù. 26 Tudo lhes obedece , como disse Horacio. 27 Mas quem busca *Fortuna* , não tem cabedal. E se com algum , que tenha , trata de melhoralla , he necessaria cautela para não perder , & industria para dar ; porque este meyo sendo conhecido , não he decente a hum negociante de honra. E nem todos os que podem, aceytaõ ; & tentados arrisca a hum desgosto. Com tudo ha traças , a que poucos resistem : emprestar , mandar vir de fóra huma encomenda barata , & tal vez sem custo ; inculcar huma compra , ou venda , ou arrendamento em preço ventajoso supposto , pondo de casa a ventagem. Estes , & semelhantes modos se tem por honestos , fingindo se enganados , os que se prezaõ de rectos , ainda que saybaõ , que não enganaõ ; contentaõ-se com se não declararem. Presentear cousas comestiveis , ou outras cousas de pouca valia , (se para isso se alcança confiança) he *Diligencia* , em que não ha inconveniente , & grangea boas vontades. Os excellentes Emperadores Severo , & Antonino referidos por Ulpiano em hum Texto de Direyto Civil , 28 permittiraõ aos Ministros aceytar taes presentes , com tanto que *nem aceytassem tudo , nem sempre , nem de todos*. E porque *não aceytar de ninguem* (diz o Texto) *he cousa inhumana : mas aceytar sempre he muyto vil : aceytar tudo he muyto avaro*. O que entendo nos Ministros , que não saõ de justiça. Os de justiça não devem ter mãos.

9 O bom negociante deve ter segredo no que pretende , & quando não possa deyxar de se saber , tenha em segredo o estado da sua pretençaõ. Comunicar huma , ou outra cousa , a quem o não pôde ajudar , não pôde ter utilidade : & artifice a muyto mal , com que os invejosos , os oppositores , & os mal affectos costumãõ fazer desvios , ou embaraçar.

10 Não deve fiar muyto das boas palavras , nem ainda de promessas de Ministros , ou outras pessoas , com quem trata qualquer materia , nem segurar-se em esperanças ; porque isto tal vez o faz descuydado , ou menos sollicito : & quando depois falta , he mayor o sentimento.

11 Sobre tudo se deve abster de toda a *Diligencia* , que por alguma via possa offender a consciencia , ou a honra ; porque melhor *Fortuna* he conservar a pureza de ambas , & não ha recompensa , que as iguale.



26 Genes. 30. & 33.
27 Horat. l. 2 Serm Satyr. 10.
Pecuniaz obediunt omnia.

28 L. Solent. 6. §. Non verò . . .
Offic. Preconsul
Non omnia nec passim , nec ab omnibus. Nam valde inhumacū est à nemine accipere ; sed passim , vilissimum , & omnia , avarissimum.

CAPITULO XXIII.

Da Perseverança necessaria, & do soffrimento.

Pela dilatação em alcançar desconfião muytos, & desistem do que emprenderao. Não sejas pusillanimes, lhes diz o Sabio. 1 Quem intentou bem, deve estar firme como huma estatua, dizia Socrates. 2 Perseverar, quanto he necessario, em diligenciar o que he justo, he virtude especial, que se ajunta à Fortaleza. 3 E assim como as Escrituras Sagradas o encomendaõ para o espirital, 4 o ensinaõ tambem os Mestres Politicos para o temporal; advertindo, que não se desista do util por difficuldades apparentes. 5 Não ganha o premio (disse o Apostolo 6) quem não corre até o fim do estadio.

2 Muytos (diz Polybio) como mãos corredores, deyxado o primeyro fervor, desistem do começado: outros só porque perseveraõ constantes, vencem seus contendores. 7 O lavrador (diz Seneca) perderá o que semeou, se não continuar com o trabalho; só com muyto cuydado se cria, o que ha de segar; nada chega a fruto, senão o que de principio até o fim tem cultura igual. 8

3 Deste modo alcança a Perseverança o que pretende; a continuação põde mais que a força. 9 Com ella fura a gotra de agua a dura pedra, sobre que cahe. No espirital nós seja exemplo a grande Santa Teresa de JESUS; que refere de si, 10 que vinte annos passou em contradicoens; antes que chegasse à felicidade de espirito, que alcançou com sua perseverança insignemente virtuosa. A outros muytos Santos succedeu o mesmo; sendo como Capirão de todos o Santo Job, em quem Deos mostrou ao Demonio, quanto esta virtude consegue. E o Patriarca Jacob, que à força de braço, & de instancias obrigou o Anjo, a lhe dar a benção. 11 Della, no temporal louva Plutarco 12 a Sertorio, dizendo que era grave em se determinar, & constante em proseguir. E Tacito mostrou sua efficacia no modo, com que Julio Blossio foflegou as Legioens de Panonia nos principios do Imperio de Tiberio. 13 Nem necessitamos de exemplos, quando temos a doutrina de Christo Senhor nosso na Parábola do amigo, que por perseverar em pedir os pães, os alcançou do outro, que lhos negava. 14 Ena da viuva, que tambem, por perseverar, conseguiu despacho do máo Juiz, que lho dilatava havia muyto tempo. 15 E se vio no Cego, que alcançou vista pela perseverança, com que a pedio, quando todos o impedião. 16 A muytos conhecemos entre nós, fizerão proposito de alcançarem coulas, em que largo tempo

po

1 *Eccles 7.9. Noli esse pusillanimis in animo tuo.*

2 *Socrat. apud Stob. serm. de Prudentia.*

3 *D. Thom. 2.2. q. 137. art. 1. & 2.*

4 *Luc. 11.5. & seqq. c. 12. 1 & c. 21. 19.*

Matth. 10. 22.

Marc. 13. 13.

D. Paul. ad Rom. 12. 12. ad Ephef. 6. 18 & 1. ad Ihes. 5. 16.

5 *Polyb. l. 10. Nulla re utili abstinendum est propter apparentes difficultates.*

6 *D. Paul. ad Corinth. 9. 24.*

7 *Polyb. l. 16. Nonnulli perinde atque imperiti, ac vecordes cursores, &c.*

8 *Senec. de Benefic. l. 2. c. 12. Nihil in fructu pervenit, quod non a primo usque ad exitum aequalis cultura prosequitur.*

9 *Plutarch. in Sertorio. Est enim assiduitatis vis, intracta, quae omnem superat, excinoitque potentiam.*

10 *Madre Theresa de Jesus, na sua vida c. 8. no princip.*

11 *Jeb. 2.3. Genes. 32. 26.*

12 *Plutarch. in Sertorio.*

13 *Tacit. l. 1. Annal.*

14 *Luc. 11. á princip.*

15 *Luc. 18. á princip.*

16 *Luc. d. c. 18. 35. cum seqq.*

po se lhes offerecerão delvios, & difficuldades grandes; mas a *Perseverança* nas diligencias lhes deu o que desejavão.

4 Esta *Perseverança* não encontra o que dissemos 17 culpando a *Importunação*; porque são differentes. Em poucos dias de negociação se pôde ser muyto importuno; & bem se pôde perseverar largo tempo fazendo as diligencias sem importunação, com todo o bom modo.

5 Aqui he lugar de advertir aos pretendentes o soffrimento, que devem ter. Ao homem colerico, & mal soffrido (escreve hum grande Cortesão 18) não lhe convem seguir a Corte, & menos com pretensões; muytos annos (diz elle) lhe não bastarão para vingar, nem ainda para cuydar, no que soffreu em hum só mez. Não digo que se soffrão affrontas, nem cuydo, que Ministro algum as quererá fazer. Fallo do pouco favor, & dissabor, que em alguns se acha na falta da audiencia, na sequidaõ da reposta, no descuydo da mayor cortesia, ou em outra cousa semelhante. Muyto disto se deve attribuir ao enfadamento, que os negocios causaõ: ás occupaçoens precisas; à diversãõ em cuydados: tal vez à inadvertencia, ou a algum achaque, a que estamos fugeytos. Ainda que proceda de má vontade, para as taes occasioens he celebre aquella sentença Castelhana: *Dando gracias por agrabios negocian los hombres Sabios*. Quem se dá por aggravado, se faz odiado por temido. Convem dissimular, fingindo não entender; ou mostrando judiciosa paciencia. Em que se exercitaria esta virtude, se não houvera que soffrer? He prudencia obedecer, ao que se não pôde vencer. Isto muytas vezes ganha as vontades, & aproveyta como melhor diligencia.

17 *Supra c. 11. n. 5.*

18 *D. Anton. de Guevara no Me- nosprecio de Corte e 3. post med.*

C A P I T U L O XXIV.

Se convem algumas vezes deyxar a Patria, por me- lhorar a Fortuna.

1 **H**E taõ recomendada a perseverante diligencia para a boa *Fortuna*, que se esta se não puder alcançar na Patria, he questaõ, se se deve hir buscar em terras estranhas, ainda que sejaõ de outra Naçaõ, & de outro Principe? Não se duvida, de que se haja de deyxar por algum tempo, sahindo a procurar honra, ou fazenda, para tornar a lograr na Patria. Que isso fazem de ordinario os homens de espirito. Nem tambem se duvida, de que se haja de deyxar o lugar do nascimento, posto que para sempre, para viver em outro dentro do mesmo Reyno, ou Provincia. Se isto fora miseria, estaria o Mundo cheyo de miseraveis, pois tantos homens o fazem, como diz Cicero. 1 A que se disputa he, se convem algumas vezes deyxar totalmente a Patria

1 *Cicer. 1 Tuscul.*
Si abesse à patriâ miserâ est, plerq̃ miseriarum sunt Provinciz. ex quibus admodum pauci in patriam revertuntur.

por terra estranha para sempre?

2 Ovidio 2 considera, que o amor da Patria pôde mais que todas as commodidades. O Scythia (notava elle) foge dos regalos de Roma para a aspereza da sua terra. He inclinação natural, com que os simpleses passarinhos tornão de qualquer parte (para o lugar, em que nascêrão. E a astúcia das feras não troca por melhores pastos, o fragoso das serras, em que se criãrão. O prudente Ulysses em suas peregrinações (diz Homero 3) suspirava por ver fumejar as chaminés da sua Patria, antes que morresse. Foy celebre sentença de Sophocles, 4 que era a mayor felicidade não experimentar terra alhea. E ao contrario teve Euripides 5 pela mayor miséria deyxar a Patria, por ser a cousa amada sobre todas. O nome *Patria*, disse Heracles, se derivou de *Pater*, porque ella he nosso pay, pronuncia-se com terminação feminina, porque tambem he nossa mãy: & fiquemos entendendo, que como a pay, & a mãy a devemos estimar, & amar. 6 E não a ama, (diz Santo Agostinho 7) antes a aborrece muyto, quem se persuade a que fóra della succederá bem, sem mimos seus não ha alegria. Nem a fallar livremente se atreve (notou Euripides 8) quem está em terra estranha. E ainda quando nella se acha prospero, não gosta do que lhe não vem lograr seus naturaes. Alexandre entre as glorias que gozava na Asia, desejava, que as velhas de Macedonia o vissem naquella grandeza. Não se perde já mais sua doce memoria, 9 que faz aguadas as felicidades. Considera Lipsio, 10 que assim como os que sahem do porto para o mar, com os olhos, & com os desejos buscaõ a terra; assim os que estão em Regioens estranhas, aspiraõ sempre à propria.

3 Pelo que regularmente mais val menos na Patria, que muyto fóra della. E assim Sertorio muytas vezes vencedor em Hespanha se offerencia a Pompeyo, & a Metello, para se tornar para Roma; se se lhe permittisse, confessandõ, que mais queria ser na sua Patria vil Cidadão, que desterrado ser chamado Emperador. 11 Não se deve deyxar facilmente por esperanças, que podem sahir enganosas. Se os naturaes vem, que o Estrangeyro sóbe a qualquer *Fortuna*, o calumnião invejosos com o dito de Euripides, 12 que se elle não fora máo, não sahira da sua Patria a viver na alhea. Assim succedeu a Annibal desterrado de sua Patria Carthago na Corte del Rey Antioco, em cuja valia se hia prometendo melhor *Fortuna*, & os invejosos o calumniãrão de modo, que lhe foy necessario fugir para Prussia Rey de Bithinia; & ainda que capitaneando huma sua Armada lhe alcançou victoria, foy igualmente perseguido, & teve por menor mal matar-se com veneno; ou (como dizem outros) mandar a hum servo seu que o mataste, do que ser entregue aos Romanos por condição de pazes. 13

4 Com

2 Ovid. 1. de Porto.
Rursus amor patriæ ratione valentior omni.

Quid melius Roma? Scythico quid frigore peius?
Huc tamen ex illâ, barbarus, urbe fugit.

3 Homer 1 Odiss. Cæterum Ulysses cupidus vel fumum exequens videre patriæ lux, sic mori optat.

Ovid. de Porto. 1. 1. Eleg. 4.
Non dubia est Ithaci prudentia, sed tamen optat fumum de patriis posse videre focis.

4 Sophocles. in Træd.
Est tamen optimum si terram non quam expertus es alienam.

5 Euripides in Ægeo.
Veruntamen miseraudum est tempus, quo patriæ fines relinquuntur. Quid paternâ charius esset viro tellure?

6 Stobæus serm. 37.

7 D. August. in Psalm. 19.
Odit valde patriam, qui sibi bene putat, cum peregrinatur.

8 Euripid. in Polyon.
Unum sanè maximum, quod exul non habet dicendi libertatem.

9 Ovid. 1. de Pont.
Nescio quâ natale solum dulcedine cunctos
Ducit, & immemores non finit esse sui.

10 Lipsius Cens. 2. ad Belg. ep. 54.

11 Erasmi. 1. 4. Apophtegm.

12 Euripid. in diæ.
Quod non esses pessimus, nunquam civitate tuâ contemptâ, Regionem istam laudasses.

13 Plutarch. in Annibal ad fin.

4 Com tudo (como disse Christo Senhor nosso 14) nenhum Profeta he honrado em sua Patria. Notou o Veneravel Beda, 15 que procede de ser quasi natural aos homens não considerarem nos conhecidos antigos o que ha de presente, mas só terem lembrança de seus primeyros annos; sem attenderem a que o tempo, & a idade faria nelles a mudança, que cada hum experimenta em si. Por isto muytos achaõ mayor estimaçaõ, aonde não forão vistos senão grandes, como arvores transplantadas, que a nova terra abraça melhor. A esta pouca estimaçaõ se segue o aggravo, que se não compadece com hum alto espirito. Desafoga o coração sahindo a outros ares, & cuyda, como o doente, que alcançaria saude mudando sitio. Assim succedeu a Aristides, Alcibiades, Cimon, & Themistocles Athenienses: a Epaminondas Thebano: a Annibal Carthaginez: a Furio Camillo Romano, 16 & a outros varoens illustres. Entre os quaes foy o Portuguez Dom Rodrigo Forjã Vermuís; 17 & o mesmo quiz fazer o grande Condestavel Dom Nuno Alvarez Pereyra, (tão sensível he hum aggravo a hum animo generoso) se ElRey lhe não dera satisfação. 18 Ha outras cousas precisas para deyxar a Patria; homizios, mercancia, casamentos, heranças, & occasioens, que seria de espirito pusillanime desprezallas, & muyto prejudicial não sahir a lograr ventagens conhecidas. Themistocles fóra de sua Patria, achando-se com grandes riquezas, que lhe deu ElRey da Persia, disse a seus criados: *Amigos, pereceramos, se não pereceramos.* 19 Que foy dizerlhes, que pereceriaõ de fome em sua Patria, se não houverão sahido della. Ao que chamou tambem perecer, pelo muyto que se sente deyxalla; mas tinhalhe sido forçado, para não perecer por outra via. Não deve ser tão preciso o amor da Patria, que obrigue a miserias, que sahindo della se podem evitar. E assim o prudente Socrates 20 antepoz a liberdade no desterro à servidaõ domestica. Considere-se, que como todo o mar he Patria aos peyxes, & todo o ar às aves, assim o he toda a terra aos homens fortes, & Sabios. 21 Quando sahem donde nasceraõ, não mudaõ a Patria, só mudaõ lugar. 22 Ridiculo seria quem se doesse de se passar de huma casa para outra, em que se ache melhor na mesma Cidade. 23 O lugar, em que cada qual se acha bem, esse he a sua Patria. 24 E o acharse bem não pende do lugar, mas do homem. 25 O nescio anda em desterro: o Sabio, & forte em peregrinaçaõ. 26

5 Porẽm sempre em qualquer parte nos deve acompanhar o amor do lugar, em que nascemos, & nos criãmos, pois nisto temos recebido daquella Patria os mayores bens. 27 Sendo necessario lhe devemos pagar com a vida, a que ella nos deu, 28 como fizeraõ os Decios, & Curiacios Romanos, Codro Atheniense, os Philenos, Cyrenenses, & tan-

14 *Jean. 4. 44.*
Propheta in sua patria honorata non habet.

15 *Beda in Luc. 4.*

16 *Plutarch. in suis vidis.*

17 *B. isto na Monarch. Lusit. p. 2. l. 7. c. 29.*
l'a. ia no Bpinom. das histor. Portug. p. 2. c. 9. a n. 14.

18 *Chron. do Condestavel c. 63.*
Chron. antiga d'ElRey D. Joã I. p. 2. c. 154.

19 *Plutarch. in Apophthegm.*

20 *Socras. apud Aul. Gel. l. 3. c. 13.*

21 *Euripides:*

Omnis quidem aer aquilæ penetrabilis est:

Omnis verò terra viro forti patria. *Curt. l. 6.*

Patria est ubicunque vir fortis sedem elegerit.

22 *Senec. de remed. Fortun.*

Non mihi patria interceditur, sed locus.

23 *Ausonius in l. Exilium non esse malum.*

24 *Cic. 3 Tuscul.*

Patria est ubicunque est bene.

25 *Dion. l. 38.*

Loca ipsa nullam felicitatem, beatitudinemve offerunt homini, sed unusquisque nostrum, ipse sibi, & patriam, & vitam beatam omni tempore ubicunque locorum efficit.

26 *Senec. supra:*

Illud autem, per quod bene est homini, non in loco est; si enim sapiens est, & peregrinatur, si stultus est, exulat.

27 *Cicer. 1. de Orator.*

Quoniam sunt omnia commoda à patria accepta.

28 *Paul. Emil. lib. 4.*

Quam à patria mutuatus es vitam, eam illi jure optimo reposceti reddes.

29 *Valer. Max. l. 6. c. 6.*30 *Erasm. l. 6. Apophthegm.*31 *Liv. Dec. 1. l. 2.*
Valer. Max. l. 1. c. 4.
*Plutarch in Sev.*32 *Pythagor apud Stob. serm. 37.*33 *Valer. Max. l. 1. c. 6.*34 *Aelian. var. hist. l. 2.*
Plutarch in Apophthegm.
35 *Plutarch in Aristid.*36 *Senec. de Benefic. l. 6. c. 7.*37 *Liv. Dec. 1. l. 5. Plutarch. in*
*Camill.*38 *Plutarch in Rom. Apophthegm.*
*& in Alcibiad.*39 *Erito, & Faria supra.*

tos outros celebres nas historias. 29 Foy notavel o Cidadão de Preneste Cidade de Italia, a quem Sylla por haver pouzado em sua casa exceptuou da morte, que mandou executar em todos os mais. E elle respondeu: *Que não queria dever a vida, a quem a tirára á sua Patria.* E padeceu com os outros. 30 Por mais que nos aggrave, he a mayor maldade obrar contra elle, como fizeraõ os impios, Coriollano, Sertorio, & outros abominaveis. 31 Se nos perseguio com razão, contra nõs temos a queyxa. Se sem razão, devemos proceder com ella (respondeu Pythagoras) como com mãy ingrata, 32 sempre com reverencia. Se somos bons, ella fica desterrada de nõs, mais que nõs della. Nem a culpa de alguns particulares se pòde vingar em todo hum Reyno, ou Cidade, como disse Esthemio a Pompeyo. Themistocles desterrado de Athenas, & feyto General d'ElRey da Persia, que o havia amparado, & enriquecido, por não hir contra sua Patria, ordenou hum sacrificio, em que bebeu tanto sangue de touro, que diante dos altares se matou com elle. 33 Phoci havendo servido muyto à mesma Athenas sua Patria, ella com grande ingratidaõ o condenou à morte de veneno: & elle no mesmo tempo, em que o bebeu, encomendou a seu filho, que não deyxasse de amar sua Patria, antes a servisse em quanto pudesse. 34 Aristides desterrado da mesma Patria, pediu aos Deoses, que lhe dèsem tantas felicidades, que nunca se lembrasse delle. 35 Callistrato sabindo com outros desterrado da mesma Republica, desejando hum delles, que lhe succedesse tal necessidade, que a obrigasse a restituillos; abominou tal desejo. E Rutilio Romano, a outro, que o consolava com se esperarem guerras civis, com que brevemente tornaria, respondeu: *Que mal te fiz, ò homem, para me desejares peyor tornada que sabida? Mais quero que minha Patria se envergonhe de meu desterro, que doer se de minha restituiçaõ.* 36

6 Os grandes homens não só não deserviraõ a Patria, de que se desterráraõ aggravados, mas antes vieraõ do desterro a servilla, quando a viraõ necessitada. Furio Camillo, de quem acima fallámos, tornou de Ardea a livrar Roma opprimida dos Gallos. 37 O mesmo fizeraõ em varias occasiões Alcibiades, & Cimon 38 com Athenas sua Patria. O Portuguez Dom Rodrigo Forjaz, tambem desterrado por aggravos, como dissemos, ouvindo, que Dom Sancho Rey de Castella vinha contra seu irmaõ Dom Garcia, que reynava em Portngal, & Galliza, de quem elle hia aggravado, voltou dos confins de França, & na batalha, que os Reys tiveram junto a Santarem, obrou acçoens insignes, até prender a Dom Sancho, & o entregar a Dom Garcia: & logo morreu das feridas, que recebêra. 39

7 Conservando assim o amor, & obsequio da Patria, não se

se pôde deyxar de fahir della quando he conveniente à vida, ou à reputaçãõ, ou a interesse certo de grande melhora- mento de *Fortuna*, que se deve bem considerar. As historias estão cheas de exemplos dos que crescẽraõ fóra da Patria, sendo os mais insignes Jacob, & Joseph. 40 De Portugue- zes, que por varias occasioens deyxãraõ Portugal, demais dos que apontãmos em outra nossa obra; 41 Joãõ Affonso Pimentel fundou em Castella a grande Casa de Benavente: 42 Joãõ Fernandes Pacheco teve honras, de que descen- dem os Marquezes de Vilhena, Duques de Escalona: 43 de Egas Coelho os Senhores de Montalvo: 44 de Martim Vasquez da Cunha, Lopo Vasquez, & Gil Vasquez, ir- mãos, procedem de muytas casas titulares. 45 E deyxados ou- tros antigos, nos tempos mais proximos Ruí Gomes da Sylva foy valido d'ElRey Dom Philippe II. & ascendente das casas do Duque de Pastrana, Ijar, & outras illustres. E Dom Christovaõ de Moura, valido tambem do mesmo Rey, que de- pois que entrou em Portugal o fez Marquez de Castello Ro- drigo, com os mais titulos, & mercès, que os validos costumãõ alcançar. A nenhuma diligencia deve perdoar quem aspira à boa *Fortuna*.

40 *Genes. 31. 10 & 41. 40.*

41 *Nos Excellencia de Portugal c. 23. Excellenc. 3. à n. 4.*

42 *Affonso Lopes de Haro, nobili- liai. de Hispanha, 13.*

43 *Lovanta na Annot. B. ao tit. dos Paibecos no Nobiliar. do Condo D. Pedro.*

44 *Lavanha sup. annot. B. ao tit. dos Ceelbos n. 25. pag. mibi. 190.*

45 *Lavanha no tit. dos Cunhas n. 12. Annot. A. pag. mibi. 315.*

CAPITULO XXV.

Quando falta o successo de todas as diligencias do Mundo, se ha de recorrer a Deos pela mais efficaz.

1 **S**E com as diligencias, que ficaõ propostas, se não conseguio, devemos por ultima instancia entrar, como Moysés no Tabernaculo, a tratar com Deos. Acima dissemos, 1 que todas as diligencias se deviaõ fundar nel- le; mas de tal modo pediamos seu favor, que tambem con- fiavamos nos meynos humanos. Agora desconfiando destes, nos livraremos totalmente na bondade Divina, como aconselha o Sabio. 2

1 *Sup. c. 11. 12. & 13.*

2 Ainda que Deos quer diligencias nossas, como já ad- vertimos, 3 para nos ajudar, offende-se talvez de que nos fiemos demasiadamente dellas, devendo ser nelle nossa prin- cipal confiança. Assim disse o Profeta Henani a Afa Rey de Judèa, que não havia tido o bom successo, que pudera ter; porque puzera sua confiança nas diligencias, que fez para o soccorrer ElRey de Syria contra o Rey de Israel; & não to- talmente em Deos, como fizera em outra occasiãõ, em que alcançou huma gloriosa vitoria dos Egepcios. 4 E tambem o reprehende a Escritura Sagrada, 5 porque na doença, de que morreo, buscou mais o remedio na sciencia dos Medi-

2 *Proverb. 3. 5. Habe fiduciam in Domino ex toto corde tuo, & non innitaris prudentie tue.*
3 *Supra c. 10. ex num. 5.*

4 *2. Paralipom. 16. 7. Quia habuisti fiduciam in Rege Sy- riz, & non in Domino Deo, &c.*
5 *Eodem c. 16. 12.*

cos, que no recurso ao Senhor. Quer Deos, que conheçamos que sem elle nada podemos, & com este conhecimento imploremos eficazmente seu favor. Christo Senhor nosso dormia na tempestade, que padecião seus Discipulos: porque queria, que elles o dessejassem mais, & o chamassem, & não lhes deu bonança sem o despertarem, & lha pedirem, confessando, que perecião. 6

3 Havendo sahido inuteis todas as diligencias, devemos tornar sobre nós, & dizer com o Santo Rey Josaphat vendo-se em hum extremo aperto: *Senhor, não sabendo já o que devemos fazer, só nos resta pôr os olhos em vós.* 7 E com o Apóstolo São Pedro: *Mestre Divino, temos trabalhado dias, & noytes, & nada conseguimos, mas em vosso nome tornaremos a lançar as redes.* 8 Entre as maravilhas contou David ser o Senhor refugio, & ajuda dos atribulados. 9 Sorte (diz o mesmo David) de que esperemos, & confiemos nelle; 10 quando todo o Mundo, até pay, & mãy desampararem o homem, então o recebe elle melhor. 11 E assim prometteu: *Hey de livrallo, porque esperou em mim.* 12 Toma por razão para amparallo, esperar nelle. *O' dulcissima liberalidade!* (exclama o Mellifluo Bernardo, 13) *naõ falta aos que nelle esperaõ.* Por ser aquella promessa infallivel, dizia seguro o Psalmista: *Em vós, Senhor, esperey, não serey confundido para sempre; livrayme em vossa justiça,* 14 fazendo justiça daquella graça.

4 Aconselha o Sabio, que a confiança em Deos seja de todo o coração; 15 à medida da fé será o successo. São Pedro em quanto confiou firmemente, passava sobre o mar, como sobre terra: tanto que duvidou temendo os ventos, começou a submergir-se nas aguas. 16 Pelo contrario a grande fé, que o Sagrado Evangelho notou no Centurio de Cafarnaú, no paralytico, na mulher que padecia fluxo de sangue, na Cananéa, no Principe da Synagoga, nos cegos, & em outros, que desesperados dos remedios humanos recorrerão a Christo, lhes alcançou o que desejavaõ. 17

5 Nem só devemos recorrer a Deos, mas tambem, com especial confiança, & devoção, à immaculada Virgem Maria, sua Mãy Santissima; porque ainda que o Senhor he todo poderoso, & independente para dar, estima tanto esta Senhora, que disse o grande Padre São Bernardo: *18 Não quiz Deos, que tivessemos cousa alguma sem passar pelas mãos de Maria.* He necessario ter este cano propicio, & seguro, para que a graça daquella fonte nos possa chegar. Digamos-lhe o que lhe diz a Igreja Santa: *Tiraynos nossos males, pedinos a vosso Filho todos os bens, mstray, que soys Mãy nossa.* 19 Este nome a obrigará, posto que os filhos o não mereção.

6 Com tudo, ainda devemos cooperar de nossa parte, porém não fiados no que fizermos, mas sómente porque Deos quer que façamos sempre o que nos he possível, como
acima

6 *Matth. 8. 25.*

Domine, salva nos, perimus.

7 *Paralp. 20. 11.* Cum ignoremus quid debeamus agere, hoc solum habemus residui, ut oculos nostros dirigamus ad te.

8 *Luc. 5. 5.* Præceptor, per totam noctem laborantes, nihil cepimus: in verbo autem tuo laxabo rete.

9 *Psal. 9. 1. 40. & 11.*

10 *Psal. 146. 11.* Beneplacitum est Domino super timentes eum, & in eis, qui sperant super misericordia ejus.

11 *Psal. 26. 10.* Pater meus, & mater mea dereliquerunt me, Dominus autem assumpsit me.

12 *Psal. 90. 14.* Quoniam in me speravit, liberabo eum, protegã eum, quoniam cognovit nomen meum.

13 *D. Bernard. serm. 5. in Psal. Qui habitat.* O dulcissima liberalitas! in se sperantibus non deest.

14 *Psal. 30. 2.* In te, Domine, speravi, non confundar in æternum: in justitia tua libera me.

15 *Proverb. d. c. 3. 5.* Habe fiduciam in Domino ex toto corde tuo.

16 *Matth. 14. 31.* Modicæ fidei, quare dubitasti?

17 *Matth. 8. & 9. & 15.* cum concordantibus.

18 *D. Bernard. serm. 3. in Vigil. Nativ. Domini.* Nihil nos Deus habere voluit, quod per Mariæ manus non transiret.

19 Mala nostra pelle,
Bona cuncta posce,
Monstra te esse Matrem,
sumat per te preces
Qui pro nobis natus
Fuit esse tuus.

acima fica dito. 20 Então nos ajuda para o que não podemos. O contrario seria tentallo com lhe pedir milagres. Juntamente com trabalhar nos devemos confessar inuteis, como ensinou Christo. 21 Então nos dá o Senhor boa *Fortuna*, & muytas vezes por meyoos tão fracos, que nada se podia esperar delles, antes parecião contrarios ao intento. Forte, & suavemente dispõem tudo, usando de instrumentos pequenos para gloria de seu poder, & liberalidade. 22 Os Egypceios não acabáraõ de conhecer que estava Deos com Moysés, & Aron, senão quando o virão obrar tanto com vis mosquitos. 23 O Santo Bispo Jacobo para livrar de Sapor Rey dos Perlas a Cidade de Néfibis, ou Antioquia Mygdomia, subido em huma torre pedia a Deos que enviasse mosquitos, & pulgas sobre o exercito inimigo. E esta immunda, & vilissima praga metendo-se nos narizes, & orelhas dos cavalloos, & dos outros animaes, de que se serviaõ, os enfureceu de modo, que não ficáraõ de prestimo. E ElRey levantou o sitio. 24

7 Por isto disse o Psalmista: *Bemaventurado o homem, cuja esperança he o nome de Deos, & não faz caso de vaidades insanas, & falsas.* 25 Taes são as esperanças nas diligencias do Mundo. Por este meyo livrou Moysés o Povo cercado por huma parte do mar, & por outra parte do exercito de Faraõ; & alcançou agua para beber, desesperado de todo outro remedio. 26 Judith deu liberdade à sua Patria, que se queria entregar ao Rey dos Assyrios. 27 E o Macabeo Jonathas teve vitoria dos Capitães de Demetrio, achando-se desamparado dos seus. 28 Entre innumeraveis exemplos, nos são domesticos o d'ElRey Dom Affonso Henriques, que vendo-se no Campo de Ourique só com doze mil Soldados, cercado de cinco Reys Mouros com exercito, em que dizem os Historiadores, que havia cem infieis contra cada hum dos Christãos; 29 desconfiados com razão os seus das forças humanas, recorreu confiadamente à oração, com que obrigou a Christo Senhor nosso a vir pessoalmente confortallo, darlhe vitoria, & fundar nelle este Reyno. 30 O grande Dom Nuno Alvarez Pereyra vendo-se muyto apertado por trinta & tres mil Castelhanos na batalha de Valverde, se retirou a orar em hum lugar occulto no mesmo tempo, em que se pelejava, & sabindo d'elle ganhou a vitoria. 31 O valeroso Duarte Pacheco na India Oriental combatido furiosamente pelos exercitos d'ElRey de Calecut, no meyo da peleja fez huma breve oração, & foy vitorioso. 32 O mesmo succedeu por vezes ao valente Capitaõ de Maluco Antonio Galvaõ nos grandes apertos, em que o puzeraõ os Reys vizinhos. O insigne ViceRey da India Dom Luis de Attaide aconselhado em huma occasião, que largasse aos Mouros a Fortaleza de Chaül, que parecia impossivel defenderse, respondeu, que o não faria, porque esperava em Deos, sem o qual as mayores forças eraõ nada, & com fé nelle as mais pequenas eraõ

20 *Sup. d. c. 10. v. 5.*

21 *Luc. 17. 10.*

22 *D. Paul. ad Roman. 9. 23.*

23 *Exod. 8. 19. Digitus Dei est hic.*

24 *Histor. Eccles. p. 2. l. 3. c. 6.*

25 *Palm 39. 5. Beatus vir, cujus est nomen Domini spes ejus, & non respexit in vanitates, & insantias falsas.*

26 *Exod 14. & 17.*

27 *Judith 8. & seq.*

28 *1. Machab. 11. 72.*

29 *Quarte Nunes na Chron. de D. Affonso Henriq. Vasco: etos in Anacephaleos ad eundem Reg. n. 5.*

Maris Diat. 2. c. 4.

30 *B. isto, Chron. de Ciste. l. 3. c. 5. Mon. r. b. Lusitan. p. 3. c. 10. cap. 5. Maris sup. a.*

Diximus in traß. Lusitan. L. bevata Proem. 2. §. 2. ubi tatè.

31 *Chron. do Condestavel D. Nuno Alvares c. 54. Fernõ Lopes Chron. d'elRey Dom Joã I. p. 2. c. 51.*

32 *Gees Chron. d'elRey D. Manoel p. 1. c. 89. ad med. & c. 91. ad fin. Oforius de reb. Emmanuel. l. 3. fol. mibi 133.*

33 Antonio Pinto na histor. de
D. Luis de Atta de 1.2. c. 3.

erão grandíffimas. E com esta confiança teve glorioso successo. 33 O grande André Furtado de Mendocça, illustre Josué deste seculo em virtude, esforço, & vitorias quasi milagrosas, as mais dellas alcançou, pelo que só em Deos confiava, quando menos se podia esperar dos meynos humanos, que todos promettião ruina. Sahia-lhe a *Fortuna* tão bizarra, que diziaõ aquelles Gentios do Oriente, aonde militava, que era Deidade, que andava na terra. Na Fortaleza de Malaca com poucos mais de cem Portuguezes padeceu quatro mezes de terribel sitio, em que o tiverão muytas náos Hollandezas, trezetas fustas do Rey de Achem, & onze Reys circumvizinhos conjurados com os Hollandezes: & vendo-se falto da gente que morrera, & das muniçoens, & mantimentos, que se gastáraõ, sollicitava só soccorro do Ceo, quando (oh maravilha!) a Imagem da Virgem Máy, que tinha em huma lamina, diante da qual fazia oraçaõ, lhe fallou com palavras taõ doces, como sahidas da quella boca Sagrada, & lhe prometteu vencimento. Com vigor novo tornou o feliz Capitão aos poucos, que o acompanhavão, animando-os a persistir na defenfa, como admiravelmente fizeram até o hir soccorrer com grande Armada o Vice-Rey Dom Martim Affonso de Castro, que obrigou os inimigos a levantarem o sitio, depois de outras insignes vitorias, alcançadas por este meyo de firme confiança em Deos. (Entre as quaes foy a importantissima do poderoso, & valeroso Cunhale, que levou preso a Goa, aonde em cadafalso publico foy degollado: pela qual a Camera, & Cidade de Goa sahio a recebello com procição, & festas de triumpho.) E depois de haver succedido no governo da India por morte do Conde da Feyra Vice-Rey, 34 vindo para o Reyno faleceu na viagem com aquella santa lamina nas mãos orando, & dizendo: *Senhora, que por vossa piedade vos dignastes de me fallar, promettendome vitoria, alcançayma agora neste aperto mais importante.* O successor de sua casa guarda a mesma lamina com a devida estimação, & se experimentaõ della maravilhosos effeytos. He infallivel o que o Senhor prometteu: 35 *Vinde a mim todos os que trabalhais, & estais cansados, & eu vos darey descanso.* Nos negocios particulares, & domesticos de cada hum de nós se acharião mais exemplos, que os que ficaõ referidos das historias publicas; mas não he decente, nem permittido escrevellos.

34 Das insignes seytes do grande
André Furtad, Diogo do Couto nas
Decadas da Asia 11. & 11.
Manoel de Pavia, & Sousa na Asia
Portugueza tom. 3. p. 1. & 2.

35 Matih. 11. 28. Venite ad me
omnes; qui laboratis, & ontrati estis,
& ego reficiam vos.

CAPITULO XXVI.

Que se ha de esperar o remedio de Deos com animo constante.

1 **P**osta firmemente a esperança só em Deos, como dissemos no Capitulo proximo, deve haver *Constancia*, para soffrer a *Fortuna* adversa, em quanto o Senhor a não melhorar; posto que tarde, não se ha de imaginar, que nos deyxá. *Esperay o Senhor, obray varonilmente, & confortese vosso coração, & tende paciencia, no que o Senhor ordena*, nos diz David. 1

2 He a *Constancia*, segundo Lypfio, 2 *hum recto, & immudavel valor do animo; que nem se levanta, nem abate com algum successo, & tudo soffre voluntariamente sem queyxa*. Dizemos *recto*, porque deve ser justo; o injusto seria pertinacia. Dizemos, *do animo*, porque, ainda que a fraqueza do corpo repugne, a virtude está, em que o animo se accommode com a tolerancia. Dizemos, *voluntariamente*; não porque se hajaõ de procurar adversidades para exercitar *Constancia*, mas porque vindo ellas, se devem tolerar com boa vontade. Isto he virtude: o outro seria ignorancia. 3 Ajuntamos, *sem queyxa*; porque o homem se não deve queyxa das misérias, a que todos nascem fugeytos. 4 Todos padecem por varios modos, posto que se não vejaõ as chagas, 5 as interiores são as que mais atormentaõ. Extraordinaria cousa seria não ter que padecer. Solon em Athenas levou a huma torre hum amigo, que com muytas lagrimas se queyxa, & mostrando-lhe a grande parte daquella populosa Cidade, lhe disse: *Consideray, que prantos haveria nos tempos passados, & ha no presente, & haverá nos futuros dentro destas casas, & deyxay de chorar como particulares vossas adversidades, pois são commuas aos mortaes*. 6 Só se podem ehorar como commuas pelo peccado, como Job as chorou em si; 7 Christo nosso Salvador em Lazaro; 8 & os Christãos por commiseração em Santo Estevão. 9

3 Esta *Constancia* milita em todas as materias: na temperança contra a gula, na continencia contra os deleytes, & no seguimento de todas as virtudes. No tolerar as adversidades se germana com a Paciencia, & he parte da Fortaleza, como diz o Doutor Angelico: 10 louvavel, & recomendada nas Letras Divinas, como reprovada a inconstancia. 11

4 Para a facilitar nas adversidades, que he o nosso assumpto, convem considerar, quaes, & de que qualidade são as que sentimos; 12 porque muytas vezes com payxaõ inconsiderada he mayor o sentimento que a causa, a qual se judi-

ciafa-

1 Psalm 26.14. Expecta Dominum, viriliter age, & confortetur cor tuum, & sustine Dominum.

2 Just. Lyps de Constans. l. 1. c. 49

3 Senec. Epist. 68 ad Lucil.

4 Job 14. 1 Repletur multis miseriis.

5 Mostramos acima c. 9. n. 1. & 30

6 Refere Lyps de Constans l. 2. c. 26.

7 Job 30. & sepe.

8 Joan. 11. 35.

9 Act. 8. 1.

10 D. Thom. 2. 2. q. 153. art. 5. ad 2.

11 Jacobi 1. 4.

12 Petr. 1. 12. Jude 3.

12 Eccles. 2. 16. Luc. 9. 62.

Paul ad Galat. 33 & ad Ephes. 4.

14 & ad Hebr. 13. 9.

Jacob 1. 8. & 3. 10.

584 Dominio sobre a Fortuna,

ciosamente se ponderára, ficaria mais soffrivel. Para este exame conduz muyto lembrarmonos do muyto mais que vemos padecer a outros; lembrança, que se não confola, serve de exemplo. O mayor mal he não saber soffrer: este he o mayor infortunio, dizia o prudente Bion. 13 El Rey Demetrio muyto exercitado em ambas as fortunas, como nota Plutarco, 14 costumava dizer, que o que não podia com a *Fortuna* adversa, também não podia com a prospera: 15 Nescio mudavel como a Lua lhe chamou o Ecclesiastico; & ao inconstante comparou com o Sol. 16 O nescio padece, porque só vê o presente sem conhecer o fruto da *Constancia*: o Sabio está immovel, porque entende, que em quanto soffre, merece, & tem por certo que haverá mudança, que o poderá melhorar. Por ley eterna posta ao Mundo, tudo nasce, cresce, decrece, morre, & na propria duração se muda. O Creador dispoz tudo com certo numero, augmento, & medida, que não he licito exceder: até ao Ceo, ao mar, & à terra definiu termos; só he estavel quem poz esta ley. Se o Sol tem Oriente, & Occaso: a Lua enchente, & minguante: o mar vafante, & crescente: as Estrellas, que parecem firmes, & por isso tomáráo o nome do verbo, *Sto*, 17 tem seus motos; & da de Venus affirma Varro por relação de outro Escriitor antigo chamado Castor, que mudou a cor, grandeza, figura, & curso: 18 os mesmos Ceos se movem, o ar se muda, a terra treme, os tempos varião, tudo com elles se altera: como não succederá o mesmo nos homens, que são mais fracos, & pendentés daquellas influencias? O que he hoje, à manhã não será. Sobrevem novidades, encontra-se os successos, reynaõ os interesses, obrigaõ-se os animos, & alterna-se a *Fortuna*, descendo ao bayxo da sua roda, o que estava no alto, & subindo o que jazia cahido. Isto, que succede em todas as materias, & em todas as partes, he mais ordinario nas Cortes, como por fado; em poucos annos se vem as amizades, as facçoens, as valias, & o governo tão mudado, que parece hum Mundo novo: nós mesmos o temos visto em pouco tempo.

5 A *Constancia* nas adversidades deu aos Macabeos tantos successos gloriosos: 19 aos Romanos vencidos tornou vencedores de Annibal: livrou os Thebanos dos Lacedemonios: remio Inglaterra dos Dinamarquezes: restaurou Hespanha dos Mouros: & descendo a exemplos de particulares, que são mais de nosso instituto, ella levou a Joseph do cativeyro ao governo do Egypto: 20 guiou a David perseguido ao throno de Saul, que o queria matar: 21 deu gloria a Helias contra Jezabel: 22 repoz no Reyno a Manassés convertido a Deos, depois de tantas afflicçoens padecidas, preso em Babylonia com pezadas cadeas: 23 & basta na Historia sagrada o exemplo de Job, a quem esta vir-
tude

13 B'on epud Anton. Max. ferm.
18 Eum demum infortunatum esse, qui infortunium suum a quo animo ferre non possit.

14 Plutarch in Demetr.

15 Demetrius apud Max. p. 1. ferm. 30

Illum, qui sinistram fortunam ferre nequit, nec dextram quidem posse ferre.

16 Eccles. 27. 12.

Homo Sanctus in sapientia manet sicut Sol; nam stultus sicut Luna mutatur.

17 Calpin. verbo Stella.

18 Varro apud D. August. de Civit. Dei l. 21. c. 8. ante med.

19 In lib. Machab.

20 Genes. 41.

21 2. Reg. 1.

22 3. Reg. 19.

23 Paralipom. 33.

& Tribunal da Razaõ. 585

tude restituího em dobro o muyto, que perdèra. 24 Na profana, entre outros innumeraveis, foy notavel exemplo Dionysio Tyranno de Sicilia, posto em tanto aperto pelos Carthaginenses, que quiz fugir a pè; disse-lhe Ellopidas: *O Dionysio, quam sermoso he aos Tyrannos hum ornato na sepultura!* Isto o deteve, & com muy poucos Soldados venceu, & se restaurou. E a *Constança*, com que Luiz, que chamáraõ Pio, Emperador, & Rey de França, soffreu as injurias, trabalhos, & excessivas misérias, a que o reduziraõ seus vassallos, & seus proprios filhos, até o privarem do Reyno, & Imperio, despindo-o em auto publico de suas insignias: & depois de alguns annos lhe restituirão tudo os mesmos, que o haviaõ despojado. 25 Com semelhante soffreu Justiniano II. Emperador de Constantinopla, despojado, & afrontado, com as orelhas, & narizes cortados por Leoncio, até que a mudança do tempo o restituího ao Imperio, & lhe deu vingança de seus inimigos. 26 Dom Sancho I. que chamáraõ o Gordo, Rey de Leão, soffreu constantemente desterro por Reynos estranhos, até que pela remissaõ de seu competidor Dom Ordonho recuperou o perdido. 27 O Conde Fernão Gonçalves de Castella padeceu com bom animo larga prisaõ do mesmo Rey de Leão Dom Sancho, até que a Infanta Dona Sancha sua mulher o foy libertar com a astucia de ficar por elle no carcere, lançando-o fóra trocados os vestidos. 28 O Papa Alexandre III. constantemente levou a perseguiçaõ do Emperador Friderico Barbaroxa, fugindo disfarçado, & servindo hum Convento de Religiosos em Veneza, até que por oraçoens o descobrio Deos, & foy restituído. 29 Em nossos dias foy illustre exemplo ElRey da Grã Bretanha Carlos II. que vendo seu pay morto impiamente por seus vassallos por modo nunca visto, ficou desterrado com seus irmãos muyto meinos, & sua mãy Princesa clarissima; mas atreveuse a tomar as armas contra o Tyranno, que estava todo poderoso. E vencido em batalha seu menor poder (se bem nella se mostrou invencivel seu valor) soube retirar-se disfarçado, & socorrido de huma mulher, que acaso o conheceu. Andou annos por terras estranhas: & nem todas lhe permittiraõ refugio, receando provocar a ira do Tyranno. Tudo mais insofrivel, por ser este hum homem vil sem qualidade. Mas aquelle animo Real se conservou generoso: & constantemente folicitou, & esperou a restituicaõ, que em fim alcançou por morte do Tyranno, melhor aconselhado dos seus, & ajudado principalmente de hum insignemente leal, & valeroso, remunerado depois com o digno titulo de Duque de Albemar. Fora demasiadamente prolixo referir mais exemplos, em que a *Constancia* nas adversidades deu lugar a sobrevirem bonanças, que a impaciencia impediria, ou matando o perseguido entre desesperaçãõ, & tristezas, ou tirando

24 Job 42. *Ælian. l. 4. cap. 48.*

25 Robert. Gaguin. de Francoy
gest l 4 in Ludovic. Piam.
Nicol. Gesner in *Annal. Franc. an.*
829.
P. Lyfieux na *Pbilos. Christ. p. 2. c. 5.*
ad fin.

26 *Jul. de Castib. hist. dos Godos*
l. 2. Discurs. 11.

Brito, Monarch. Lusit. p. 2. l. 6. tit. 4.

27 *Marian. hist. de Hespanh. tom.*
1. l. 8. c. 7.

28 *Marian d. l. 8. c. 7. ad fin.*
Bitto d. p. 2. l. 7. c. 22. ad med.

29 *Lovedan. na vida de Alexan.*
dre III pag. mibi 58.
P. Lyfieux *suprà c. 39.*

586 Dominio sobre a Fortuna,

rando-lhe o animo para obrar, & para vir a lograr o fruto das mudanças, que no Mundo são ordinarias.

30 *Ecclef. 1.16. Vx his, qui perdidit sustinentiam?*

31 *Demetr. apud Bruson. l.3.*

32 *Psal. 9.19.*

6 Bem disse o Ecclesiastico: 30 *Ay dos que perdêrão a Constancia em soffrer!* Incapacitaõ-se para virem a ter bonanças. Este he nelles o mayor mal. As adversidades são prova dos homens: elles mesmos se não conhecem, se não se experimentão nellas. Demetrio Falerio 31 dizia, que os Deoses não amavão, a quem as não davaõ: porque era final de que ou se não lembravão delles, ou os tinhão por cobardes para combaterem. Este dito de hum gentio muyto ao humano, escusa repetir o que os Escriitores Christãos dizem a este proposito com razoes mais altas para o espirito: o prejuizo, ou proveyto das adversidades está em as saber levar: quem tiver paciencia constante, não perecerá, conforme a promessa, que Deos fez por boca do Psalmista. 32

C A P I T U L O XXVII.

Que a Conformidade com Deos em qualquer successo dà dominio sobre a Fortuna.

1 **A** Esperança constante, de que tratámos no Capitulo passado, convem que tenha termo. Acabar primeyro de viver, que de pretender, he grande miseria para o corpo, & para a Alma. Quem depois de largas diligencias pelos caminhos, que ficão apontados, não alcançou, entenda, que he disposição de Deos para os fins, que elle sabe, & que lha mostra pelos effeytos, que são as vozes do Senhor para os entendidos.

2 *Suprê c.13.*

2 *Homer. apud Lyssum de Constant. l.1. c.14.*

3 *Job 2.10. Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiemus?*

2 Assim como dissemos, 1 que antes de procurar se deve o homem resignar na vontade de Deos: assim, depois de defenganado em que não pôde conseguir, se ha de conformar com ella, pelas mesmas razoes, que naquelle lugar expendemos. O mesmo Governador, que cada dia move, & revolve os Ceos, tempêra a alternativa das causas, ordena, & dispoem os successos na terra. Do alto pendem todos atados por huma cadeia de ouro, como significou a Fabula de Homero. 2 Daquelle Sol resulta o Oriente, & Occidente das cousas: daquella Lua a enchente, & vazante dos bens. O que nos dà, he seu: o que nos tira não era nosso. Se recebemos a abundancia, porque não soffreremos a falta? 3 Os Astros, os Elementos, toda a natureza segue sem repugnancia aquella summa ley. Só o homem, pó vilissimo, & sombra, não lhe ha de ser obediente? Quer sempre hir vento em popa nesta navegação? Quer, como os Gigantes, tirar a Deos o sceptro do governo? Se se preza de racional, contente-lhe o que contenta à Sabedoria suprema. Nasceu com as pensoens de mortal

tal :leve voluntario, o que não pôde evitar. A verdadeyra li-berdade, he obedecer a quem governa bem.

3 Quando não houvera outra razão, bastava considerar o que devemos à vontade de Deos. Por sua vontade sem obrigaçãõ alguma nos creou, nos remio, nos sustenta, nos oferece sua graça, & nos promete sua gloria. Por vontade a que somos tão devedores, bem devemos soffrer alguns trabalhos: pois até os irracionaes naturalmente são agradecidos. O açor faminto, porque larga na madrugada o passarinho, que na noyte fria teve entre as unhas, fenaõ porque elle o esteve aqueitando? A cegonha, porque feyta piedoso Eneas, traz às costas, & sustenta no ninho o pay já velho, fenaõ porque quando podia a criou, & alimentou? Sabidos são muytos exemplos 4 de Aguias, Leoens, Onças, Elefantes, & outros animaes, não só volatiles, & terrestres, mas tambem aquaticos. Como se vio nos Delfins, que livraraõ Cero Pario do naufragio, em que os companheyros perecêraõ, & o puzeraõ na praya Byzantina, que os moradores admirados, por este successo chamáraõ Cerancia, só porque elle no mesmo lugar, compadecido de seus gemidos, os havia livrado das redes de huns pescadores. E morrendo o mesmo Cero depois, sendo seu corpo levado à mesma praya, (que lhe estava dedicada) quando se lhe faziaõ as exequias, os Delfins com maravilhoso instincto, debayxo das aguas conhecêraõ que estava alli seu libertador, & apparecêraõ junto à terra, & estiverão condecorando aquelle acto, até o corpo ser queymado, 5 conforme ao costume antigo. Deste natural agradecimento em todas as creaturas, temos escrito largamente em outro tratado, 6 que a rémora da verdade impede chegar ao porto. Se os brutos não faltaõ a esta obrigaçãõ, que homem se não envergonhará de faltar a ella? Na conformidade mostraremos melhor, que amamos a Deos; porque amallo, porque nos creou, he respeyto de filhos: porque nos remio, he tributo de libertos: porque nos sustenta, he agradecimento de honrados: porque nos dá graça, he correspondencia de devedores: porque nos promete a gloria, he negociaçãõ de pretendentes: mas amallo só por quem he, mostra fineza de verdadeyros amantes. Porém amemos embora como interessleyros, porque sempre nos faz bem; na sua vontade não cabe fazer mal; tudo o que obra he infinitamente bom: levemos com gosto os bens, que nos dá encubertos nas adversidades soffridas com paciencia; não olhemos para o que faz: olhemos só que elle o faz, para o termos por bom: elle he a regra da razaõ, quem a não seguir, está incapaz della.

4 Com elegancia sua disse o grande Agostinho, 7 que teve Deos por melhor fazer bens dos males, que não permitir estes. Permittio afflicçoens no seu povo, para que seus

4 Apud Aristot de Animal. lib. 9 c. 13. Plin. l. 8. c. 16. & 17. Hian. hist. Animal. l. 7. c. 43. Gel. Noct. Asticar l. 5 c. 14. Funes, & Mendog. ad hist. Arist l. 2 c. 14. ad med. Hieron. Hueria nas Annot. a Plin. l. 8 c. 12. & 16. l. 10. c. 3. Valdecebro, & outros Authores.

5 Etian. sup. l. 1. c. 10. In aquel. in l. S. unquam, verbo, de natione largitus n. 67. C. de revoc. donat. Fr. Hytor Pinto p. 2. Dial. 2. c. 12. Hueria ad Plinium l. 9. c. 18 que referem outros Authores.

6 Tractatus de servitijs vassallorum remunerand. à Princip. p. 2. §. 1. à n. 1. & §. 2. à n. 3.

7 D. Augustin. in Eubirid. 112. Melius judicavit de malis bona facere, quam permittete mala nulla.

Reys idolatras se arrependessem. Permittio perseguição contra a Igreja, que nascia, porque na gloria dos Martyres a fazia crescer. Permittio, que se levantasse hum Attila a destruir o Mundo, para que aquelle castigo do Ceo desferasse vicios da Christandade. Fazia, que os máos fizessem dos máos bons (grande milagre!) disse Boecio. 8 Acima dêmos outros exemplos. 9 O' Sabedoria, & Omnipotencia Divina! o que parece ruina, he para conservação do Universo.

5 O mesmo succede nos particulares. Nenhum pay terrestre ama tanto os filhos, como nos ama o Pay Celestial. Aos Discipulos disse Christo, 10 que os amava, como o amava seu Eterno Pay. Como se pôde logo crer, que não ordena tudo para nosso bem, se nos soubermos aproveytar? Distribue por todos, como lhes convem, & sabe o que convem a cada hum. Quantos serião ditosos, se não houvessem subido a prosperidades, de que cahiraõ? As historias etão cheas de exemplos. Não peçamos senão o que mais nos convenha. Põde ser que usariamos mal das bonanças com esquecimento de Deos, em cousas nocivas a nós mesmos. Compaõ de adversidades sustenta os escolhidos. Sua graça he tão preciosa, (notou hum Varão Santo 11) que não admite doçura de consolaçoens terrenas. Quem busca ansioso descanso temporal, não chegará ao eterno. Aos Discipulos, que tanto amava, disse que mandava pelo Mundo como cordeyros entre lobos. 12 *Foy-me bom, Senhor*, dizia o Psalmista, 13 *que me humilhastes, para que aprenda vossas justificaçoens.* As afflicçoens são academia para o animo, prova para as virtudes, emenda para os peccados, & merito para com Deos: fabricaõ a morada celeste: são pay, que como a meninos nos tira das mãos a faca, para que nos não firamos, ainda que choremos por ella. Pay, que nos remedeia, quando parece que castiga. Maltrataõ no exterior, deyxando intacto o principal: como se diz dos Perças, que quando querem castigar hum varão illustre, só lhe tiraõ as insignias, que veste, & suspenças as açoutaõ sem tocarem na pessoa. 14 As prosperidades são mãy, que nos corrompe, em quanto nos afaga. Quantas vezes dellas se tirão dores? He justo juizo de Deos, que o que se buscou com excesso de gosto, não se acabe de lograr sem amargura, & confusaõ. 15

6 Sendo pois nosso util a conformidade com a Divina disposiçaõ, nescio ferá, quem a não abraçar com gosto. Mas se a ignorancia, & natural fraqueza não admite gosto, accommode-se com paciencia, sinta a dor, sem se deyxar vencer della. O tempo de merecer he o de padecer. Se se lembrar do que interessa, achará descanso. Costumava dizer hum daquelles famosos Padres do Ermo, que não podia o homem ter verdadeyro descanso, & contentamento nesta vida, se não

8 Boet. apud Lypf. sup. l. 2. c. 7.

9 Sup. c. 19. n. 1.

10 Joann. 15. 9.

11 Thom de Kép. de Imit. Christ. l. 2. c. 53 in princ.

12 Matth. 10. 16 Luc. 10. 3.

13 Psal. 118. 71 Bonum mihi, quia humiliasti me, ut discam justificationes tuas.

14 Refert Lypf. de Constant. lib. 2. cap. 9.

15 Kempis sup. l. 3. c. 12 n. 3.

não fizesse conta, que no Mundo sómente estava Deos, & elle. 16 E São Dorotheo 17 conta, que aquelles Padres tinhaõ grande exercicio em tomarem todas as cousas como vindas da mão de Deos, por pequenas que fossem, & de qualquer maneyra que viessem; & que com isto se conservavaõ em quietação, & viviaõ huma vida do Ceo. Deste modo, diz outro Santo, & prudentissimo varão, 18 não necessita o homem de remedios, ou consolaçoens humanas. Só esta he a paz do coração, & a quietação do espirito: fóra disto tudo he duro de soffrer.

16 Refere o Padre Affonso. Rõndrig nos Exerc. espir. p. 1. & at. 8. ca. 1. in fin
17 S. Dorothei. doct. 7.

18 Kempis sup. d. 1. c. 12. n. 2. & 1. 3. c. 15. n. 4.

7 Este he o infallivel meyo de dominar a *Fortuna*, meyo que está na mão de cada hum de nós. Persegão os homens: enfureção-se os mares: abraze a terra: fulmine o Ceo: altere-se a natureza: tudo succede à vontade de quem se confórma com a de Deos. Não offende a *Fortuna*, antes lhe obedece, pois anda a seu gosto em todos os successos.

C A P I T U L O XXVIII.

Aponta se, como se facilitar á mais a Conformidade com a vontade de Deos.

1 SENECA, Boecio, Petrarca, 1 & outros Escriitores sobre esta materia deraõ largamente excellentes razoens, que aliviando o sentimento na adversa *Fortuna*, fazem mais facil a *Conformidade* com ella, como disposiçaõ Divina. Seria superfluo repetir o mesmo. Diremos, posto que com menos elegancia, o mais que se nos offerece para o intento.

1 Senec. de remed. fortun. Severin. libet. de Consolat. Petrarcb. de remed. fortun. l. 2.

2 Os antigos Filozofos conhecêrão sós tres especies de morte correspondentes a tres especies de vida, vegetativa, sensitiva, & natural. Os Estoicos consideráraõ nesta terceyra outra morte, & outra vida, que era morrer, ou viver à fama. 2 Os Doutores Sagrados 3 ajuntáraõ mais duas, viver, ou morrer à graça: viver, ou morrer ao peccado.

2 Tol. in Paradox. Mors terribilis est his, quorum cum vita omnia extinguitur; non his, quorum laus emori non potest. Tacit. hist. lib. 1. Mors omnibus ex natura æqualis est; oblivione apud posteros, vel gloriã distinguitur. Virgil. Æneid. 10. Stat sua cuique dies, &c. Sed famam exteudere factis. Hoc virtutis opus.

3 Esta morte, ou esta vida, nota São Gregorio Nyffeno, que está na mão do homem. Somos pays de nós mesmos, diz o Santo, dandonos o nascimento, que queremos. 4 Christo Senhor nosso explicou no Evangelho 5 este nascimento. Hum Escriitor 6 de grande espirito disse, que se queremos nascer à graça, nascemos varoens fortes, que o Demonio teme como Faraõ temia os menipos Hebreos, que nasciaõ, & por medo os mandava affogar. 7 Se ao peccado; nascemos femeas fracas, que o Demonio não teme, nem Faraõ temia. E assim nos adverte o mesmo São Gregorio 8 em outro lugar: *Procuremos nascer de modo, que nosso nascimento seja molesto a nosso inimigo.*

3 D. Ambros. sup. Luc. 4 D. Gregor Nyssen. homil 6. in Eccles. Id quod vult quisque nascitur; nobis ipsis quodãmodo pater sumus. 5 Jean. 3. 6 P. Lysieux na Philosoph. Christ. p. 2. no princip. 7 Exod. 1. 16. & 21. 8 D. Greg. Nyssen. de vit. Moysis. Studeamus ita nasci. ut hosti nostro pater noster molestus sit.

4 A vida ao peccado he a que chamamos *vida dos sentidos*, ou *viver ao Mundo*. O Profeta Ezequiel 9 lhe chamou *vida de sangue*. Christo Senhor nosso, 10 *vida de carne*. Santo Agostinho 11 a comparou á vida do Demonio. He aquella, com que o homem vive a si mesmo segundo homem, tratando só de si, & só consigo, comprazendo-se em si, & governando-se por si, sem se referir a Deos tendo o por seu tudo, como he obrigado conforme ao recto de sua creação. A vida á graça he em tudo contraria. Vive principalmente a Deos, & segundo Deos: tudo lhe attribue, toda se lhe refere, segundo a rectidão, com que foy creada: sobmette os sentidos á razão, & a razão a Deos.

5 Aquella he tão arriscada, que não só o homem não deve viver segundo homem, mas nem os Anjos devem viver segundo Anjos: que por isso, diz o mesmo Santo Agostinho, 12 cahio Lucifer com seus sequazes. Tomou Lucifer preceyos de si mesmo, gozando-se na sua natureza Angelica, achando complacencia de suas perfeçoes como proprias, devendo despir-se de suas intelligencias, sabendo-se de si mesmo, & pondo-se em Deos, cuja vida he regra de todas as vidas. Pelo contrario os Anjos Santos renunciando tudo o que tinhaõ, tudo attribuirão a Deos, & já entãõ interiormente praticarão em si a abnegação, & desprezo proprio, que o Senhor depois aconselhou no Evangelho. 13 Cada hum acha o que busca; quem busca a Deos, acha a Deos; quem se busca a si, acha-se a si, que sem Deos se ha o mayor inimigo. 14 Como quer o homem viver como homem, se nem os Anjos devem viver como Anjos, & se tornarão demonios os que assim quizerão viver?

6 Tal vida he bem que morra, & que nõs mesmos a matemos em nõs mesmos; que sem a matarmos não ha de morrer por si como a natural; porque he mais forte, & não lhe he nocivo o que he nocivo a esta. A esta natural (diz Santo Agostinho 15) temeramos menos desastres, se fora de vidro: porque o vidro com se guardar fechado se conserva securos, & não está exposto a doenças, que não podemos evitar. Pelo contrario a vida dos sentidos, & carne vive em todos os climas, com qualquer mantimento, sem temor de animaes venenosos, nenhum perigo recea, sustenta-se entre os frios da Scythia, entre as calmas de Guinè, com manjares grosseyros, mordida de aspides, vista de Basiliscos: em quanto o homem vive, ella vive, & quando o homem morre, ella não morre, pois ao outro Mundo o acompanha. Para que morra, he necessario que a matemos sem crime de homicidio, antes com a virtude, que o Divino Mestre ensina, 16 pois he tão opposta á vida da graça, como o mal ao bem, o Inferno ao Ceo, & a dous senhores tão encontrados ninguem pôde servir. 17

9 Ezechiel. 16. 6.

10 Joann. 3. 6.

11 D. Augustin de Civit. Dei l. 14. c. 1. & 4.

12 D. August. d. c. 4.

Nec Angelo secundum Angelum sed secundum Deum, vivendam fuit, ut stare in veritate.

13 Matth. 16. 24.

14 Thom. de Kép. de Imit. Christ. l. 1. c. 7. n. 3.

15 D. Augustin. serm. 1. de verb. Domin. Si vitrei essemus, minus casus timeremus, &c.

16 Jean. 12. 25.

17 Matth. 6. 25.

7 Mas como mataremos esta vida, se tanto a amamos? Como o menino quer mais à ama que lhe dà o leyte, que à mãy que o gerou: & já crescido mais quer à mãy que o afaça, que ao pay que o doutrina: assim o homem, com juizo pueril, mais ama a vida dos sentidos, que o regala, que a natural, em que subsiste, porque esta ordinariamente lhe dá trabalhos. Por isto muytos animosamente arriscaõ a natural, & não tem animo para deyxarem a deliciosa; mais sentem offenderse-lhes a vida dos sentidos, que a natural. Alexandre Magno teve valor para beber a purga, que lhe deu seu Medico Filippo, estando avisado de que o queria matar com ella: & matou a muytos, por não poder soffrer; que o notassem de alguns vicios. 18 Estarchatero Rey de Dinamarca por huma leve causa quiz morrer, & deu hum precioso collar a Hetero, porque lhe cortasse a cabeça. 19 E Herodes Rey de Judéa cortou a cabeça ao Baptista, porque o advertio de hum peccado. 20 Por isto disse Tertulliano, 21 que os prazeres do corpo tiravão mais soldados a Jesu Christo, que os martyrios dos Tyrannos. E assim o mesmo Senhor 22 propoz aos peccadores para o juizo final a pena do fogo, que he dos sentidos, & não a da privação da vista de Deos, porque esta temeriaõ menos, sendo muyto mayor.

8 He verdade, que talvez a consciencia accusa, 23 o juizo conhece o mal, a vontade começa a aborrecello, porque a virtude nasce em nós com a natureza racional, & se chama *Synderesis*; ou *Syneresis* aquelle conhecimento, que a luz da razaõ tem dos primeyros fundamentos, & principios da virtude, & aquella inclinação a ella, que a esta luz corresponde sem nossa vontade. Assim como, conhecer que devemos amar a quem nos faz bem: & que não façamos a outro, o que não queremos que a nós se faça. Esta conserva huma faísca da natureza rectamente creada, que pelo peccado de nosso primeyro pay ficou cuberta com as cinzas da corrupção. A qual scintilla he a razaõ natural, para discernir o mal do bem. Mas não tem perfeyto, & eficaz lume da verdade, nem forças para se livrar das cinzas, que o affogaõ. E o máo habito he tão poderoso, que continua contra a vontade: obra o homem (como diz o Apostolo 24) contra o que quer; amando o bem segue o mal, conhece o mal do Mundo, & com tudo o segue. Santo Agostinho 25 confessou, que assim lhe succedia, quando cuydava em sua conversão: que fluctuava em cuydados: que os ventos o impelliaõ a huma, & outra parte: que buscava o de que fugia: que se resolvia, mas dilatava: que assim passava o tempo de dia em dia, & cada dia morria em si mesmo.

9 Isto não he falta de liberdade: he falta de valor: a liberdade he remissa em usar de seu poder; sem ser forçada se deyxar levar dos sentidos; sendo senhora se faz escrava, de

18 *Q. Curt. hist. Alex. l. 3. ante med. & l. 6. ac atibi.*

19 *Saxo l. 8. Dissimos no trat. Eva, & Ave, p. 1. c. 36. n. 13.*

20 *Math. 14. à n. 4. Marc. 6. à n. 18.*

21 *Tertullian. l. 5. sect. c. 2. Plures invenies, quos magis periculum voluptatis, quam vitæ advocat ab hac secta.*

22 *Math. 25. 41.*

23 *Psalm. 50. Peccatum meum contra me est semper.*

24 *Paul. ad Rom. 7. 15. Non enim quod volo, bonum hec ego, sed quod odi malum, illud facio.*

25 *D. August. Confess. l. 6. c. 113.*

26 Kempis sup l. 1. c. 21. n. 2. in princ.

Sæpe vanè ridemus, quando meritò flere debetemus.

27 Paul 2. ad Timoth. 2. 2. Labora sicut bonus miles Christi Jesu.

28 D. Ambros. Offic. l. 1. c. 36.

29 D. August. Confess. l. 8 c. 11. Quaudiu, quaudiu? cras, & cras? Quare non modo? Quare non hac hora finis turpitudinis meæ?

30 Q. Curt. hist. Alex. l. 3. prope fin.

31 Plutarch. in vit. Scipion. Valer. Maxim. l. 4 c. 3. n. 1.

quem lhe deve obedecer: por vaidade, ou por preguiça, & negligencia ri, quando de vera chorar. 26 *Trabalhay* (diz São Paulo 27) *como bom Soldado de Christo JESU*. Trabalhemos em pelear contra os sentidos: quem mais combate, mais merece. Vencidos elles, he muyto facil vencer tudo o mais. Se estamos mal costumados, hum costume se vence com outro contrario. O valor não consiste nas forças corporaes, senão na virtude do animo. 28 Assopremos aquella faísca natural, de que dissemos, & se alentará: quanto mais sahirmos de nós, tanto mais nos chegaremos a Deos.

10 Muytas vezes nos resolvemos bem; mas não executamos. E sem execução nada val a resolução. Ao grande Capitão Antonio de Leyva, celebre nas guerras de Castella com França, nomeavaõ muytos vulgarmente com o titulo de *Senhor*. E se diz, que ganhou tanta honra, porque nunca entrou em conselho sem resolver, & nunca resolveu sem executar. Neste Soldado da terra aprendamos a milicia do Ceo: E melhor, porque nesta não he impedimento para a execução; resolver, & retardalla, he o mesmo, que não resolver. O que se determina para à manhã, *porque se não fará logo?* dizia Santo Agostinho, 29 quando dilatava de dia em dia sua conversão; & com isto a executou. Se hoje morreremos, aonde estaremos à manhã? Aonde hiremos fazer, o que não fazemos aqui? A morte nos tirará destes cuydados, & não sabemos aonde nossa negligencia hirá parar.

11 Por mais que as historias digaõ, por mais que a fama brade, não houve no Mundo varaõ tão entendido, & valeroso, como foy qualquer Santo. Entendeu melhor que todos, o que convinha: executou melhor que todos, o que entendeu. Alcançou vitoria do mais forte inimigo, que foy elle mesmo. De Alexandre, conquistador de grande parte da Europa, & de quasi toda a Asia, refere Quinto Curcio 30 por acção de especial valor, fugeytar os sentidos vendo a Syfigambis mulher de Dario, a mais fermosa de seu tempo. E de Scipião Africano, vencedor de tantas batalhas, & do quasi invencivel Annibal, disse Plutarco, 31 que era celebrado de todos os Escritores por exemplar de valor, pela continencia, de que usou com a nobre donzella Hespanhola, que se lhe levou prisioneyra. Nas outras occasioens venceraõ Alexandre, & Scipião, aos que puderaõ ser vencidos delles: nestas venceraõ a si proprios, que não puderaõ ser vencidos de outrem. O mesmo valor mostráõ com melhor espirito em occasioens semelhantes os abalizados Santos, S. Bento lançando-se nos espinhos; S. Francisco lançando-se nas brazas; S. Bernardo, & outros Soldados de Christo, como se lê nas suas vidas. O muyto, que obráraõ, nos deve animar a seguillos.

12 Por esta maneyra fica mostrado, que a vida dos sentidos nos engana, & em quanto a não matarmos, não poderemos